SUELI DE FÁTIMA FERNANDES

HISTÓRIA, SOCIEDADE, CONHECIMENTO:
– UM DIÁLOGO NECESSÁRIO E SEM LIMITES

Monografia apresentada ao Curso de Especialização — pós-graduação "lato sensu" da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista.

CURITIBA
1992

PROFESSORA ORIENTADORA: VERÔNICA BRANCO
Mestre em Educação - Recursos Humanos e Educação Permanente
Professora Asistente - Departamento de Métodos e Técnicas em Educação

DEDICATÓRIA

Ofereço este trabalho à todas as pessoas, que junto comigo, acreditam na possibilidade da realização de uma escola pública de qualidade.

AGRADECIMENTOS

-À Professora Verônica Branco que através de sua dedicação possibilitou a realização deste curso.

-À Secretaria Municipal de Educação que possibilitou a dispensa dos professores envolvidos neste projeto.

-À direção, professores e funcionários da Escola Municipal Jornalista Cláudio Abramo pela colaboração prestada durante o desenrolar deste trabalho.

-As colegas alfabetizadoras, em especial a amiga Rosana que através de seu trabalho, experiência e senso crítico colaborou para a realização deste trabalho.

-A amiga e coordenadora pedagógica Martha que através de sua experiência e comprometimento profissional permitiu a ampliação de meus conhecimentos em relação a alfabetização.

-A amiga Lígia que através de seus estudos e comprometimento com a questão da educação, tornou possível vislumbrar o processo pedagógico de forma mais científica através do conhecimento da ciência da História.

-As colegas de curso que ao longo de um ano de convívio e troca de experiências batalharam comigo para a realização deste trabalho. Em especial as amigas Ana, Elidete e Luíza que compartilharam mais intimamente de todas as derrotas e vitórias vivenciadas durante este período.

-Em especial aos meus pais Evaristo e Aparecida que investiram e acreditaram em mim, ao meu marido Odair pelo apoio e compreensão e aos meus filhos Filipe e Gustavo(gerado durante o curso), pelo carinho.

R E S U M O

Coube a este trabalho de forma geral realizar uma análise teó rica do processo de alfabetização através da utilização da Ciência da História como parâmetro de análise.

Além desta, este trabalho pretendeu analisar as dificuldades impostas pelas metodologias praticadas atualmente nas classes de alfabetização além de discutir possibilidades de solução das mesmas apresentando uma proposta de encaminhamento metodológico que busque solucionar as necessidades impostas para a alfabeti - zação neste momento histórico.

S U M Á R I O

		Página
	APRESENTAÇÃO	02
CAPÍTULO I	- O Problema	03
CAPÍTULO II	- Revisão Preliminar da Bibliografia . .	05
	- História,Sociedade,Conhecimento: um diálogo necessário	05
	- Educação: um diálogo sem limites. . ..	17
	- Alfabetização: um processo histórico portanto em mudança	28
CAPÍTULO III	- Passos Metodológicos	43
CAPÍTULO IV	- Análise das Atividades de Lecto Escrita desenvolvidas pelas crianças	45
CAPÍTULO V	- CONCLUSÃO	103
	ANEXOS	105 a 124
	BIBLIOGRAFIA	

APRESENTAÇÃO

Este trabalho consta de cinco capítulos dispostos da seguinte maneira:

O Capítulo I apresenta o Problema onde discute-se de maneira geral os principais aspectos relacionados ao tema deste trabalho.

O Capítulo II trata da Revisão Preliminar da Bibliografia onde discute-se teoricamente a História, a Sociedade e o Conhecimento e em especial a questão da alfabetização neste contexto.

O Capítulo III consta dos Passos Metodológicos utilizados para a realização deste trabalho.

O Capítulo IV contém a Análise das atividades de Lecto-Escrita desenvolvidas pelas crianças.

Finalmente o Capítulo V apresenta a Conclusão deste trabalho.

CAPÍTULO I

Entender a sociedade como produto da ação recíproca dos homens, é compreender que a uma determinada organização social, corresponde uma situação ideológica determinada, que nada mais é do que a expressão dessa sociedade.

Neste sentido, sem uma prévia compreensão do movimento e do caráter histórico da sociedade capitalista, das leis que a regulam e de sua organização, qualquer tentativa de análise das funções exercidas pela educação revelam-se inconsistentes.

De forma geral a reflexão sobre os conteúdos da educação, em especial a alfabetização, manifestam análises fechadas no interior dos muros da escola, não concebendo a alfabetização como uma necessidade produzida pelos homens, portanto histórica.

Diante desta análise parcial, o foco das discussões se restringe a identificar os índices alarmantes da evasão e repetência nas séries iniciais e justificá-los através da ineficácia dos métodos de ensino, das deficiências dos alunos ou da fragilidade teórica dos professores, isto é, se discute apenas os aspectos formais do problema.

Faz-se necessário ao educador, que tenta superar as dificuldades impostas pela metodologia praticada atualmente nas classes de alfabetização, compreender o caráter histórico da sociedade atual porque ela aponta os limites e contradições dessa prática.

Neste sentido, esse projeto desenvolveu-se tentando analisar a alfabetização como um processo mais amplo - síntese das contradições impostas pela sociedade - buscando em sua sistematização promover, através da utilização da ciência da História como parâmetro de análise, a elucidação e compreensão das leis que o regem.

Coube a este projeto desta forma responder aos seguintes questionamentos: 1) Quais as necessidades impostas pela sociedade capitalista sob a forma imperialista, em relação ao processo de alfabetização? 2) De que forma a educação, em especial a alfabetização poderá contribuir para a transformação da realidade social?3) De que forma historicamente a alfabetização vem se colocando como necessidade, a partir da emergência da sociedade capitalista para o conjunto dos homens? 4) Quais as soluções encontradas para a resolução dos problemas do analfabetismo neste momento histórico?5) Quais as dificuldades impostas pela metodologia praticada atualmente nas classes de alfabetização?

Pretendeu-se como objetivo genérico na sistematização deste projeto de pesquisa, fornecer ao professor alfabetizador elementos para reflexão sobre a alfabetização dentro da perspectiva da Ciência da História, numa tentativa de desvelar a realidade social em que o mesmo está inserido.

Além deste, este projeto pretendeu alcançar outros objetivos tais como:

- Analisar as dificuldades impostas pela metodologia praticada atualmente nas classes de alfabetização.

- Discutir as possibilidades de solução dos problemas do analfabetismo neste momento histórico.

- Apresentar uma proposta de encaminhamento metodológico que busque solucionar as necessidades impostas para a alfabetização neste momento histórico.

Como proposta de ação, este projeto de pesquisa desenvolveu-se em Curitiba, no bairro Capão Raso, no ano de 1992, no período de fevereiro a dezembro, na Escola Municipal de Educação Integral Jornalista Cláudio Abramo, que conta com uma clientela predominantemente oriunda das classes populares de baixa renda familiar.

Faz-se necessário explicitar dificuldades encontradas na realização deste projeto.

A priori, a maior dificuldade diz respeito a escassez de referências bibliográficas que discutissem o processo de alfabetização na perspectiva da Ciência da História, a qual fundamentou teoricamente este trabalho.

Como opção metodológica, concluiu-se que o encaminhamento dado pelo presente trabalho caracterizou-se por ser uma pesquisa experimental.

A mesma propôs uma realização teórico prática capaz de promover um melhor entendimento da situação de alfabetização e desenvolvimento da criatividade .

Foi assim um trabalho de construção e como tal, utilizou-se da metodologia experimental para o seu desenvolvimento. Foi realizada a análise das causas e efeitos do processo pedagógico da alfabetização do grupo pesquisado através de observações, registros e estudos, entre outros.

Após o desenvolvimento deste trabalho e alcançados os objetivos propostos, criou-se uma forma de intervenção na realidade, buscando-se senão a transformação da mesma em sua totalidade, ao menos promover soluções parciais aos problemas mais urgentes da realidade imediata.

CAPÍTULO II - HISTÓRIA, SOCIEDADE E CONHECIMENTO: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

A sociedade só pode ser compreendida em sua totalidade, se tomada a partir das relações de produção, ou seja, a partir do modo como os homens produzem a sua vida material.

Segundo Marx, o homem é produto do seu próprio trabalho, portanto ser histórico. Não há nenhuma necessidade humana que exista fora da vida material forjada pelo trabalho.

Esta afirmação, leva a subverter toda e qualquer explicação - principalmente a veiculada pela ciência burguesa - que afirma ser o homem um ser naturalmente dado ao trabalho.

Para melhor se entender a Sociedade, o Homem e as transformações pelas quais eles passam, é necessário recorrer à Ciência da História, aqui entendida como ciência explicativa do processo de produção da vida humana.

> Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser examinada sob dois aspectos: história da natureza e história dos homens. Os dois aspectos, contudo, não são separáveis; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens se condicionarão reciprocamente. A história da natureza, a chamada ciência natural, não nos interessa aqui; mas teremos que examinar a história dos homens, pois quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção distorcida desta história, ou a uma abstração completa dela. A própria ideologia não é senão um dos aspectos desta história. (1)

O homem é um ser histórico e social, ele produz sua existência diferentemente dos animais que se adaptam à natureza. Ele transforma a natureza segundo as necessidades de sua vida material; mas não o faz sozinho e sim com outros homens num processo de interação social, onde a ação de um é determinada pela ação do outro.

Esta sua capacidade exclusiva de produzir e acumular conhecimentos se institui na relação com outros, estabelecendo-se assim, uma relação social.

Pensar historicamente, é pensar portanto, nos distintos modos de produção da vida pelos homens, que correspondem em cada época histórica, numa forma específica de manifestação, numa determina-

---

(1) MARX, Karl. ENGELS, F. A ideologia alemã. 5ª ed. São Paulo - Hucitec, 1986 p. 23-24

da forma de expressão de suas próprias transformações.

> Conhecer à sociedade é dominar as leis que regem seu desenvolvimento. Qualquer forma de sociedade é sempre concreta, histórica, materialmente constituída por homens reais, independente de como esses próprios homens a idealizam. Isto implica que a compreensão de uma dada forma de sociedade demanda a apreensão de sua origem no processo histórico, sua linha de desenvolvimento evolutivo, a estagnação subsequente que a atinge, assim como o processo de decadência que a acompanha inexoravelmente na etapa final de sua existência. (2)

Sem dúvida alguma, foram necessários milhares de anos para que, através do trabalho, surgisse a sociedade humana tal como a conhecemos hoje.

O homem, como produto de seu próprio trabalho, faz a história, na medida em que é por ela produzido. "Toda a riqueza provém do trabalho... o trabalho é o fundamento da vida humana". (3)

Através do trabalho humano - não o trabalho individual, de cada homem, mas o trabalho enquanto prática social, coletiva, de toda a sociedade - e dependendo do nível de desenvolvimento das forças produtivas (instrumentos, matéria-prima, desenvolvimento técnico, etc) determinar-se-á um modo de produção da vida, e uma forma de organização social.

O conteúdo social se organiza nos limites do nível das forças produtivas no interior de uma dada relação social, que já assumiu nos diferentes momentos históricos, as formas escravista, servil e capitalista.

Na sociedade Antiga, o nível das forças produtivas era pouco desenvolvido e todo o trabalho físico era desprezado, desvalorizado e realizado pelos escravos. A reprodução dessa sociedade se dava através da veiculação de seu conteúdo social pela educação - a retórica, a argumentação, o discurso, a arte militar, - necessários à reprodução dos dirigentes e à viabilização daquela sociedade.

A medida em que o escravismo é inviabilizado, não mais possibilitando o avanço daquela sociedade, a relação escravista é superada pela relação servil.

Na sociedade medieval a produção estava essencialmente orientada para uso próprio. Os meios de produção por serem adequados ao uso individual eram muito primitivos e restringiam-se a terra, aos utensílios agrícolas, a oficina e a ferramenta artesanal.

Vigoravam relações pessoais de dependência, principalmente no

---

(2) PEREIRA, Silvina R. Elementos para uma compreensão histórica dos conteúdos. UEM. Maringá, 1991, p.2

(3) NAGEL, Lizia H. O papel do trabalho na transformação... mimeo, UEM, Maringá, p.1.

campo, onde concentrava-se a maior parte da população.

Toda riqueza concentrava-se na posse da terra, cuja maior proprietária era a Igreja. A essência da sociedade traduzia-se nos conhecimentos teológicos, como os dogmas de fé, a predestinação humana, a vida eterna.

Todo o poder e a sabedoria estavam em Deus, portanto a lógica das relações sociais só poderia ser alterada pela FORÇA DIVINA.

O modo de produção capitalista assentado num altíssimo nível das forças produtivas permitido pelo desenvolvimento do vapor e da maquinaria, vem destroçar a velha ordem feudal até então vigente.

Há uma revolução nos meios de produção trazendo a destruição da relação servil através da negação do trabalho para uso e da afirmação do trabalho para a troca.

A nova forma de organização social exige um novo conhecimento que traduz-se através do desenvolvimento das Ciências da Natureza como a astronomia, a Cartografia, a Geografia, etc .

Amplia-se o domínio da natureza como base da produção de mercadorias para a troca, que fundamenta a sociedade capitalista regida pela relação capital e trabalho.

Portanto, há que se compreender as representações que os homens fazem de si e do mundo, como expressões de condições historicamente possíveis, ou como respostas às necessidades postas pelos próprios homens.

> A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real.
> O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanação direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias, etc. (4)

As primeiras manifestações feitas pela consciência humana para explicar a realidade exterior formam um conjunto de idéias, as quais pode se denominar de concepção teológica da história.

Esta concepção consistia em explicar a realidade material pela vontade e ação, direta ou indireta, de um ou muitos agentes sobrenaturais. Os fenômenos observados na natureza não relacionavam-se uns com os outros, mas estavam submetidos a vontades sobre

(4) MARX, Karl. ENGELS. F. p. 36

naturais semelhantes a dos homens.

A explicação da história pela ação da divindade, ou seja,a concepção teológica da história é incorporada no séc. XVIII à outra: a concepção idealista da história.

Esta concepção consiste em explicar a evolução do mundo subordinada a evolução dos costumes e das idéias. A rapidez com que a civilização progredia foi atribuída exclusivamente à cabeça,visto que desde as sociedades mais primitivas, algumas "cabeças" e - ram capazes de planejar todo o trabalho e atribuir a sua realização a outros membros da mesma.

"Para os adeptos desta concepção os pensamentos não valiam como representações mais ou menos abstratas das coisas e dos fenômenos reais, mas as coisas e o seu desenvolvimento valiam como representações da IDÉIA, que já existia de algum modo antes do mundo".(5)

A idéia, ou seja, a consciência humana determina os aconteci - mentos históricos, eles existem à priori da realidade concreta,das condições materiais de vida, pois a "realidade é constituída por idéias, das quais as coisas seriam uma espécie de receptáculo ou de encarnação provisória". (6)

Uma terceira concepção de mundo, seria a chamada concepção materialista da história, que parte do fato de que se deve procurar as causas determinantes da sociedade civil na economia política . Consequentemente, é o desenvolvimento econômico de um povo que determina seu estado social, e por sua vez seu estado político,jurídico, religioso, etc.

O estado econômico por sua vez, advém da luta que o homem trava com a natureza na produção de sua existência.

> A um nível determinado do desenvolvimento das forças produtivas dos homens corresponde uma forma determinada de comércio e de consumo. A determinadas fases de desenvolvimento da produção, do comércio, do consumo, correspondem formas determinadas de organização social,uma determinada organização de família, das camadas ou das classes; em resumo: uma determinada sociedade civil. A uma sociedade civil determinada corresponde uma situa - ção política determinada que, por sua vez, nada mais é que a expressão oficial dessa sociedade civil. (7)

---

(5) ENGELS.F. Do Socialismo utópico ao socialismo científico.3ªed. Biblioteca do Marxismo-Leninismo, Lisbôa, Ed.Avante,1975 p.

(6) CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia? 33ª ed.,São Paulo,Brasiliense, 1991, p.19

(7) MARX, Karl ENGELS. F. Obras escolhidas. São Paulo, vol.3, Alfa Omega. p.245

Desta forma, explicita-se que as relações entre os homens durante o processo de produção deriva das relações de propriedades, pois o que decide a propriedade é o modo de trabalhar, o modo de produção.

O palco onde se desenvolve a história, ou seja, onde se dão as relações de produção que determinam as forças políticas da dominação é a sociedade civil, aqui entendida como um sistema de relações sociais organizado a partir da produção econômica, e que encontram sua expressão ideológica nas instituições que a compõem: jurídica, religiosa, política, moral, científica, etc.

Neste sentido, todo o conhecimento científico produzido pelo homem, revela-se através das condições de produção próprias à cada época determinada. É o conjunto das relações sociais que determinam tanto a produção do conhecimento quanto o conteúdo ideológico do mesmo.

Este conteúdo, está relacionado as necessidades que os próprios homens criam em determinado momento histórico, e essas necessidades se fundam nas condições objetivas das relações sociais.

A essas necessidades correspondem, necessariamente, em cada época histórica, uma forma específica de expressão. Deste modo:

> ... se como capitalismo, ou seja, como sociedade pautada no trabalho subordinado ao capital, a sociedade teve que criar a divisão dos homens em capitalista e trabalhadores livres (trabalho assalariado), à época de Aristóteles, sob outras condições de produção, teve que criar a escravidão. (8)

Cada nova classe em ascensão dentro de um determinado modo de produção, precisa formular seus interesses de modo a obter o apoio do restante da sociedade, contra a até então classe dominante. Precisa dar às suas idéias, a maior universalidade possível, promovendo a justiça para a maior parte dos homens.

No início deste processo é possível que estes interesses demonstrem o interesse da coletividade, visto que, visa a união das classes não dominantes. Entretanto, após alcançado o poder e até mesmo para que possa subsistir como classe hegemônica - seus interesses passam a ser particulares, de classe. No entanto, mantém a aparência de universais para legitimar seu domínio perante o restante da sociedade.

---

(8) TÚLIO, Guaraciaba. Afinal, Proudhon venceu? Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, 1989. p.30

> Em uma palavra: as idéias universais da ideologia não são uma invenção arbitrária ou diabólica, mas são a conservação de uma universalidade que já foi real num certo momento (quando a classe ascendente realmente representava os interesses de todos os não dominantes), mas que agora é uma universalidade ilusória (pois a classe dominantes tornou-se representante apenas de seus interesses particulares). (9)

A passagem de uma forma de produzir a vida para outra, é um processo de transição, que vai obtendo contornos na realidade, percebidos geralmente através de acontecimentos políticos, culturais e religiosos, que expressam como já vimos, as mudanças que estão a ocorrer na prática dos homens.

O surgimento de um novo tipo de pensamento - que expressa um novo modo de organização social - traz consigo a negação da velha forma de viver e suas expressões ideológicas.

A partir do séc. XI, o comércio de desenvolve, os feudos se dividem para arrendamento em pequenos lotes, os campos de agricultura se transformam em pastagens... Enfim, percebe-se claramente o desenvolvimento das forças produtivas através de movimentos políticos e a conseqüênte destruição das relações sociais de produção, que sustentaram o modo de produção feudal.

A produção para o mercado, que tem na fase do capitalismo nascente um caráter extremamente concorrencial, exige para o seu desenvolvimento a difusão dos princípios liberais burgueses, isto é, a liberdade e a igualdade para a produção e a troca de mercadoria.

Toda a produção ideológica deriva portanto, das necessidades asseguradas pelas relações sociais de produção que despontam naquele momento histórico, interessadas em questionar e renegar os velhos ranços da sociedade feudal.

> Essa efervescência no mundo dos homens vai emergir no pensamento da época sob duas óticas distintas: Aquela que representa a REAÇÃO da igreja contra o movimento de transformação social que se instaura, e, aquela que captando o movimento da realidade apoia outras direções para a vida humana que não à que a Igreja vinha fornecendo até então. (10)

Os acontecimentos no final da Idade Média, denunciam através das diversas instituições-econômicas, políticas, religiosas- que o velho conteúdo da servidão estava em fase de dissolução.

---

(9) CHAUÍ, Marilena. p.100

(10) NAGEL, Lizia H. Servidão e Educação. mimeo. UEM, p.8

No entanto, alguns setores sociais com a necessidade de manter a velha ordem, revestiam, sob nova forma, os velhos conteúdos e princípios assumidos pela Igreja, impedindo assim a instauração da nova ordem.

Esta prática de reafirmação de princípios velhos com formas novas é característica dos momentos de crise pelos quais passa uma sociedade. (11)

As tentativas a esse respeito feitos pela Igreja - até o final do séc. XV e denominada ESCOLÁSTICA - tem em Tomás de Aquino seu maior representante, ao qual se impõe a tarefa de retomar sob formas lógico-matemáticas atualizadas as velhas idéias cristãs.

O fundamento das discussões da ESCOLÁSTICA giravam principalmente em torno do domínio da FORMA, jamais do CONTEÚDO real da prática social. "Nenhuma instituição social é imune as transformações da sociedade na qual está inserida". (12)Enfim, uma parte do pensamento cristão assimilava o desenvolvimento da sociedade e começava a pregar novos métodos para conhecer o mundo, não mais vinculados às verdades "reveladas"por Deus.

O novo conhecimento que vem se afirmando nos homens do final da Idade Média, vão ser desenvolvidos até as últimas conseqüências . Porém, os explicitadores dessa nova prática, que se expressa num acirrado debate entre o dogma e a experiência. Sofrem todo o tipo de perseguições possíveis.

"O abandono das velhas formas significava o abandono de relações sociais nelas fundadas. Para evitar ter que abandoná-las era preciso recorrer até mesmo à fogueira". (13)

Temos sobre este tema, os exemplos históricos de Giordano Bruno e Galileu Galilei e sua perseguição pela Inquisição, ao afirmarem novas verdades sobre o curso da natureza não mais assentadas nos dogmas de fé, mas na força incontestável da observação e experimentação.

O novo modo de produção da vida pelos homens, parte de uma necessidade material: a ampliação do Comércio. A esta nova necessidade corresponde uma nova forma dos homens relacionarem-se com a Natureza. A esta nova maneira denominou-se na linguagem da época "EXPERIÊNCIA".

"A experiência constitui a característica essencial dos tempos

---

(11) NAGEL, Lizia H. p. 09

(12) NAGEL, Lizia H. p. 10

(13) FIGUEIRA, Fani G. Reflexões sobre a História.mimeo.1985 p.13

modernos, precisamente porque ela é a lança com a qual uma nova classe - a burguesia - fustiga o velho poder do mundo feudal, o qual por sua vez, se sustenta no dogma".(14)

A cada nova experiência tornava-se mais difícil manter a forma anterior.

Nessa fase de revolução em que a burguesia ainda está se fir - mando e descobrindo a sua própria Ciência, exigem-se conhecimen - tos sobre princípios prático metodológicos que subsidiem de forma eficiente, o domínio do homem sobre as forças da natureza.

Neste contexto, temos a princípio, contribuições individuais , como a de Bacon, que ao contrapor-se ao saber escolástico, propõe um novo conhecimento, ao qual ele chama "interpretação da nature - za".

Bacon, em Novo Organum, combate as instituições educacionais feudais alegando os limites que as mesmas impunham ao desenvolvi- mento da Ciência baseada na experimentação e na observação.

A ciência passa a ter a função prática de captar as leis que governam e constituem a natureza, possibilitando assim sua trans- formação a serviço dos homens.

Função prática que exigia do homem uma preocupação com a rea - lidade no seu significado mais amplo de conhecimento, e/ou domínio das forças naturais em sua totalidade de forma a permitir a trans formação de corpos concretos de um em outro, de produzir o que ain da não se produziu e nem ainda tivesse sido cogitado pela mente humana.(15) A nova lógica burguesa expressa as necessidades ou relações que os homens estão estabelecendo naquele determinado momento histórico.

Após a conquista do poder político pela burguesia na França e na Inglaterra, pode-se considerar o conteúdo de toda investigação científica como expressão absoluta da apologia ao capital.

A partir do momento que como classe revolucionária depõe do po der a velha ordem feudal, a burguesia esquece seus compromissos i deológicos tornando-se uma classe extremamente reacionária.

Este processo de decadência ideológica, que corresponde ao re- trocesso no desenvolvimento de suas formas de expressão, é contes tado pelo proletariado a nova classe surgida no próprio seio da sociedade burguesa. Como forma de auto-preservação, o Estado bur- guês - expressão ideológica legítima do movimento real dos homens- limita a atividade científica a serviço das necessidades impostas

---

(14) FIGUEIRA, Fani G. p.11

(15) NAGEL, Lizia H. Avaliando as avaliações. texto publicado no Jornal !ESCOLA ABERTA".Ano V,nº 11 SME-Curitiba,1988,p.4

pelo capital.

Não mais interessa a busca do conhecimento científico, revelador da realidade, mas àquele que de alguma forma seja útil ao desenvolvimento das novas relações sociais que se estabeleciam sob a égide do capital.

Porém, o conteúdo de uma sociedade é transitório, e como tal expressar-se-á sob diferentes formas, a depender das necessidades expressas pelos homens enquanto um modo de produção se mantém.

Em um mesmo modo de produção entretanto, esse conteúdo apresenta nuances diferenciados: a medida que no processo das lutas, o conjunto das forças que agem no sentido da auto-conservação se mostrarem mais efetivas, mais reacionário será este conteúdo.Por outro lado, se as forças em direção a superação e transformação das relações de produção forem mais dinâmicas, tanto mais revolucionário o mesmo será.

A partir do séc. XIX, temos o auge do desenvolvimento capitalista expresso pela Revolução Industrial e, paradoxalmente o início de sua decadência.

Falar em sociedade capitalista decadente é entender o processo de crises cíclicas e constantes pelas quais a mesma passa.

Com o desenvolvimento acentuado da maquinaria, coloca-se em contradição a relação social que desencadeou o desenvolvimento do capitalismo: a força de trabalho humana.

A classe trabalhadora, até então considerada como classe reprodutora de riqueza, repentinamente passa a ser considerada um entrave ao desenvolvimento das forças produtivas.

O aperfeiçoamento da maquinaria significa tornar supérfluo o trabalho humano.

> (...) a maquinaria se torna a arma mais poderosa contra a classe operária; o meio de trabalho está a arrancar o sustento das mãos do operário, o próprio produto do operário se transforma num instrumento de sujeição do operário.
>
> (...) a grande indústria que percorre todo o globo terrestre à caça de novos consumidores, limita dentro do país o consumo das massas a um mínimo de fome e com isto mina o seu próprio mercado interno.(16)

As crises econômicas pelas quais passa a sociedade a partir de então levam ao declínio da taxa de lucro, impondo sob diversas formas a reorganização do capital.

---

(16) ENGELS, F. p. 88

Neste sentido, o conhecimento produzido em um período que visava a produtividade através do domínio das forças naturais não poderia ser o mesmo de um conhecimento pertinente a um período que lutava para manter sua taxa de lucro.

O novo problema centrava-se então nas Relações Sociais de Produção, e como tal, o método das ciências experimentais desenvolvido por Bacon, que outrora atingiria seus objetivos, perdia agora o seu significado.

A consolidação da sociedade burguesa aponta então, dois caminhos para o desenvolvimento científico:

1) a ciência da história produzida por Marx e Engels, surgida da necessidade de investigar cientificamente a sociedade capitalista enquanto TOTALIDADE;

2) A ciência burguesa, que por sua vez promove a especialização do saber;

Marx e Engels ao criarem uma teoria que possibilitou o conhecimento da sociedade burguesa como um todo, desnudam a aparente autonomia dos sistemas fechados e independentes revelados pela economia e filosofia clássicas, evidenciando-as como subordinadas às leis da totalidade concreta.

A especialização do saber promovida então pela ciência burguesa,encerra entre suas intenções, a preocupação em fragmentar a apreensão do real, dificultando assim à consciência humana a reconstituição da totalidade concreta em forma de concreto pensado.

As ciências nascentes se focalizam sobre áreas cada vez mais restritas do real, e os campos de conhecimento correspondentes se transformam em domínios, cujo acesso se constituiu em privilegiado monopólio dos respectivos especialistas. (17)

As diversas ciências produzidas neste momento histórico e atendendo à necessidades sociais explícitas, vão delineando seu discurso conforme acentuam-se essas necessidades.

A continuidade da crise, a tentativa de reprodução do capital sob outra forma, leva a ciência burguesa a uma tentativa de auto-conservação através da reorganização do saber que lhe era inerente, dando uma nova roupagem ao velho método científico.

A oposição sistemática ao Marxismo, é aos poucos substituída por uma incorporação das suas principais categorias de análise,

(17) ALVES, Gilberto L. Da História à História da Educação.Dissertação (Mestrado em Educação), São Carlos. UFScar, 1981 p.14

a serviço logicamente da distorção e combate ao materialismo histórico.

Neste contexto surge um novo elemento constituinte da ciência burguesa, o Ecletismo, que na tentativa de conciliação de sistemas aparentemente inconciliáveis, ignora suas implicações ideológicas, supondo uma possível neutralidade científica.

> O ecletismo tem na especialização do saber sua pedra angular. Seu fundamento é não se propor a constituir um sistema, mas sim a conciliar os sistemas. Para tanto procura selecionar o que há de válido e positivo em cada um deles. Parte do pressuposto de que cada orientação metodológica se especializa numa esfera do real, jamais podendo esgotá-lo como um todo, portanto. (18)

É comum, mesmo nos dias de hoje, negar-se teoricamente a neutralidade da ciência. Entretanto se assiste no desenrolar da prática científica o respaldo ao fenômeno do ecletismo, que ignora o conteúdo político, de classe, vinculados tanto à elaboração quanto à apropriação do conhecimento.

Questionar este tipo de prática, quase sempre significa ser rotulado de dogmático, o que conseqüentemente acaba por levar o cientista à dissimulação dessa crítica, através de uma prática permeada por um relativismo ideológico, que "pouco se presta para a captação da sociedade enquanto totalidade concreta, na medida em que somente a síntese dialética faculta essa apreensão". (19)

Recorrer ao ecletismo é fazer concessões ideológicas à ideologia burguesa; é negar a possibilidade de um fazer científico que dê conta de aprender o REAL enquanto TOTALIDADE CONCRETA.

É mascarar a realidade social permitindo a legitimação da exploração e da dominação.

Este trabalho tem por objetivo, acima de tudo, assumir uma postura ideológica que contemple em sua sistematização, a prioridade à unidade teórica, isto é, que permita ao professor, ao buscar opções metodológicas a serem utilizadas em sala de aula, que ele esteja perfeitamente consciente de que as mesmas estão diretamente relacionadas à uma concepção do psiquismo humano específica, que por sua vez expressa em suas leis internas uma concepção de homem, de sociedade, de mundo.

É imprescindível que o professor perceba esta determinação interna pela qual passa a ciência, e, portanto, permeia sua prática pedagógica que busca ser a mais científica possível.

A partir do momento que o mesmo considerar este aspecto, suas

(18) ALVES, Gilberto L. p.15

(19) CHAUI, Marilena. p.100

opções não estarão mais a mercê dos modismos pedagógicos,ou da manifestação ideológica - pela qual passam os aparelhos do estado - mas serão autônomas, fruto de uma reflexão consciente.

EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO SEM LIMITES

Através do exposto até aqui, percebeu-se que desvendar os mistérios do mundo dos homens, da vida social, só é possível pela compreensão da própria prática social dos mesmos.

Todo o esforço para sistematizar uma prática, nada mais é do que a necessidade de explicá-la, para encaminhar soluções mais conseqüentes aos problemas que nela se manifestam.

Tentar apreender as crises, por que passa o fenômeno educativo na sociedade capitalista, no interior das instituições educacionais, leva ao invés de superar os problemas existentes, mantê - los sob outra forma.

A Educação como se viu é uma das formas de expressão da prá - tica social, isto porque "a educação - desde que não a entenda - mos apenas como escola - é a reprodução da sociedade". (20)

E a forma como as novas gerações aprendem a conservar e reproduzir a prática social a qual estão submetidos os homens em de - terminados momentos históricos.

Assim, por exemplo, nas tribos primitivas cada jovem deveria aprender a ser caçador ou pescador, sob pena de extinção da mes - ma.

Da mesma forma, a sociedade de classes nos diferentes períodos históricos, exigia de cada classe uma educação necessária à sua reprodução como aquela classe. (21)

> Quando uma classe prepara seus filhos para que sejam ministros do rei, a reverência tem que ser tão exatamente executada como quando se tem que defender a espécie na Terra do Fogo. O desleixo na educação dos jovens anun - cia (ou prenuncia) que esta espécie está em vias de extinção, isto é, não se reproduzirá como tal. (22)

O sistema educacional, não apenas no Brasil como também nos países avançados - submetidos ao modo de produção capitalista - passa por momentos de crise, tanto estrutural, quanto de conteú - do.

Para compreender esta crise, que não é só uma crise da educa - ção, mas uma crise da sociedade capitalista em seu momento de desagregação, há de recorrer-se à História, como perspectiva teórica capaz de possibilitar uma compreensão mais científica da escola atual.

---

(20) FIGUEIRA,Fani G. Crise da Sociedade e Crise da Educação.mimeo Curitiba. 1990 p.1

(21) FIGUEIRA,Fani G. p.2

(22) FIGUEIRA, Fani G. p.2

A História da Educação no Brasil apresenta em seu desenvolvimento uma estreita relação existente entre crise econômica e crise educacional. Vale dizer, que estas crises não são crises exclusivamente nacionais mas crises do capitalismo internacional que respondem às necessidades de desenvolvimento ou rearticulação da sociedade capitalista em novos padrões de acumulação.

Podemos perceber, como os projetos de projetos de reestruração do sistema educacional estão intimamente ligados as grandes crises econômicas. A instisfação com as dificuldades econômicas leva a sociedade a denunciar todas as instituições sociais organizadas e expressões ideológicas desta mesma sociedade.

A crise passa sempre a ser analisada fora da realidades dos homens, ou seja da totalidade das relações sociais e passa a ser vista nos limites de cada instituição, não escapando a escola a essa crítica.

A 1ª Crise do Capital (1873-1893) se manifesta a nível político, em nosso país, na passagem do Império para a República, que com seu novo Projeto Educacional, expõe aos diversos setores sociais a ineficácia do antigo sistema educacional, considerado elitista, livresco e bacharelesco.

A nova proposta tinha como pressupostos fundamentais a consolidação jurídica do novo homem livre, cabendo a escola tanto a transformação do ex-latifundiário em empresário, como do ex-escravo em operário. Era necessário desenvolver a crença da igualdade social entre os novos cidadãos.

A escola passa por uma transformação necessária, que pretende garantir a expansão do capitalismo através da idéia de liberdade. Era necessária a formação do cidadão consumidor, assalariado, habilitado para a troca. Daí, a nova proposta estar centrada na preparação para o TRABALHO e CIDADANIA.

> O exorcismo da educação da Primeira República esconjurando a "velha educação" do período Imperial, nunca a percebeu como absolutamente atualizada, correta,justa , adequada ao sistema escravista que antecedeu a II Grande Revolução Industrial, ou que antecedeu a industrialização do mundo. Esse exorcismo nunca percebeu quão inusitada seria a existência de uma escola com o objetivo de formação de vontades livres (para as trocas) em um regime social que se sustentava no trabalho escravo,pelo trabalho forçado.
>
> (...) A crítica da escola do período monárquico foi feita nos limites da própria escola, mesmo quando se a percebia como intimamente ligada ao desenvolvimento social. (23)

(23) NAGEL,Lizia H. A crise da Sociedade e a Crise da Educação. mimeo. UEM. Maringá, 1991, p.6

A 2ª Crise do Capital foi prenunciada pelo novo padrão de acumulação imposto a partir de 1920, que trouxe uma nova forma de organização do trabalho que privilegiou a mecanização, a padronização, o planejamento, a produção em série, etc. Essa nova forma de organização monopolista do capital, denuncia a necessidade de uma nova prática educacional.

A necessidade de instalação de bases para a industrialização exige a racionalização das ações, a modernização da sociedade e de suas instituições.

A educação reflete este quadro, através dos princípios da Escola nova; a defesa da escola única, gratuita e universal, ligada a praticidade, a profissionalização, permitindo a sistematização da prática social vigente, através de uma nova metodologia que se identificava com a experiência individual. O objetivo da escola mantém-se voltado para a formação para o trabalho e exercício da cidadania. Não questiona-se a estrutura da sociedade de classes, apenas nega-se a educação.

A 3ª Crise do Capital é deflagrada oficialmente por volta de 1970, e caracterizada pela produtividade superior à demanda tendo como consequência a eliminação da mão-de-obra. O capital, em nível internacional, tenta rearticular-se através de um modelo econômico concentracionista, exigindo planos de desenvolvimento e competência técnica visando garantir o padrão de acumulação necessário.

Mais uma vez a Educação é chamada a responder por suas obrigações sociais e proliferam-se as reformas educacionais e o tecnicismo. O lema é "Educação é desenvolvimento" e difundem-se as TEORIAS DO CAPITAL HUMANO, através da qual se encara a educação como possibilidade de obtenção de benefícios individuais e sociais. Como conseqüência expandem-se as redes escolares, os cursos de "reciclagem", de especialização, de mestrado e doutorado,centrados na preocupação com as técnicas de planejar e ensinar.

Há uma crença, mesmo a nível de senso comum na necessidade de qualificação de mão-de-obra, capaz de atender às exigências tecnológicas impostas pela industrialização.

Neste contexto surgem as campanhas de alfabetização nacionais, e é institucionalizado o Ensino Supletivo, visando garantir à população adulta com escolarização incompleta, os conhecimentos mínimos necessários para as exigências do projeto econômico.

Da mesma forma na década de 80 e mesmo atualmente, a crise geral é delineada, novamente a nível político manifestando-se nas

dificuldades do mercado internacional, no desemprego, na cor - rupção, na instabilidade e ineficiência das instituições sociais, etc.

Tal como se deu na passagem do regime monárquico para o regime republicano, apontam-se soluções a nível político, como se através da possibilidade de realização da cidadania - inviabilizada até então pelo militarismo - se resolvessem todos os problemas sociais.

O projeto educacional redentor, proposto então pelo governo , aponta como objetivo a liberdade de participação, buscando na aliação à classe dominada um mecanismo de eliminação das contradições internas da escola e da sociedade.

Acredita-se que "a simples democratização por dentro possa transformar esse antigo "aparelho do Estado" em um órgão a favor da classe dominadora". (24)

O Plano de Reconstrução Educacional do Governo Collor, fundamenta-se no atrelamento da Ciência à Tecnologia, na privatização do ensino, entre outros, para recuperar a competividade da pro - dução brasileira no mercado internacional.

Como pode perceber-se através desta sucinta análise, seja na fase do Capitalismo em ascensão, seja na sua fase superior Imperialista, todas as propostas educacionais fundamentam-se num mesmo princípio: A PREPARAÇÃO PARA O TRABALHO E PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA.

Ora, se na emergência do Capitalitalismo esta era uma neces - sidade histórica, na sua fase de decadência, a mesma já não se justifica, constituindo-se em um anacronismo.

A partir do séc. XIX estão possibilitadas as condições para a substituição do trabalho subjetivado (força de trabalho humano), pelo trabalho objetivado, realizado pela máquina que traduz o saber e a técnica necessária ao desenvolvimento capitalista.

Desta forma, a educação não pode ser compreendida como via de transformação das relações sociais de produção, visto que, como vimos ela reflete as contradições da base material. Vale di - zer que a mesma não pode apenas ser considerada e reduzida a simples reprodutora da ideologia dominante, visto que, como expressão absoluta da prática humana, isto é, da TOTALIDADE das rela - ções sociais, ela ostenta as funções de organizar, interpretar e legitimar esta prática.

---

(24) NAGEL, Lizia H. p.11

Neste sentido, a educação deve contribuir para a transforma - ção histórica da sociedade se de fato voltar-se para a real compreensão da realidade que a cerca.

Se à escola não compete a superação desta sociedade, cabe-lhe neste momento de crise, contribuir para a clarificação desta,a - través da recuperação do conteúdo necessário a compreensão do REAL - a CIÊNCIA DA HISTÓRIA - permitindo-se assim um conhecimento explicativo do HOMEM e das RELAÇÕES SOCIAIS produzidas por ele.

> A essência da educação não se encontra em seu interior. A chave que dá acesso à essência da educação é o conhecimento da sociedade enquanto totalidade concreta. Daí ser improcedente a redução do fenômeno educativo à questão educacional, já que ele expressa sempre, no âmago dos problemas que o atingem, as contradições da sociedade. (25)

Levando-se às últimas conseqüências esta afirmação, compreender-se-á que o conteúdo da sociedade é o conteúdo da educação, e através da compreensão do caráter histórico da sociedade atual , entender-se-ão os limites apontados pela prática pedagógica .

Tomando o conjunto da literatura pedagógica, verifica-se po - rém que a educação é encarada pelos autores como um meio de acesso a revolução, a serviço da transformação social.

> É com pesar que assistimos a produção literária educativa contemporânea, desconhecer estes limites. Atribui se a escola, neste momento, uma função histórica que nunca antes lhe fora atribuída: a função mediadora no processo revolucionário das transformações sociais,trazendo como conseqüência, uma pedagogia revolucionária. (26)

Podemos constatar esta afirmação em autores como Rodrigues por exemplo:

> O que torna indispensável é fazer da ação educativa um processo suficientemente consciente, de tal modo que eleve o nível da consciência das classes populares,para o papel histórico na luta pela transformação da sociedade". (27)

ou ainda Libâneo que discute:

> "(... a educação a serviço da transformação das relações de produção". (28)

---

(25) ALVES, Gilberto L. p.2

(26) TULIO, Guaraciaba p.7

(27) TÚLIO, Guaraciaba p. 8

(28) TÚLIO, Guaraciaba p. 8

Percebe-se aqui uma inversão metodológica onde se toma o particular como objeto de reflexão, como ponto de partida do processo revolucionário, tentando-se através da escola elaborar uma pedagogia que ensine aos homens a luta de classes. (29)

Através desta análise, que pode-se classificar de a - histórica - embora seus autores declarem-se subsidiados teoricamente pela Ciência da História - percebe-se que desconsidera-se a materialidade da questão teórica que a educação envolve. Desconsideram-se as leis dinâmicas e transitórias a que uma prática social está submetida, esquecendo-se que apenas no momento em que os homens socialmente organizados, desenvolverem suas forças produtivas de tal forma a produzirem a necessidade de outra forma de existência humana, só então o conteúdo da educação se transformará respondendo, as então, novas necessidades sociais.

"Apenas quando o processo revolucionário já alterou aspectos fundamentais da sociedade anterior e já os substituiu por outros, é possível falar de uma educação nova no real sentido do termo". (30)

As relações de dependência e proteção que faziam parte da prática social da velha ordem feudal, vai aos poucos dando lugar às novas relações comerciais, que tem na troca de mercadorias sua característica principal.

O trabalho, como atividade pela primeira vez valorizada socialmente, constitui-se em um dos pilares fundamentais onde se pautará a nova moral do novo homem burguês.

As instituições feudais, como o clero e a cavalaria, vão aos poucos cedendo lugar às novas instituições burguesas, que atendem agora as necessidades colocadas pelo comércio e pela troca de mercadorias.

Os homens começam então, a produzir a necessidade de novos conhecimentos, de novas formas de educação.

O estudo entendido como repetição dos velhos dogmas aprovados pela igreja cedia lugar ao conhecimento mais profundo sobre o homem, a educação, a cultura, a formação científica, a natureza.

A observação direta dos fenômenos substitui a memorização.Recomenda-se a educação física e os exercícios corporais. Com a preocupação com o corpo, a higiene passa a ser fundamental.

Ao contrário dos séculos anteriores, o ensino vai buscando a individualização, com a preocupação de "ensinar-se a pensar".Estimula-se a expressão individual, a polidez, as boas maneiras.Através de um relacionamento amistoso entre professores e alunos,

(30) PEREIRA,Silvina R. p.22

valoriza-se a importância do meio e dos recursos pedagógicos para o sucesso e o bem estar na educação.

Faz-se necessário retomar-se o raciocínio desenvolvido até aqui: apenas quando ocorre a revolução das relações materiais de vida, ou seja, na prática social, é que surge a necessidade de uma revolução no campo das instituições sociais, destacando - se entre elas a instituição específica da educação.

Assiste-se o quadro de mudança dos conteúdos de fé e religião próprios da educação feudal - a partir de iniciativas individuais como as de Bacon e Descartes, que colocavam a necessidade da prática de um conhecimento autônomo, surgido das experiências concretas de observação e experimentação dos fenômenos naturais.

Esta nova forma de conhecimento traduzia as necessidades vitais de desenvolvimento daquela nova forma de produção da vida pela burguesia: Conhecer a natureza para melhor dominá-la e colocá-la a serviço das necessidades impostas pelas novas relações comerciais.

"Este novo conhecimento... interessava muito à burguesia comercial e manufatureira cujos lucros dependiam da produtividade do trabalho, e, portanto do domínio das forças da natureza!. (31)

Em sua fase de emergência e consolidação, à sociedade burguesa urge a necessidade de sistematizar todo o novo conhecimento que está sendo produzido e veiculá-lo através de uma instituição voltada à formação do novo homem burguês.

Essa prática tem início com William Petty, no séc. XVII e consolida-se no séc. XVIII com o advento do Iluminismo, movimento que efetiva a soberania burguesa sobre a nobreza e o clero.

A instituição oficial burguesa, está sujeita às leis da vida material, ou seja, submetida à égide das ciências exatas e naturais que pretendiam expandir as relações de comércio.

Esta escola, de primeiras letras, tem seu conteúdo voltado às necessidades sociais de sua época, isto é, as da industrialização nascente e em processo de expansão.

A escola burguesa subsiste sob várias formas - veiculando sempre o conteúdo das necessidades sociais - até consolidar sua expansão a todas as classes a partir do final do séc. XIX, fundamentada na idéia de que todos os cidadãos tem direito a freqüência a escola, independente de sua faixa social.

É interessante reforçar aqui a idéia de que a forma como se en

---

(31) PEREIRA, Silvina R. p.44

cara a educação e mesmo a alfabetização não foi sempre a forma natural da mesma ser. Retome-se para isso, no séx. XVIII, as afirmações feitas por Mandeville, médico holandês.

No contexto de ascensão do capitalismo a Holanda representava, na Europa, a fase mais avançada de desenvolvimento.

Segundo Marx, o povo holandês era o mais carregado de trabalho, o mais explorado, o mais oprimido e conseqüentemente o mais pobre da Europa.

Mandeville discutia a obrigatoriedade do Estado, assumir ou não a alfabetização de crianças pobres. Sua posição era indiscutivelmente não.

Justifica-se sua negativa recorrendo aos objetivos que se pretendiam alcançar das crianças nas Escolas de Caridade: sua força de trabalho. Dizia ele:

> - O que é que nós pretendemos das crianças recolhidas nas escolas de caridade?
> - Que elas sejam bons trabalhadores - era a resposta. Ora se para trabalhar não é necessário ser alfabetizado, para que perder tempo com coisas que não estão contidas nos nossos objetivos?
> Se alguém me perguntar se eu não prefiro lidar com crianças bem educadas, claro que a resposta é SIM. Mas nós estamos discutindo quais são os nossos objetivos sociais e não quais são as minhas preferências pessoais.(32)

Ora deve-se julgar Mandeville como desumano, cínico, ou coisa que o valha?

Ao fazer este julgamento, estaria-se incorrendo em um erro histórico, visto que não se pode tomar por parâmetros de análise as leis do código moral a que está submetida a sociedade capitalista neste momento histórico, que atende à novos interesses do Capital.

Hoje é inteiramente natural exigir-se bandeiras à favor do processo de extensão de ensino a todas as camadas da população visto que atualmente, esta é uma das necessidades impostas pelo capitalismo, sob a forma monopólica.

Com o processo intenso de substituição da força de trabalho humano pela maquinaria, com a queda constante das taxas de lucro, entre outros motivos, o capital procura formas de rearticular-se e superar as crises econômicas constantes que acabam por influenciar todas as instituições sociais.

Este processo de rearticulação do capital sob outras formas de acumulação, assume diferentes denominações ao longo do processo histórico.

Neste momento específico, ao mesmo atribui-se a denominação de

---

(32) FIGUEIRA, Fani G. p.05

Capitalismo Imperialista ou Imperialismo.

Faz-se necessário ao educador, conhecer as funções da Escola Pública neste processo, para assim tomar conhecimentos tanto de suas possibilidades quanto de suas limitações.

O Imperialismo caracteriza-se fundamentalmente pela substi - tuição da livre concorrência - tônica do Capitalismo em ascen - são - pelo monopólio.

Sob o imperialismo se impõe o parasitismo, que caracteriza - se essencialmente pelo fato de ociosos viverem de consumir rendimentos do capital.

Como as sociedades capitalistas passam por um período de superprodução de excedentes, por força das inovações tecnológicas grandes contigentes de trabalhadores são liberados, fazendo crescer o número de ociosos e miseráveis. As camadas médias da so - ciedade, correspondem a uma das formas de existência desses o - ciosos.

A educação, neste contexto, enquanto atividade improdutiva - pois não gera riqueza social - funciona como um mecanismo do Estado para garantir a expansão dessas camadas, visto que realoca trabalhadores liberados pelas atividades produtivas e mantém em seu interior, os filhos de seus integrantes.

Essa função se evidencia pelo aproveitamento, dentro do sistema escolar, de grandes contingentes que ela mesmo produz. Pode-se atestar através de dados de censos demográficos que 80% dos professores e de estudantes universitários, provém da classe média , no Brasil, Argentina, Chile e Colômbia. A escola titula as camadas médias, absorvendo em seguida grande parte dos profissionais titulados. "É a escola crescendo para ela mesma". (33)

Este entendimento não é tão simples assim, pois a expansão escolar, mesmo contribuindo para uma intensificação do grau de parasitismo, se faz acompanhar também da expansão de atividades produtivas. A expansão escolar necessita da expansão da indústria de construção, da indústria de papel, da indústria editorial, da indústria de móveis, da indústria de lápis, de canetas, de cadernos, de borrachas, etc.

---

(33) ALVES, Gilberto p. 126

> Como um exemplo, tome-se o caso da indústria editorial , Segundo o periódico, Leia, a FUNDAÇÃO PARA ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE (FAE), vinculada ao Ministério da Educação, é a maior compradora de livros do país. O que está em jo go é nada menos do que 30% da produção editorial do país, isto sem dizer que 85% das livrarias (brasileiras) depen dem do período escolar para sobreviverem. (34)

Neste sentido, é coerente afirmar que "assiste-se uma atividade improdutiva garantindo a realização de mais-valia incorporada nas mercadorias de uma atividade produtiva". (35)

Como decorrência desse processo, nada mais natural do que o esvaziamento dos conteúdos da escola que acaba constituindo- se em um "local físico onde se reúnem crianças de determinadas faixas etárias convencionadas pelo Estado". (36)

Há um predomínio do professor leigo nas escolas, destituído de condições de transmitir o pretenso saber sistematizado ao aluno, visto que o mesmo não o detém. A melhor definição, como a firma Alves, do que seja o processo de formação predominante na escola, já foi dada numa fábula chinesa.

> Era uma vez um homem
> que aprendeu como matar dragões
> e deu tudo que possuía
> para dominar esta arte.
> Depois de três anos
> ele estava totalmente preparado mas,
> ai dele, não teve oportunidade
> para praticar a sua especialidade
> ... como resultado, começou
> a ensinar como matar dragões. (37)

Dentre as funções exercidas por essa escola formadora de "matadores de dragões" identificam-se outras, que apesar de não exercerem o caráter dominante de realocar trabalhadores produtivos para as camadas médias, assim como a permanência de seus descendentes no interior dessas mesmas camadas, caracterizam-na como a Escola do Imperialismo.

Vejamos a seguir:

---

(34) ALVES, Gilberto p.126

(35) ALVES, Gilberto p.127

(36) ALVES, Gilberto p.127

(37) ALVES, Gilberto p.128

a) A Escola reproduz a ideologia burguesa:-ao afirmar-se isto estamos reconhecendo, que quanto ao saber, a escola restringe-se a transmitir habilidades fundamentais de ler, escrever e contar, conteúdos absolutamente necessários na fase emergencial e de consolidação da sociedade burguesa como hegemônica.

É significativo verificar entretanto que a reprodução da ideologia burguesa, função reconhecidamente assumida pela escola,não é explicativa de sua razão de existir, visto que, existem outros mecanismos e instituições sociais que exercem essa função com maior eficiência que a escola. Os meios de comunicação de massa, por exemplo, agem respectivamente sob o indivíduo, de forma que o mesmo tome consciência dos efeitos desejados, impedindo qualquer resposta do mesmo à mensagem.

b) A Escola contribui para o controle dos níveis de desemprego: - a extensão do tempo de escolarização prolonga a permanência do indivíduo na escola, impedindo assim a pressão no mercado, já saturado, de trabalho.

c) A Escola permite a liberação da mulher para o trabalho:- a mulher é cada vez mais absorvida na produção. Essa absorção, exige um local físico onde seus filhos possam ser reunidos e cuidados.

d) A Escola funciona como vasto refeitório: - deflagra-se aqui o fato da merenda escolar constitui-se em fator principal da presença de crianças de regiões mais carentes na escola.

e) A Escola é um local de convivência social: - é um dos locais que tende a se transformar num ambiente reservado aos jovens, em especial integrantes das camadas médias. Uma outra possibilidade é a de exercer um maior controle sobre a juventude,na medida em que sua concentração num único local o favorece. (38)

Afinal, sob essas constatações, verifica-se que a Escola não configura-se mais em um espaço para o conhecimento, para a ciência e a cultura sob as coordenadas imprimidas pelo imperialismo.

Nessa fase da sociedade capitalista, o conteúdo da escola se degradou no interior de uma classe preocupada exclusivamente em eternizar a sua dominação.

---

(38) ALVES, Gilberto p.130,131,132

ALFABETIZAÇÃO: UM PROCESSO HISTÓRICO, PORTANTO EM MUDANÇA

Afinal, constitui-se a alfabetização atualmente em uma necessidade essencial ao conjunto dos homens da sociedade capitalista, neste momento histórico?

Através dos projetos cada vez mais intensos desenvolvidos pelo Estado e por outras instituições educativas diversas, podemos perceber que a Alfabetização - leia-se educação-embora não represente uma necessidade fundamental para a totalidade dos homens ainda exerce um caráter ideológico de parcial relevância para a rearticulação da sociedade capitalista sob a forma monopólica.

Assiste-se ao desenrolar constante de renovados programas, métodos e técnicas de ensino que visam solucionar de vez os altíssimos índices de evasão escolar e das altas taxas de analfabetismo.

A medida que o tempo passa, as fórmulas mágicas são substituídas por outras, que embora sérias e comprometidas acabam por não atenuar a gravidade da questão.

Professores e supervisores, envolvidos no problema, discutem as possíveis causas do insucesso dos métodos tradicionais, visto que, à sua época, eles eram extremamente eficazes.

Realmente não se pode negar a eficácia destes métodos, visto que gerações após gerações, foram alfabetizadas com êxito pelos mesmos.

O foco desta reflexão deve ser portanto: Por que motivo hoje, estes métodos ditos tradicionais não garantem a apropriação da linguagem escrita pela grande parte de alunos que iniciam o processo de alfabetização?

Recorrendo-se à história, e as diferentes necessidades sociais pertinentes a cada época, ver-se-á que na fase emergencial da sociedade capitalista, a leitura e a escrita assumiam uma função social fundamental. As novas relações comerciais que se estabeleciam exigiam do novo cidadão burguês conhecimentos elementares de leitura, escrita e aritmética, para o sucesso de suas transações.

O significado, isto é, a importância da apropriação da leitura e escrita estava sendo constantemente dado pela sociedade, na

na família, no trabalho, em todas as instituições.

Bastava à escola, deter-se apenas no ensino do código escrito, e mesmo a forma mais mecanicista de ensino, garantia o êxito do processo.

Hoje, com a consolidação das relações burguesas e com o desenvolvimento tecnológico avançadíssimo alcançado pelos homens,outras formas de comunicação e registro, como a INFORMÁTICA, garantem o desempenho de funções, outrora exercidos apenas pela linguagem escrita.

Neste sentido, cabe ao professor alfabetizador, traçar um perfil de seu aluno concreto - o cidadão burguês ou o trabalhador da sociedade capitalista sob a forma imperialista - e então fazer uma reflexão a respeito das necessidades de seu papel como agente da história, neste momento, e vincular a elas uma prática pedagógica conseqüente que de fato atenda as ansiedades deste aluno, historicamente situado.

É seu dever acima de tudo promover uma educação científica que tenha por objetivo final a apreensão do Real em toda a sua dimensão, através de uma concepção de aprendizagem, de linguagem, de alfabetização, de criança que estejam articuladas a uma mesma concepção de mundo.

É este portanto o principal objetivo deste trabalho; promover a reflexão, encontrar a possibilidade de uma práxis pedagógica que, consciente de seus limites, buscará promover senão a transformação da totalidade das relações sociais, ao menos a possibilidade de elucidação e compreensão das leis que a regem.

-

UMA PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO (*)

A preocupação ao desenvolver aqui, alguns apontamentos para o encaminhamento metodológico foi a de manter a unidade necessária com os princípios teóricos até então desenvolvidos.

Ao tomar-se os elementos que constituem o processo de Alfabetização - o ensino, a aprendizagem, a língua - é necessário salientar que os mesmos constituem-se em fatos humanos, produzidos no interior das relações sociais. Não é possível aprender nenhum fato humano, fora das Relações Sociais onde os mesmos são produzidos.

O homem produziu a linguagem para atender as necessidades cada vez mais complexas derivadas da complexificação das atividades práticas do grupo.

Através da linguagem o homem organiza a atividade social, acumula conhecimentos, transmite informações e enquanto possibilidade de abstração da experiência concreta, permite o desenvolvimento da consciência racional, da operação mental através de conceitos e representações.

> A linguagem, inicialmente colada à situação prática e aos gestos, foi avançando em possibilidades de representação, exigidas pela complexificação das relações sociais de trabalho, até a construção de um sistema de códigos capaz de transmitir qualquer informação.
> Esse esforço de emancipar a linguagem, da situação concreta imediata, ampliando seu grau de abstração, tem , na linguagem escrita o seu produto mais desenvolvido. (39)

Se entendemos que a lingua escrita é uma produção humana de uma determinada época, e que a mesma não existe em todas as sociedades, teremos que, para que o indivíduo faça uso da mesma é necessário que ela faça parte de uma prática social e que seja significativa para os homens nela inseridos.

Neste sentido, a apropriação da linguagem escrita só se dará se no seu ensino, se priorizarem "situações de uso real e de reflexões sobre o código e suas relações na produção de significados". (40)

(*)Este tópico foi elaborado a partir da análise dos Cadernos de Alfabetização I,II e III para o professor de jovens e adultos - SEED-DESU-Pr-1990-1991-1992

(39) KLEIN,Ligia R.Caderno de Alfabetização I para o professor de jovens e adultos 2ª ed.SEED-DESU Paraná.1991 p.06

(40) KLEIN,Ligia R.Considerações sobre o Encaminhamento Metodológico no processo de Alfabetização- mimeo-SEED-DESU-Paraná.1991 p.08

Toda aprendizagem humana implica na necessidade real de uso imposta por um grupo social em um determinado momento histórico . Se, por exemplo, a necessidade da Alfabetização não estiver presente na sociedade da qual fazemos parte, a escola não poderá por si só produzí-la.

Por este fato é que hoje embora a Alfabetização constitua - se ainda uma necessidade da sociedade, isto não representa uma necessidade para a totalidade dos homens inseridos na prática social. Deste modo é necessário ao professor trabalhar com seus alunos, qual a função social exercida pela escrita neste momento histórico, e desta forma colocar-lhes a necessidade da mesma.

Para iniciar esta compreensão o professor poderá propor atividades onde essas funções serão mais facilmente compreendidas pelos alunos tais como: COMUNICAÇÃO, REGISTRO,ORIENTAÇÃO E LOCALIZAÇÃO.

Resolvida esta questão, é fundamental consolidar a compreensão do que seja representação, visto que a linguagem tanto oral quanto a escrita possui um caráter simbólico, com alto grau de abstração, isto é, ambas não mantém nenhuma relação analógica com o objeto que representam.

A lingua escrita embora tenha o objetivo de representar a fala, não se organiza a partir dela.

A língua escrita se organiza a partir de um código visual,enquanto a linguagem oral se organiza a partir de um código sonoro e cada uma delas obedecerá regras específicas à sua constituição.

Mesmo apresentando um princípio organizador distinto, o fato de reconhecer-se uma estreita relação entre ambas constitui-se em um fato fundamental para o processo de alfabetização.

Quando o aluno compreender que a escrita é o desenho da fala (41), ele procurará estabelecer relações entre a mesma e os elementos do código escrito, cabendo ao professor mais tarde sistematizar as diferenças entre ambas.

Para consolidação da idéia de representação, o professor poderá desenvolver diversas atividades anteriores ao trabalho com o código escrito propriamente dito.

Na utilização de outras formas de representação o professor poderá contar com atividades tais como: a mímica, a dramatização,o desenho, símbolos convencionais (placas de trânsito, bandeiras) , logotipos, etc.

---

(41) VYGOTSKY,L.S. A formação social da mente.São Paulo, Martins Fontes, 1984, p.131

Consolidada a idéia de representação e considerando o contato já desenvolvido com a escrita, o professor poderá partir para o trabalho de sistematização propriamente dito com os elementos menores de representação da escrita: as letras. Este trabalho contará também com o objetivo de discriminar e fixar o traçado das mesmas.

Tendo em vista que toda a aquisição do código se sustentará sobre uma relação de representação LETRA/FONEMA, consolidada a compreensão do que seja símbolo, o aluno será levado a compreender que escrever é representar a fala, mas que a escrita embora organizada a partir da oralidade, não mantém com a mesma uma correspondência absoluta.

Para que o aluno não tenda a fazer uma relação mecânica entre oralidade e escrita, é necessário que desde o início o professor aponte as diferenças entre esses dois códigos, como veremos a seguir:

Linguagem oral	Linguagem escrita
1. Existe em todas as sociedades	1. Existe em apenas algumas sociedades
2. Ampla variedade	2. Modalidade única(norma culta)
3. Elementos extra-linguísticos(situação,expressão facial,gestos,etc)	3. Ausência de outros elementos além do texto escrito
4. Prosódia e entonação	4. Recursos exclusivamente gráficos:sinais de acentuação e pontuação)
5. Frases mais curtas (limitação da memória)	5. Construções mais longas e complexas
6. Redundância,repetições	6. Concisão
7. Renovação constante da unidade temática,sem comprometimento na interlocução	7. Exigência de unidade temática e coesão das partes
8. Interlocutor presente,determina parte de nossa linguagem.	8. Interlocutor virtual; é a imagem que fazemos dele que determina parte de nossa linguagem
9. Linguagem corrente,com poucas pausas	9. Segmentação das palavras. (42)

Resolvidas estas questões iniciais e de fundamental importância, faz-se necessário refletirmos sobre os princípios de organização da linguagem que vamos ensinar.

---

(42) Caderno de Língua Portuguesa para o professor de adultos.SEED DESU.Paraná. 1990, p.140

> A língua - na sua forma oral ou escrita - para se realizar, implica no estabelecimento de relações entre CÓDIGO e SIGNIFICADO. Usamos um determinado código para construirmos determinados significados que, ao serem recebidos por nosso interlocutor, serão por ele interpretados. (43)

As diferentes propostas de alfabetização atuais, destroém essa relação que caracteriza a escrita pois enfatiza isoladamente um aspecto, em detrimento do outro.

Ora, encontram-se metodologias centradas no domínio do CÓDIGO, onde priorizam-se o reconhecimento de letras, sons, e sílabas destituídas de qualquer sentido; ora prioriza-se o aspecto do SIGNIFICADO, remetendo-se apenas ao problema do COMO dizer, com a intenção de comunicação do aluno, não importando a forma como essa mensagem se codificará.

Tanto em um caso como em outro não caracteriza-se a INTERAÇÃO VERBAL pois se excluem um dos aspectos da escrita.

O código só existe para garantir o significado, ambos os aspectos só podem serem tomados "um em relação ao outro, e ambos, em relação àquilo que está acontecendo no mundo dos homens". (44)

Tomemos para análise um quadro com os principais métodos de alfabetização e vejamos como encaminham-se seus principais pressupostos teóricos e a sustentação dos mesmos em relação ao processo de alfabetização.

---

(43) KLEIN,Ligia R. p.3-4

(44) KLEIN, Ligia R. p.5

QUADRO ANALÍTICO DOS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Processos analisados	Método Pred.	Pressupostos do domínio da língua escrita	Pressupostos da concepção de linguagem
1. Abelhinha	S*	- cada letra corresponde a um som - sons são barulhos que ocorrem - unidade significativa - letra	Tanto os processos analíticos como os sintéticos trabalham apenas com palavras simples. Não deixam claro como levar a criança a apropriar-se da escrita das muitas palavras onde o critério alfabético não funciona. Em sua maioria, entendem a linguagem escrita como um conjunto de estruturas gráficas a serem dominadas. Refletem uma visão estruturalista de linguagem, centrados na mecânica da escrita. Nesta visão a linguagem é considerada exclusivamente como um instrumento de comunicação, imutável, natural ou ideal, daí a valorização do gráfico.
2. Caminho Suave	S	- visualização repetida da interrelação entre desenhos e letra - U.S. - sílaba	
3. Casinha Feliz	S	- fonação condicionada e repetida da imagem para a memorização das unidades sonoras - U.S. - letra	
4. Montessori	S	- existem níveis sensoriais próprios para a alfab. - aprender é um processo individual de maturação - a rel. da criança é com o objeto e não com o professor - U.S. - letra	
5. Erasmo Pilloto	A	- ler é saber a correspondência entre símbolo gráfico e som - U.S. - sílaba	
6. Global (M. Bittencourt)	A	- ler e escrever - resultado de um processo, de maturação - deve-se graduar as atividades de acordo com as capacidades dos alunos - U.S. - palavra	
7. Lúdico (Paulo N. Almeida)	A	- situações informais por meio de jogos levam a aprendizagem - U.S. - sílaba	
8. Natural (Heloisa Marinho)	A	- a linguagem é uma característica inata do ser humano - deve-se promover a aprendizagem estimulando uma série de habilidades e comportamentos - U.S. - palavra	

* S - sintético
A - analítico

ANÁLISE DOS PRESSUPOSTOS

Processos sintéticos

1 - Os processos sintéticos pressupõem que cada letra corresponde a um som, não levando em conta as irregularidades do sistema.

2 - A escrita significativa não é explorada no início do processo, porque só se assenta na exclusividade do gráfico, destruindo o significado da linguagem.

3 - Não trabalham com o conceito de palavra e letra, impedindo que a criança perceba que as palavras são compostas por combinações de letras.

4 - A reprodução de som e sílabas isoladas e de frases estereotipadas e de acordo com o modelo e graduações pré-estabelecidas, impõe como modelo de linguagem um conceito fundado exclusivamente no "modelo escolar", que não existe no uso real da linguagem.

5 - O excesso de artificialismos, com a intenção de facilitar a aprendizagem dificultam na interpretação de textos.

Dependendo da forma como forem aplicados, podem levar os alunos a escandir letras e sílabas na leitura ou acrescentar à consoante uma vogal inexistente (por ex.: paia por pia), na escrita.

ANÁLISE DOS PRESSUPOSTOS

Processos analíticos

1 - Embora exista a preocupação com a organização das atividades, partindo de palavras e textos vivenciados pelos alunos, os processos analíticos não trabalham com a significação do texto, tomando-o como mero pretexto para a apresentação das famílias silábicas.

2 - Os alunos reproduzem os textos seguindo os modelos trabalhados, revestindo-se de um caráter artificial com se não estivessem envolvidos com sua produção.

Nesse sentido, a metodologia adequada,será aquela que dê conta de manter a unidade entre CÓDIGO e SIGNIFICADO. Isto, só será possível se tomar-se como elemento norteador do trabalho, o TEXTO,onde estão presentes todas as relações da linguagem real.

É necessário ressaltar que TEXTO, não é apenas um conjunto de frases, sem coesão ou significado como os apresentados pelas cartilhas.

Só se constitui um texto. "um enunciado (ou conjunto de enunciados), produto de uma determinada intenção e dirigido a um determinado interlocutor ou conjunto de interlocutores". (46)

Se tomarmos essa definição como perspectiva, nosso critério básico será buscar material escrito carregado de significação,aquele que produz e veicula idéias, para daí se trabalhar num processo interativo, os elementos constitutivos do CÓDIGO (oração,palavra, sílaba, letra).

Nesta concepção que defende a linguagem como um processo interacional entre sujeitos socialmente organizados, percebe-se que a mesma é

> ... determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (47)

O texto enquanto maior unidade de significação e de espaço dialógico, será a base deste trabalho e a partir dele o professor organizará seu plano de sistematização.

Pode-se considerar duas fontes de texto:

a) textos em elaboração - produzidos pelos alunos, pelos professores ou por ambos (orais e escritos).

b) textos elaborados - selecionados pelo professor em seus diferentes gêneros: narrativos, poéticos e informativos, etc.

Vale salientar que as atividades com o texto não podem reduzir se apenas a pretexto para o estudo das palavras, letras e sílabas.

Na maioria das vezes, o verdadeiro terror que os alunos nutrem pela leitura e escrita se justifica pelos textos empobrecidos que são obrigados a ler e escrever e pelas atividades sem sentido que pretendem fixar o conteúdo" dos mesmos. (48)

---

(46) Caderno de Alfabetização II para o professor de Jovens e Adultos. SEED.DESU,Paraná,1991, p.9

(47) BAKHTIN,M.Marxismo e Filosofia da Linguagem.Hucitec p.99

(48) Caderno de Alfabetização I, p.23

Apresenta-se a seguir os conteúdos que deverão ser trabalhados com o aluno durante o processo de alfabetização e que não se esgotam em apenas um ano de escolarização.

Por questões de apresentação os conteúdos estão subdivididos , no entanto, todos os aspectos serão abordados durante o processo com ênfase em alguns em determinados momentos. (52)

UMA PROPOSTA DE SELEÇÃO DE CONTEÚDOS PARA A ALFABETIZAÇÃO

Oralidade; Clareza, sequência, objetividade e consistência argumentativa na exposição de idéias; articulação correta das palavras.

1. A função social da escrita:
   - 1.1 As funções da escrita:
     - comunicação;
     - registro;
     - orientação;
     - organização;
     - localização;

2. A escrita enquanto representação:
   - 2.1 Apropriação/consolidação da idéia de representação:
     - linguagem oral;
     - dramatização;
     - mímica;
     - desenho;
     - leitura de figuras, desenho, logotipos, símbolos diversos.
   - 2.2 A escrita como uma das possibilidades de representação
     - 2.2.1 Os símbolos da escrita: alfabeto, sinais de pontuação e acentuação, etc.

3. Leitura:
   - 3.1 quanto à expressão oral:
     - fluência, entonação e ritmo;
     - observação das marcas expressivas do texto(quanto à situação contextual) revelada pelo texto e quanto aos sinais de pontuação);
   - 3.2 quanto à compreensão das idéias do texto e sua relação com a realidade expressa:
     - análise e discussão das idéias do texto, enquanto expressão literal ou metafórica, parcial ou ampla, da realidade;
     - argumentação relativa às idéias do texto;
     - ampliação das idéias do texto;
     - síntese das idéias do texto;
     - análise do texto no que se refere à adequação,clareza, argumentação, coesão, utilização da forma padrão de linguagem;
     - leitura compreensiva de frases e textos;
     - reprodução oral de textos ouvidos e/ou lidos;

4. Produção escrita:
   - 4.1 Sistematização da escrita:
     - identificação global do texto escrito;
     - identificação de frases no texto trabalhado;
     - identificação de palavras no texto trabalhado;
     - identificação de rimas;
     - comparação de semelhanças e diferenças de oralidade e de escrita entre palavras;

- estabelecimento de relações diversas nas palavras e/ ou entre palavras, através de trocas, acréscimos e supressão de letras e/ou sílabas, para o estudo de : padrões silábicos
relações letra/som (biunívocas, cruzadas e arbitrá - rias).

4.2 Produção de textos:
- orais: na forma de descrição, narração, diálogo,entrevista, dissertação, etc.
- escritos: idem

4.2.1 Escrita de textos com gradativa apropriação da convencionalidade:
- respeito à norma de disposição da escrita no papel;
- superação do fluxo contínuo da oralidade;
- traçado correto das letras, números e sinais;
- utilização de maiúsculas e minúsculas;
- utilização da grafia convencionada, em situações de múltiplas possibilidades de representação letra/som;
- adequação do texto ao seu objetivo;
- adequação do texto ao interlocutor real ou virtual;
- sequência lógica dos fatos e idéias;
- argumentação e unidade temática;
- organização das idéias em parágrafos (com a compreensão do seu papel na organização do texto);
- coordenação e coesão de frases, períodos e parágrafos;
- utilização do discurso direto e indireto,com propriedade;
- utilização apropriada dos recursos gráficos para a organização do texto;
  . pontuação (ponto final, de exclamação, de interrogação, dois pontos, vírgula, reticências e travessão);
  . margem;
  . espaço para o parágrafo;
- eliminação de redundâncias;
- eliminação de jargões, frases de efeito, termos, chulos e gírias;
- organização do texto obedecendo à norma padrão no que diz respeito a:
  . concordância;
  . flexão;
  . regência;
  . ortografia;
  . acentuação gráfica.

Pelo exposto nesta proposta de encaminhamento metodológico, a Alfabetização é vista como um processo progressivo e dinâmico de apropriação da linguagem escrita.

Esta apropriação se dará pela interação do aluno com outros homens, resgatando o conhecimento que o mesmo já adquiriu da língua, utilizando suas experiências anteriores e simultâneas, à escola.

A partir de temas sugeridos pelo professor ou alunos, os textos serão produzidos e fixados na sala para consultas e retomada dos mesmos pelos alunos.

Destas criações serão destacadas palavras fundamentais, saturadas de significação, originadas de sua produção.

É fundamental ressaltar que o critério para a seleção das palavras é sua significação e jamais o nível de complexidade de sua combinação ortográfica. Além de que, além das palavras eleitas para sistematização, através do texto, o aluno estará em contato com todas as palavras e combinações ortográficas possíveis, fazendo analogias, levantando hipóteses, discutindo explicações possíveis.

No trabalho com as palavras selecionadas, a análise levará à formação de novas palavras pela relação entre sílabas e letras, sempre contextualizadas e discutidas em seu processo de significação.

Desta forma, neste encaminhamento, não existem textos, palavras ou estratégias pré-determinadas para o trabalho. Esta seleção e organização se dará na dinâmica do processo de ensino- aprendizagem e na "interação do aluno com a linguagem escrita, por meio da mediação do professor enquanto sujeito que sabe, que conhece o objeto de estudo". (49)

Tanto a LEITURA quanto a ESCRITA são processos relacionados, indissolúveis que constituem duas faces da mesma moeda, uma remete a outra, ambas influenciam-se reciprocamente.

No que tange a INTERPRETAÇÃO, é necessário orientar o aluno no sentido da efetiva compreensão das idéias expressas no texto, considerando-se a condição de sua produção, a nível de argumentação e a relação das mesmas com a realidade.

O professor se caracterizará como mediador deste processo, equilibrando a sua interferência, pois oferecer respostas prontas é tão danoso quanto sonegar-lhe subsídios para reflexão. (50)

A importância do SIGNIFICADO para a LEITURA e ESCRITA é tal que o mesmo será o responsável pelo êxito deste processo.

Como nos sinais escritos não há nada que indique uma diferenciação de pronúncia entre várias letras que possuam mais de uma representação sonora é necessário ao aluno compreender que não existe correspondência absoluta e permanente entre as letras e

(49) Caderno de Alfabetização I, p.25

(50) KLEIN, Ligia R. p.7

fonemas em nossa língua, e que a palavra só adquire o significado que o CONTEXTO lhe confere.

Para facilitar ao aluno essa compreensão, é fundamental ao professor alfabetizador um conhecimento da organização do nosso sistema gráfico, para melhor entender as dificuldades ortográficas de seus alunos e ajudá-los a superá-las.

Nossa língua, possui uma representação gráfica alfabética,isto é, as unidades gráficas (letras), representam basicamente unidades sonoras (consoantes e vogais). Porém esta representação não é regular e existem momentos em que este princípio se altera,pois nosso sistema gráfico toma como critério, para fixar certas grafias, não apenas as unidades sonoras, mas também sua origem etimológica.

São estas representações arbitrárias que constituem-se em dificuldades pelos alunos, exigindo-se nesse caso a memorização das mesmas, ou a pesquisa em dicionário.

Podemos considerar que, no Português, existem basicamente três tipos de relações entre sons e letras que são expostos detalhadamente no trabalho CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA GRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, de C.A. FARACO (51)

a) relações biunívocas: cada letra corresponde a um som, cada som corresponde a uma letra. Ex.: p = pato
b) relações cruzadas:
uma unidade sonora (som) tem mais de uma, representação gráfica (letra) possível. Ex.: ã irmã, samba, manga.
uma unidade gráfica (letra) representa mais de uma unidade sonora (som). Ex.: r - rato - aranha
c) relações arbitrárias: a relação entre som e letra não é previsível. Duas letras representam o mesmo som no mesmo lugar. Ex.: casar, azar, cassado, caçado
Precisamos ter claro que essas relações não devem ser trabalhadas em momentos distintos, mas fazer parte de um processo gradual de apropriação da escrita.
O quadro a seguir apresenta um resumo das relações entre sons e letras:

a) relações biunívocas:
p - panela, sapato
b - boi, cabeça
f - faca, feliz
v - vagalume, caveira
t - tomate, tudo
d - dia, dávida
lh - olha, falho
nh - galinha, ninho
m em começo de sílaba - mamãe, mato
n em começo de sílaba - ninho, mana

r entre vogais - arara, caro
l em começo de sílava - lata, calado
encontros consonantais - gr - grade
br - bravo
pr - prato
tr - travessa
cr - cravo
vr - livro
fr - fraco
bl - bloco
cl - clube
fl - floco
gl - globo
pl - planeta
tl - atleta

b) relações cruzadas:

r (forte, em começo de palavras) - rato, rua
rr (entre vogais) - carro, cachorro

c (antes de a, o, u) - casa,cofre, cuida
qu (antes de e ou i) - queijo, máquina
q (antes de u) - quando, aquário

g (antes de a, o, u) - mágoa, garoto
gu (antes de e ou i) - guitarra, foguete

z (começo de sílabas) - banzo, bazar
z (final de sílaba) - paz
s com som de z - (entre sílabas e entre vogais) -desde, casa
s - (começo de palavra com a, o u) - sapo, sopa
s - (final de palavras - plural) - mesas

x com som de z (sempre entre a vogal e e uma ou. tra vogal) - exato, exame

c) relações arbitrárias:

g ou j (antes de e ou i) - jeito, gelo
z ou s (entre vogais) - casa, reza
s ou c (começo de palavras com e ou i) - sino,cinema
s ou z (final de palavras) trás, paz
s ou ç (após vogal nasal ou consoante com a, o, u) -pensa/lança, manso/ranço)
s ou x (fim de sílaba precedido por e) - teste, texto,esta, extra

ss ou ç, sc, xs (raro), c — consoante com a,o, u — nasça, polo, exsudar

ss ou sc, x, xc, xs — passe,receita, nascer — máximo, excelente, exsicar

(51) Caderno de Alfabetização II, p.27-28-29-30

Gradativamente o aluno irá se apropriando da compreensão mais ampla do processo de alfabetização enquanto produção humana, portanto histórica.

Neste sentido, cabe aqui, a reafirmação dos objetivos a que este projeto de pesquisa se propõe alcançar.

O processo de alfabetização aqui discutido, possibilita a compreensão da necessidade de se ter clara uma concepção de mundo orientando o trabalho pedagógico, pois a partir dela é que se estabelecerão princípios básicos que nortearão o trabalho com os alunos e subsidiarão tanto o desenvolvimento dos mesmos, quanto o desempenho do educador.

CAPÍTULO III

PASSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa desenvolveu-se no desenrolar do ano letivo de 1992, em uma classe de alfabetização na Escola Municipal de Educação Integral Jornalista Cláudio Abramo.

A referida classe contava com o número de 28 alunos, situados numa faixa etária entre 6 à 8 anos, dentre os quais apenas 30% já haviam passado por algum tipo de experiência escolar, sob a forma de ensino pré-escolar, creches, entre outras.

Esta clientela caracterizava-se essencialmente pela sua origem, advinda de classes populares de baixa renda, com numerosos membros familiares. É necessário ressaltar que este fator não causou impedimento ao bom desenvolvimento do trabalho mesmo porque, ao passar a maior parte do tempo do dia (9 horas) na escola, vários aspectos como alimentação, socialização, afetividade, etc, foram contemplados e desenvolvidos juntamente com os conteúdos especificamente acadêmicos.

A prática pedagógica desenvolvida neste projeto, obteve a colaboração dos diversos membros da escola, e em especial da coordenação sob a forma de apoio técnico-pedagógico, bem como das companheiras alfabetizadoras sempre dispostas a discutir aspectos referentes ao processo de ensino-aprendizagem.

Alguns passos essenciais foram desenvolvidos garantindo-se assim o êxito deste trabalho como encontra-se detalhado a seguir:

1. Avaliação diagnóstica do grupo de crianças visando conhecer melhor sua condição social, familiar, afetiva, etc.

2. Avaliação diagnóstica mensal, sob a forma das mais variadas atividades a fim de constatar o desenvolvimento das crianças no que se referia a apropriação da linguagem escrita.

As atividades aqui utilizadas variam sob a forma de textos produzidos individual ou coletivamente, jogos, autoditado, ditado e reprodução de histórias através da linguagem oral ou escrita.

3. Organização do espaço físico de modo a facilitar a interação entre as crianças. Esta organização variava de acordo com a atividade proposta com as crianças organizando-se sob a forma de grupos com duas no máximo cinco crianças, bem como sob a forma de semi-círculo, filas dispostas com crianças lado a lado ou mesmo umas atrás das outras, ou ainda atividades realizadas no

chão.

Outro aspecto da organização do espaço diz respeito a alguns recursos audiovisuais utilizados, apresentando-se da seguinte forma:

- cartazes contendo os textos coletivos produzidos em sala de aula dispostos na parede lateral oposta às janelas.
- cartazes contendo alfabeto apresentado com a letra tipo CAIXA ALTA e SCRIPT SIMPLIFICADA sobre o quadro de giz.
- cartaz contendo a sistematização das relações FONEMA-GRAFEMA estudados em sala de aula disposto ao lado do quadro-negro.
- painel montado com rótulos trazidos pelas crianças, atrás da porta da sala.
- flanelógrafo disposto na parede dos fundos da sala onde ficavam expostos os trabalhos realizados pelas crianças.

4. Registro sob a forma de DIÁRIO DE CLASSE, contendo as principais atividades desenvolvidas como um instrumento de reflexão individual, bem como de intercâmbio entre os professores.

5. Reuniões semanais de estudo à luz das contribuições teóricas da linguística, psicologia e da pedagogia, junto a supervisão escolar e às colegas alfabetizadoras no horário permanência.

6. Planejamento semanal das atividades a serem desenvolvidas.

7. Participação nos seminários de supervisão junto a UFPR, durante o 1º semestre de 1992 a fim de sanarem-se dúvidas e trocarem se experiências.

8. Relatório sob forma de Monografia, do trabalho realizado.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DAS ATIVIDADES DE LECTO-ESCRITA DESENVOLVIDAS PELAS CRIANÇAS

Faz-se necessário retomar-se alguns princípios básicos discutidos anteriormente para que se desenvolva com clareza e objetividade este capítulo.

Embora hajam-se obtido avanços consideráveis na prática pedagógica, os mesmos tem sido absorvidos de forma lenta e gradual pelos professores, fazendo com que encontremos ainda práticas permeadas tradicionais que se caracterizam por priorizar os aspectos mais mecânicos da linguagem em detrimento do todo, ou seja, da significação da mesma. Numa concepção interacionista de língua serão objeto de reflexão por parte do professor todos os elementos constitutivos da linguagem, que só adquirirão sentido num contexto mais amplo, ou seja, no TEXTO, tanto oral quanto escrito, que enquanto unidade de sentido revela toda a dimensão da linguagem.

Neste sentido serão aqui analisados textos produzidos pelas crianças levando-se em conta não apenas aspectos do CÓDIGO, mas também aspectos do SIGNIFICADO dos mesmos, a fim de que essa análise sirva de elemento redimensionador da prática pedagógica visando o avanço do processo tanto por parte do professor como do aluno.

Para tal estabeleceram-se alguns critérios que permitiram detectar o nível de dificuldade de cada aluno e através da análise de registros periódicos permitiu-se a comparação entre as produções para detectar avanços e recuos pelos quais os mesmos passam durante o processo de aquisição da Língua Escrita.

Esses critérios estiveram divididos em dois grupos:1) o primeiro deles relacionando aspectos que terão por objetivo perceber qual é a compreensão que o aluno possui sobre o que seja ler e escrever e da função social da escrita, bem como da compreensão e utilização da idéia de SÍMBOLO e representação e se destinará apenas a análise da 1ª avaliação diagnóstica realizada; 2) o segundo grupo relacionará critérios específicos da produção oral e escrita tais como:

a) argumentação
b) expansão de idéias
c) sequência lógica
d) unidade temática

e) domínio do código gráfico

f) uso de sinais gráficos

g) uso de elementos coesivos/eliminação de repetições

h) espaçamento

i) concordância verbal e nominal

j) convencionalidades da escrita, etc.

Vale lembrar que as atividades a serem analisadas referem-se a momentos diversos do processo de aprendizagem e pertencem a alunos em níveis variados de apropriação da linguagem escrita , apresentando maior ou menor dificuldade em relação à mesma.

Como a experiência das crianças com a escrita tem se mostrado bastante diversificada antes de seu ingresso na escola, devido a qualidade das experiências vividas em relação à mesma,foram propostas em princípio atividades que tinham por objetivo detectar o nível de conhecimento destas crianças em relação a linguagem escrita. Procurou-se num primeiro momento observar-se as seguintes questões:

- Identificação das funções sociais exercidas pela escrita neste momento histórico tais como: comunicação, registro, orientação, etc.

- Compreensão da idéia de representação (através de atividades de oralização).

- Identificação dos elementos convencionais da escrita.

Para observação destes aspectos foram propostas as seguintes atividades:

1. Dramatização a) a professora propunha a alguns alunos o relato de algum acontecimento interessante, e pedia a outros alunos que representassem o acontecido.

b) Representação pelos alunos de algumas atividades profissionais.

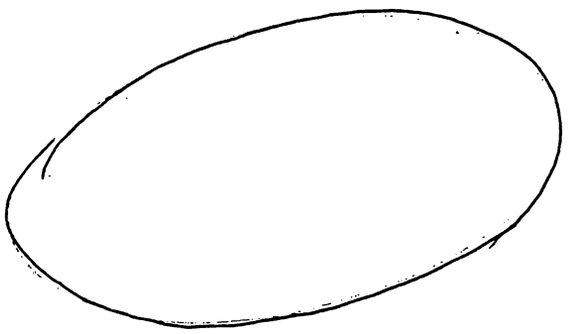
2. Mímica

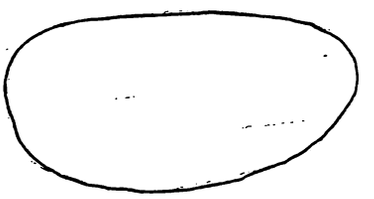
A professora solicitou aos alunos que identificassem o significado de alguns gestos convencionalizados socialmente, tais como: sinais de positivo, negativo, não, adeus, etc.

3. Desenho

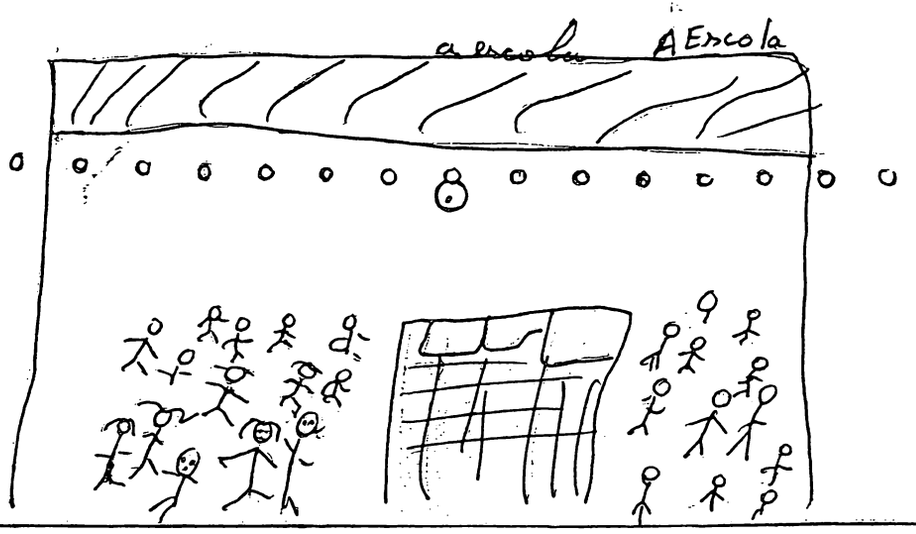
A professora solicitou aos alunos que pensassem em alguma coisa e representassem este fato através de um desenho livre.

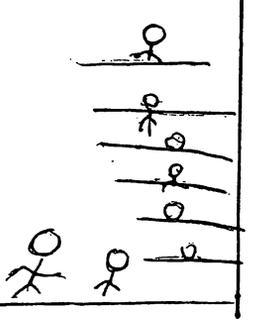
A Escola

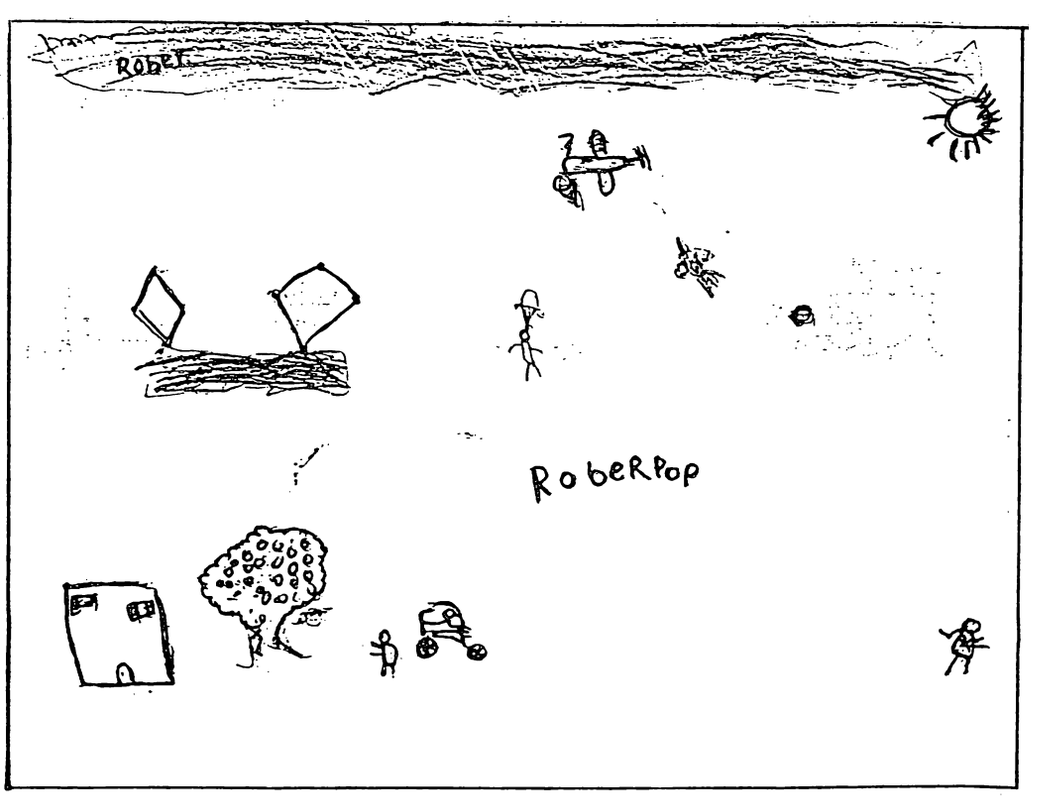


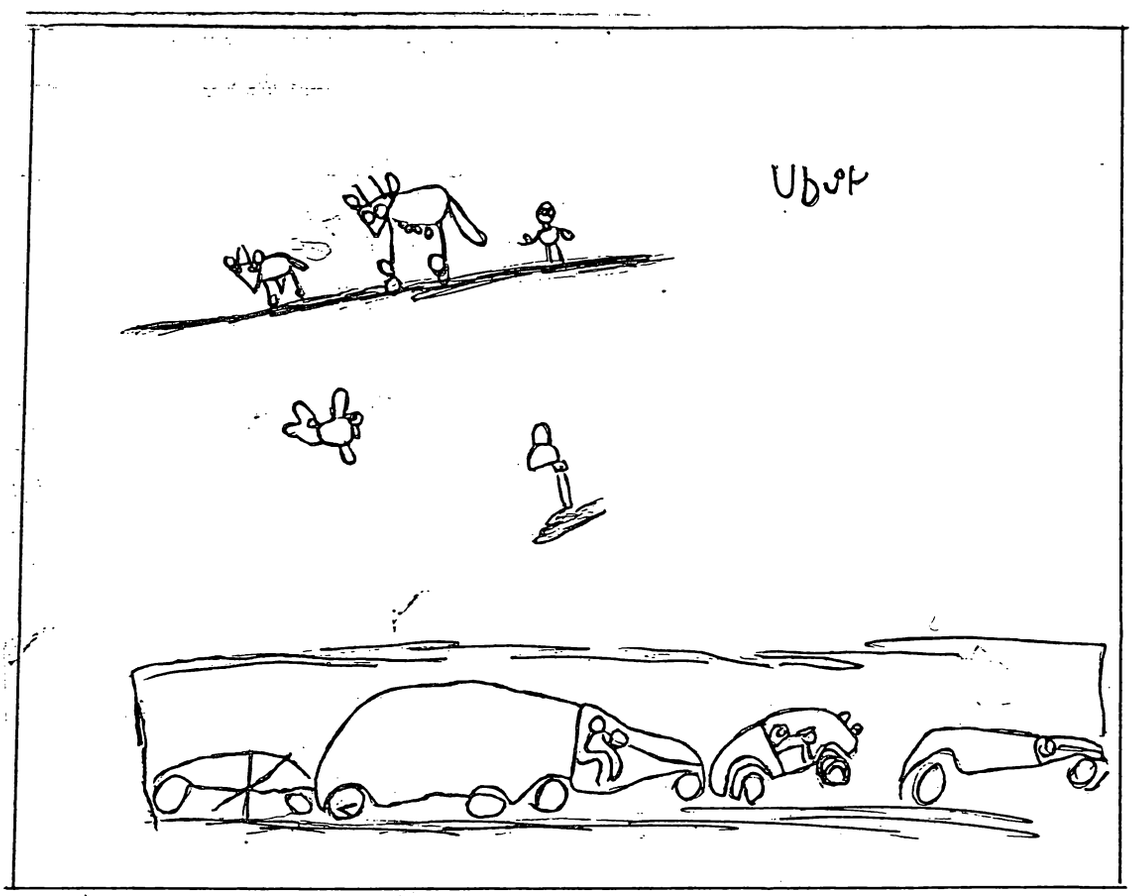


Lucineia








Uber

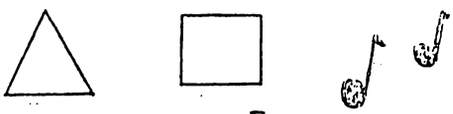
Suzi
Sala 10
c/e
Sisiomosi

4. Outras representações

Foi elaborado pela professora uma pasta contendo alguns símbo los convencionais tais como: bandeiras, placas de trânsito, rótu los, emblemas de futebol, logotipos, etc. Nesta atividades os alunos fariam a "leitura" dos diversos símbolos enquanto a pro - fessora através de perguntas mediava este processo.

5. A professora elaborou uma folha contendo diversas formas material escrito adequados a identificação dos elementos pró- da escirta tais como palavras, letras e números.

Leandro



ASSINE veja AGORA

OFERTA ESPECIAL

3 V·E·Z·E·S SEM JUROS.!

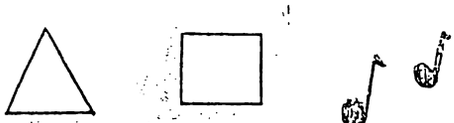
SOMENTE EM MARÇO

(011) 800-3777

das 8 às 22h.

+ − x ÷ 19 a 29 de março

Luciana



ASSINE veja AGORA

OFERTA ESPECIAL

3 V·E·Z·E·S SEM JUROS.!

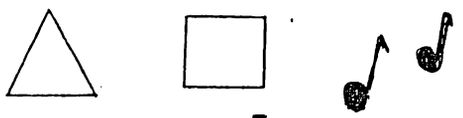
SOMENTE EM MARÇO

(011) 800-3777

das 8 às 22h.

+ − x ÷ 19 a 29 de março

Anderson



ASSINE veja AGORA

OFERTA ESPECIAL

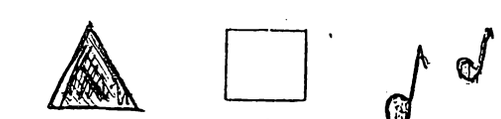
3 V·E·Z·E·S SEM JUROS.!

SOMENTE EM MARÇO

(011) 800-3777

das 8 às 22h.

19 a 29 de março



Jacimaral

ASSINE veja AGORA

OFERTA ESPECIAL

3 V·E·Z·E·S SEM JUROS.!

SOMENTE EM MARÇO

(011) 800-3777

das 8 às 22h.

19 a 29 de março

Ao analisar estas atividades desenvolvidas na primeira avaliação diagnóstica proposta observou-se que a maior parte das crianças já apropriou-se da idéia de representação consolidada provavelmente através do contato no dia a dia com um grande número de símbolos sociais convencionais tais como placas de trânsito, logotipos, etc.

Percebe-se ainda grande facilidade e despreendimento no desenvolvimento de atividades orais tais como a mímica e a dramatização, ou mesmo pelo desenho na representação de fatos da vida cotidiana.

Entretanto é ainda bastante heterogêneo seu conhecimento em relação aos símbolos próprios da escrita, havendo grande dificuldade pela maioria das crianças em distinguir letras, números e palavras, embora reconheçam que estes símbolos estão relacionados a vida acadêmica ou como diriam: "é de usar na escola, ou de usar prá escrever".

A partir deste diagnóstico, procurou desenvolver-se nas crianças a consolidação da idéia de representação, através da apresentação dos elementos menores da escrita, ou seja, as letras, através de jogos, atividades com os nomes das crianças, etc, bem como a compreensão das funções exercidas escrita na sociedade em que vivemos.

Consolidada a aquisição destes conteúdos, desenvolveu-se o trabalho de alfabetização propriamente dito através da leitura e produção de textos, trabalho este que consta com os registros dos próprios alunos e que passa-se a expor a seguir:

ATIVIDADE I - TEXTOS PRODUZIDOS COLETIVAMENTE

Curitiba, 3 de abril de 1992.

O roubo da bicicleta.

O Gustavo tinha uma bicicleta

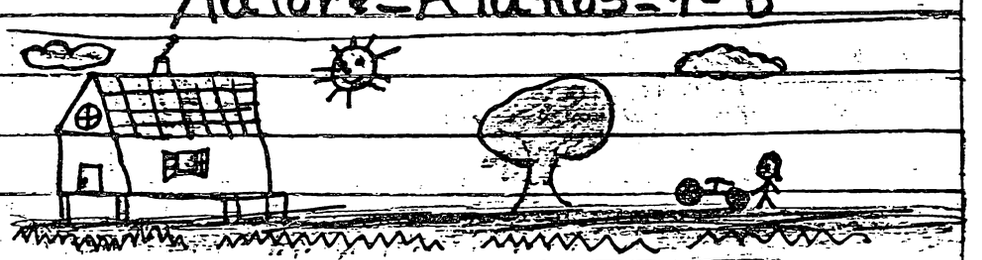
Um dia roubaram a bicicleta

do quintal da sua casa.

Ele ganhou a bicicleta do seu

primo.

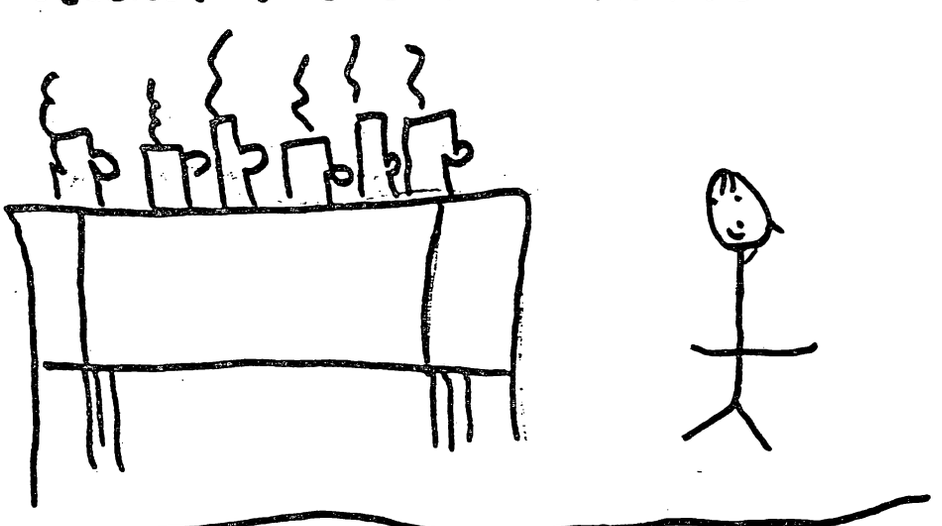
Autore-Alunos-1ªB



Curitiba, 7 de abril de 1992.

O nosso lanche

Na nossa escola
cozinheiras preparam o
Nescau e colocam no bule
para dar aos alunos.
O bule é grande porque
tem muitos alunos na nossa
escola. Autores Alunos - 1ºB



O bebê

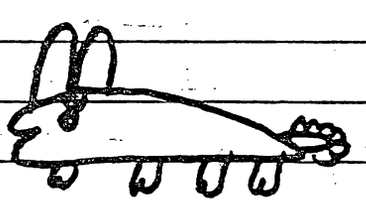
A Sueli está está esperando um bebê.
A diretora da escola também está grávida.
Os dois bebês são meninos.
O bebê da Sueli é Gustavo.
O bebê da Lina é Rafael.
Eles ficam se mexendo na barriga delas

Autores - Alunos - 1º

A Páscoa.

Páscoa significa vida nova e os símbolos da Sáo: o ovo e o coelho.

Quarta-feira nós comemoramos a páscoa na escola.



Curitiba, 12 maio

Relatório

Hoje nós fomos no pátio da escola para ver onde o Sol nasce.

O local onde o sol nasce é o nascente e onde o sol se põe é poente.

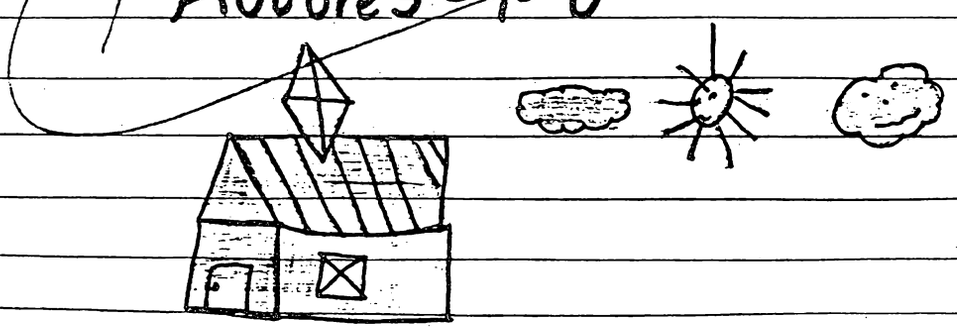
Voltamos para a sala e aprende-mos os pontos cardeais e mexe-mos com a sala e usamos a bússola.

Curitiba 19 de maio de 1.992.

O perigo dos balões.

O balão é muito perigoso.
Ele pode matar pessoas, animais e as plantas.
Quando ele cai com a tocha acessa, pode colocar fogo nas casas e na mata.

Autores - 1ª B



O elefante

O maior animal que vive em terra é o elefante.

Ele é muito alto e pesado.

O elefante só é bravo quando se sente ameaçado.

Ele come folhas, frutos e grãos.

Usa a tromba para comer, pegar e se defender.

Os elefantes a pareceram pri meiro no África, ÁSia e India.

Autores : 1º B

curitiba, 2ª de setembro de 1992

Filme

O Rei era o artur.

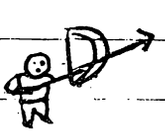
O mágico era merlim.

O país chamava-se Inglaterra.

O rei tirou a espada da pedra.

O apelido do rei era Verruga.

1 serenhe

Artur 

ATIVIDADE II - AUTO-DITADO

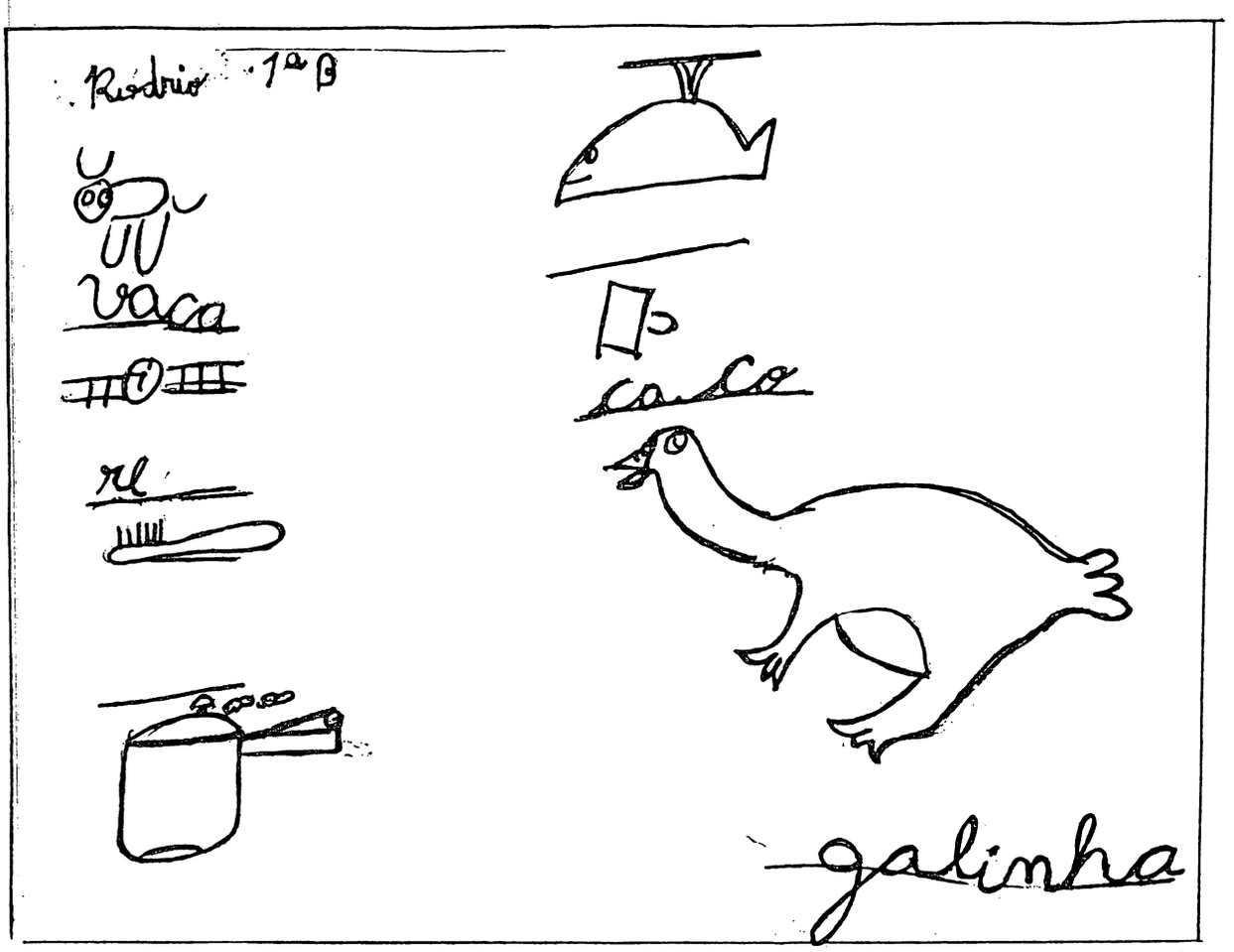
DATA: março/92

ANEXO II - Esta atividade foi proposta pela professora que determinou com as crianças uma relação de desenhos que as mesmas seriam capazes de nomear. As crianças desenharam e em seguida fizeram suas tentativas de escrita.

Os desenhos estabelecidos foram os seguintes:

1 - vaca
2 - relógio
3 - escova
4 - caneca
5 - baleia
6 - galinha
7 - bola
8 - dado
9 - casa
10 - sapo
11 - navio
12 - teia
13 - gato
14 - rede
15 - palhaço
16 - chicote

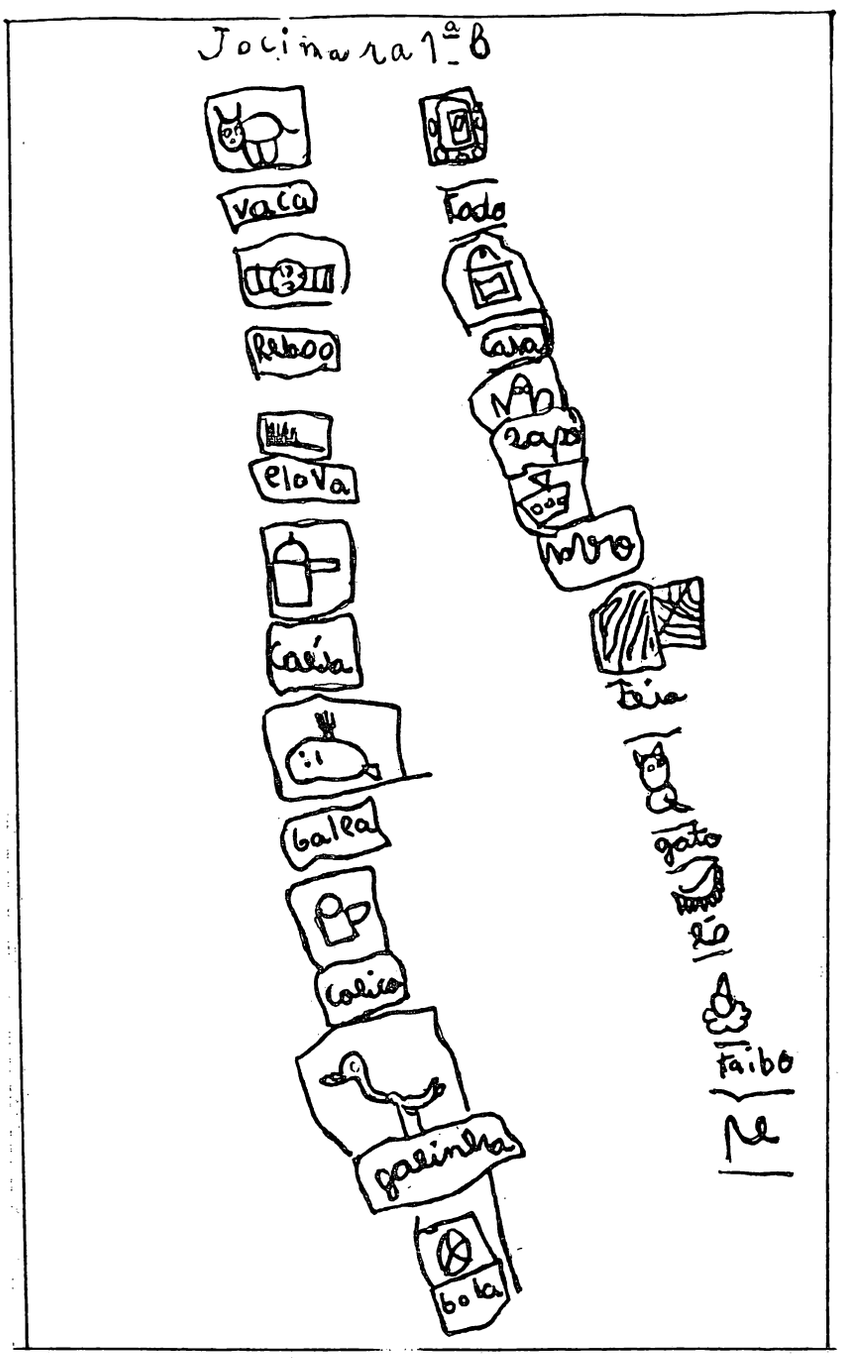
RODRIGO



Embora utilize-se das letras do alfabeto nas tentativas de escrita, percebe-se sua dificuldade em apresentar tentativas produtivas de escrita.

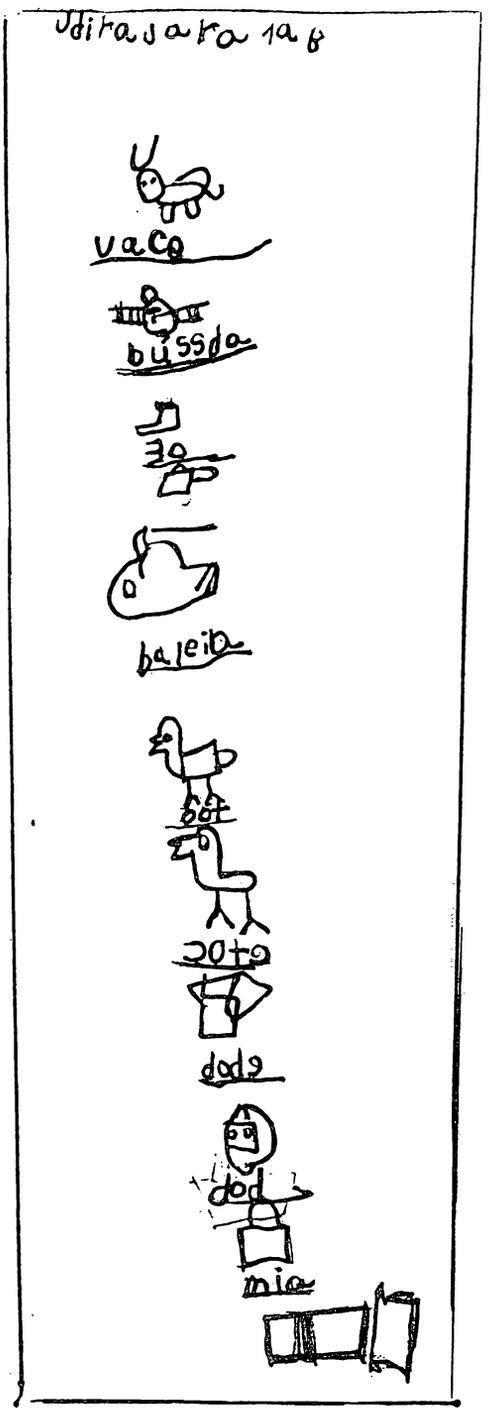
Observa-se que a criança limita-se a reproduzir palavras já dominadas, provavelmente pela segurança do acerto.

Quando tenta escrever caneca (caco) e relógio (re) observa -se uma possível relação entre fonema/grafema.



A produção da criança demonstra que embora ela faça tentativas produtivas de escrita, visto que já haja a correspondência fonema/grafema, estabelecem-se apenas as relações biunívocas com domínio.

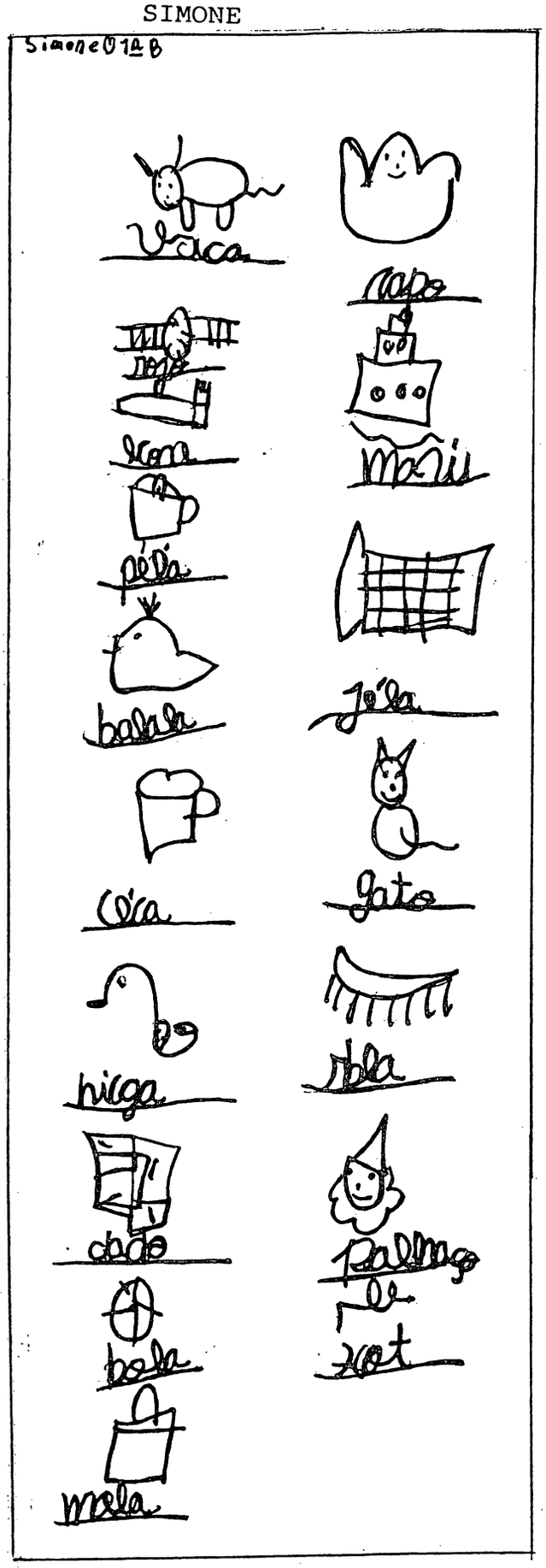
Esta fase inicial de apropriação confere características próprias da escrita tais como trocas, acréscimos e supressões de letras.



Esta produção demonstra que embora a criança domine os sinais próprios da escrita, a mesma não estabelece ainda entre eles nenhuma relação letra-som, dispondo arbitrariamente as letras.

A escrita correta de algumas palavras sugere possivelmente a cópia ou a memorização das mesmas devida a vivência delas em algum contexto anterior.

SIMONE

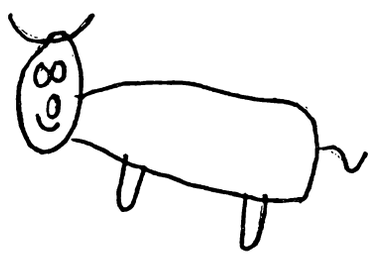


Esta criança apresenta um nível de apropriação de escrita já bastante desenvolvido, visto que há o estabelecimento de relações entre fonema e grafema.

Mesmo com uma escrita caracteriza por trocas, acréscimos e supressões de letras, observa-se presentes o estabelecimento de relações biunívocas e até mesmo cruzadas.

Esta produção detém indícios de um processo progressivo de aquisição da escrita.

Luciléia.B. 1ºB



vraca

mala

xot

relogo

eova

palela

baleia

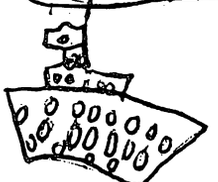
Ca/eca

galinha

dado

bola

sapo

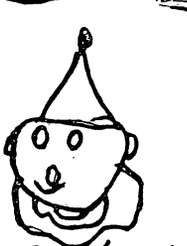


mahia

janela

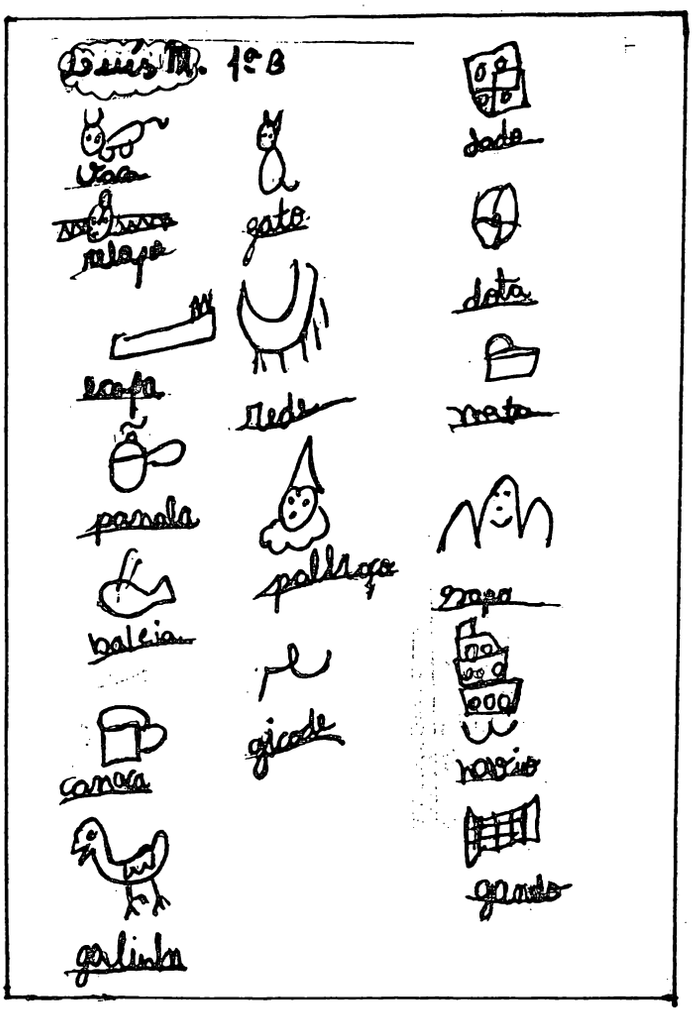
gato

rede



panso

LUÍS MIUSSAN -



Ambas as produções caracterizam um nível já avançado de apropriação da linguagem escrita.

Estabelecem-se com dificuldades relações biunívocas e cruzadas.

O conflito principal está presente nas relações arbitrárias, o que é absolutamente normal nesta fase: relógo = relógio/gicode= chicote / ganela = janela.

Em alguns contextos apresentam-se supressão de letras e trocas principalmente de fonemas homorgânicos.

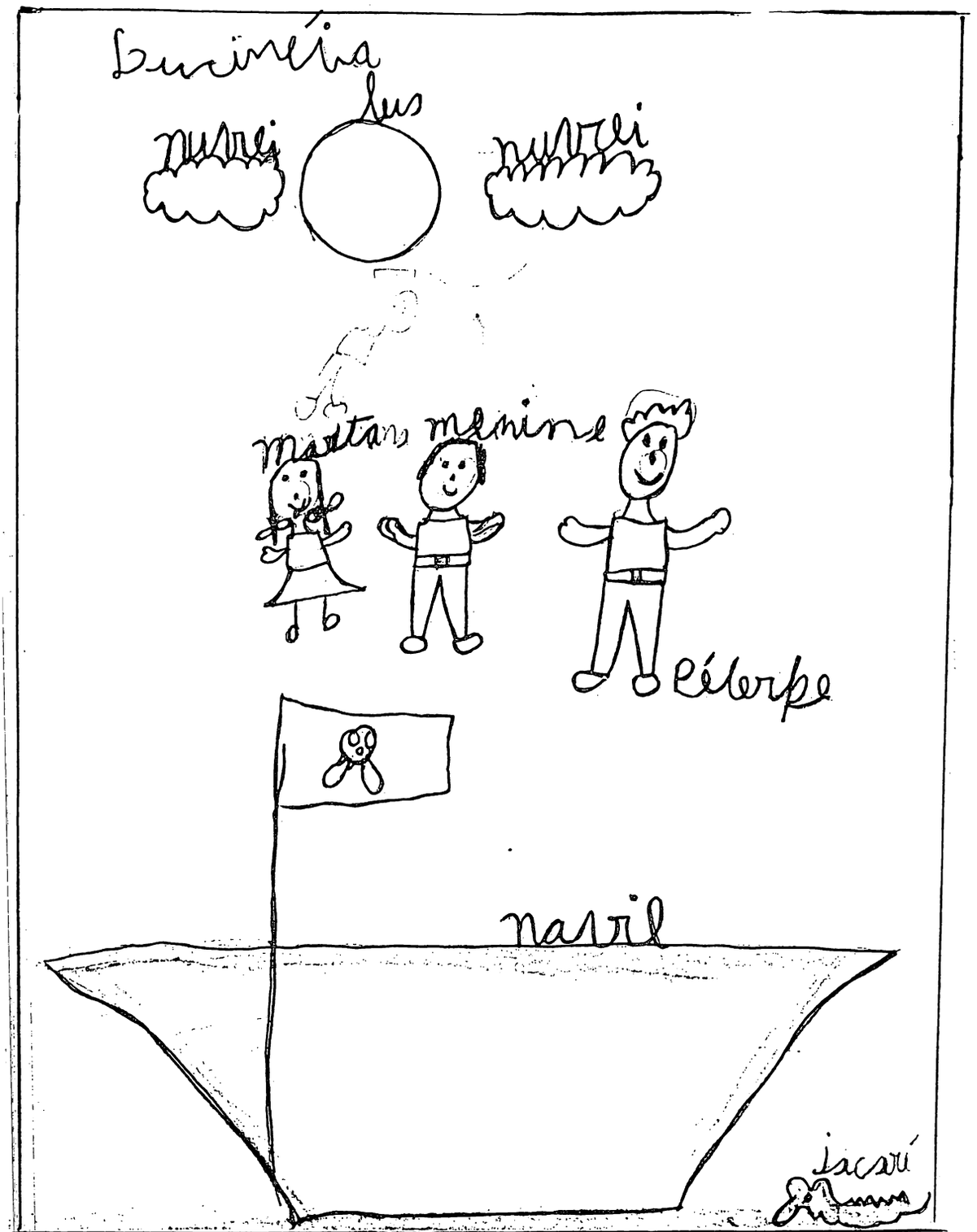
ATIVIDADE III - REPRODUÇÃO DE HISTÓRIAS

DATA: abril/92

ANEXO III - REPRODUÇÃO DE HISTÓRIAS - PETER PAN

Nesta atividade as crianças fariam o desenho e a nomeação de alguns personagens e elementos da história PETER PAN contada pela professora.

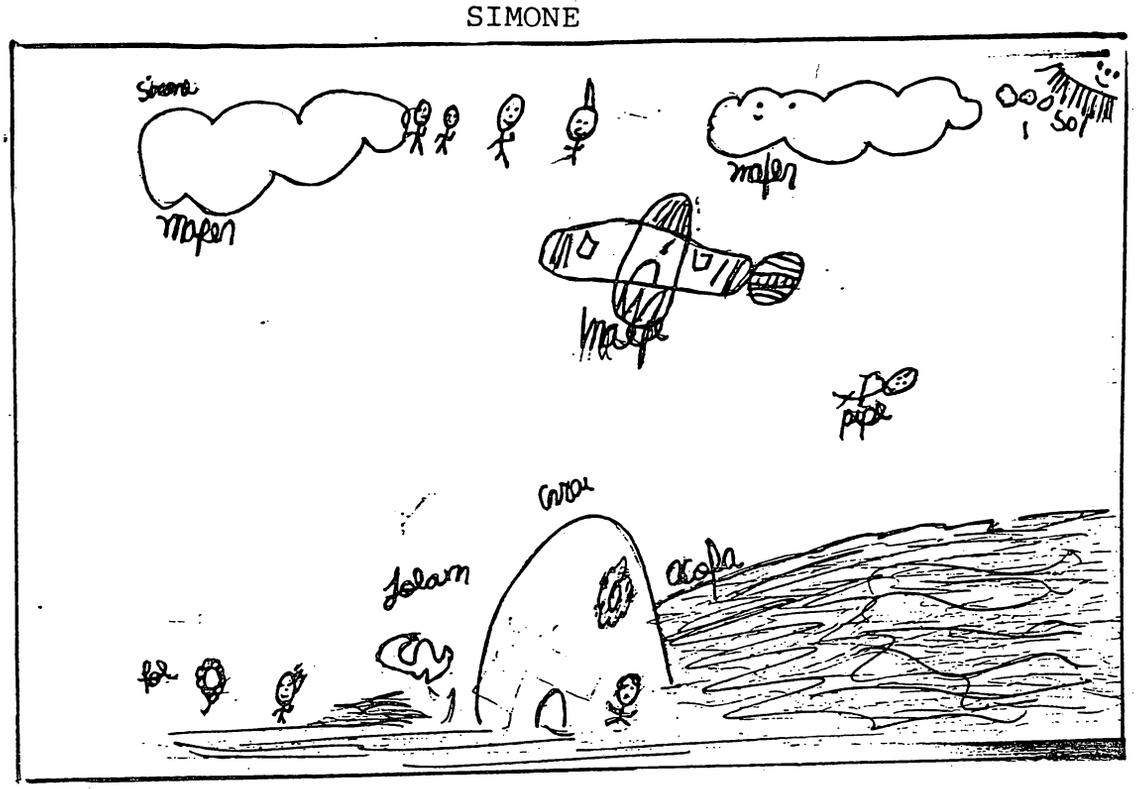
LUCINÉIA



A atual produção escrita de Lucinéia apresenta uma mudança qualitativa em relação a anterior, visto que estabelecem-se já com domínio relações biunívocas.

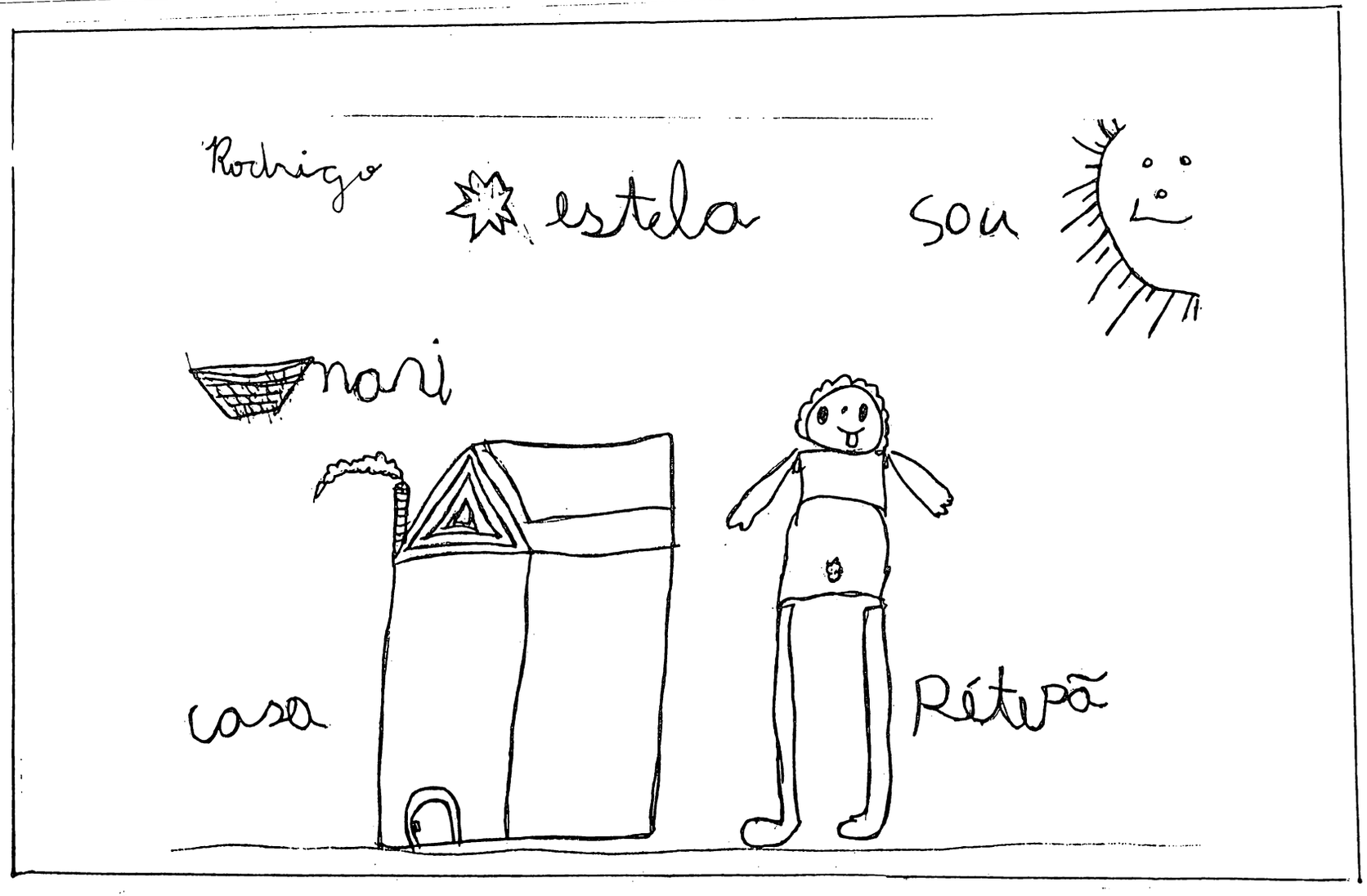
Neste momento acentuam-se os conflitos em relações cruzadas e arbitrárias. Reconhece a necessidade da nasalização em final de sílaba, (nuvei) porém ainda está influenciada pela oralidade.Outra questão interessante diz respeito a utilização do acento agudo em sílaba tônica (Peterpa) e a escolha do l para a representação do fonema /u/ em final de sílaba. Isto demonstra que a aluna está sistematizando algumas regras na construção de suas hipóteses sobre a escrita

SIMONE



Através da comparação entre as primeiras produções de Simone, podemos notar uma acomodação em suas tentativas de escrita.

Neste momento seu texto está descaracterizado de qualquer a - vanço nas relações entre grafema e fonema, apresentando grandes dificuldades mesmo quanto as relações biunívocas.

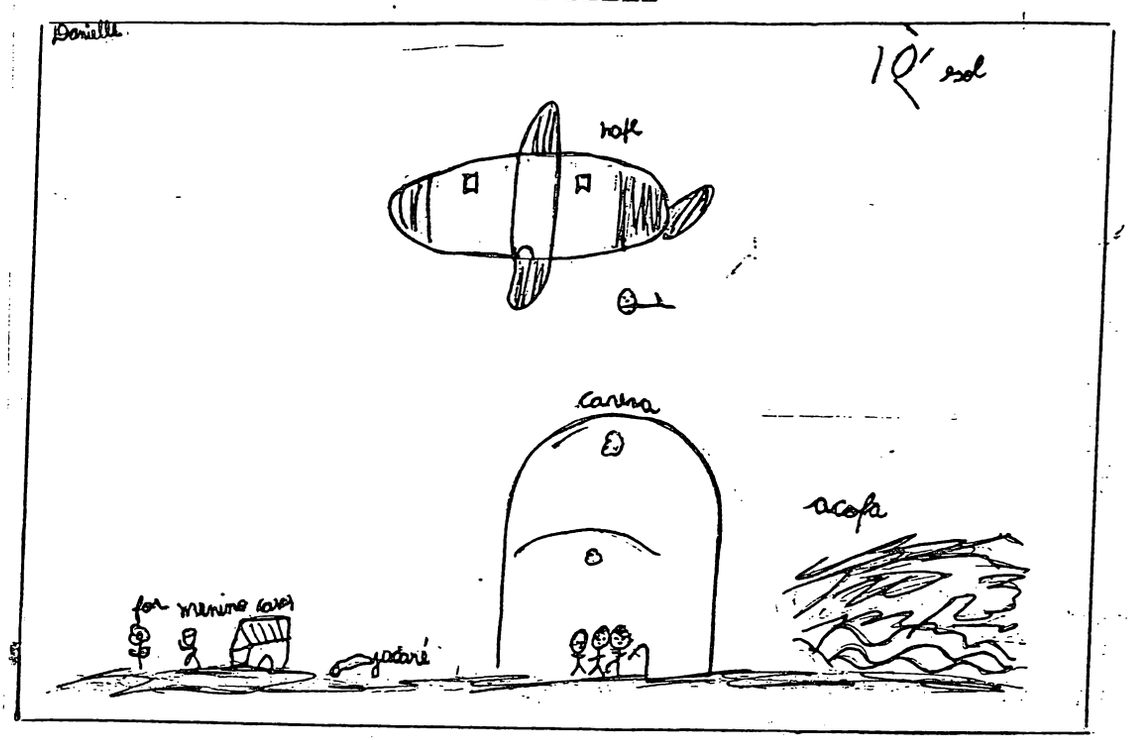

Rodrigo
estela
sou
nani
casa
Rétrã

Este aluno possui alguma dificuldade em estabelecer em sua escrita as relações com maior grau de arbitrariedade da lín - gua, ou seja, aquelas relações não previsíveis. Porém apresen ta um grande progresso em relação às primeiras produções.

Pode-se notar aqui, que já atribui valores sonoros aos grafemas, estabelecendo relações biunívocas.

Um aspecto interessante diz respeito a hipótese levantada em relação a nasalização da palavra PAN, o aluno utiliza-se do "til" como elemento nasalizador. Da mesma forma acentua a sílaba inicial de Peter, tentando reforçar sua tonicidade.

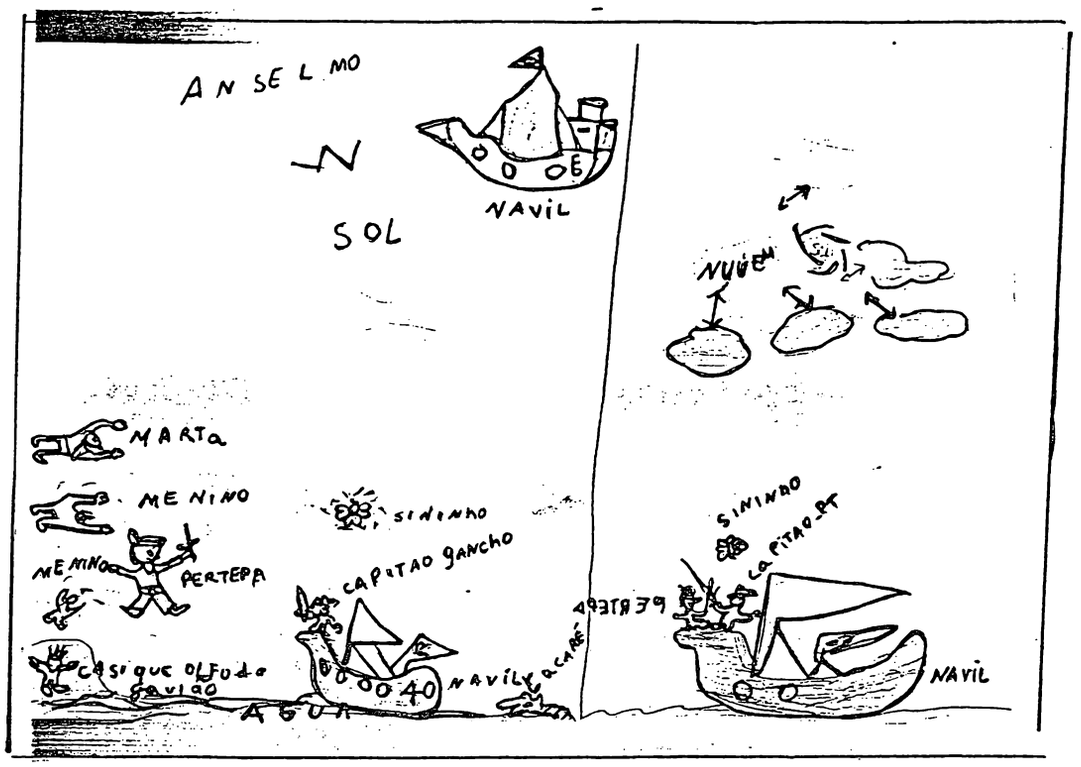
DANIELLE

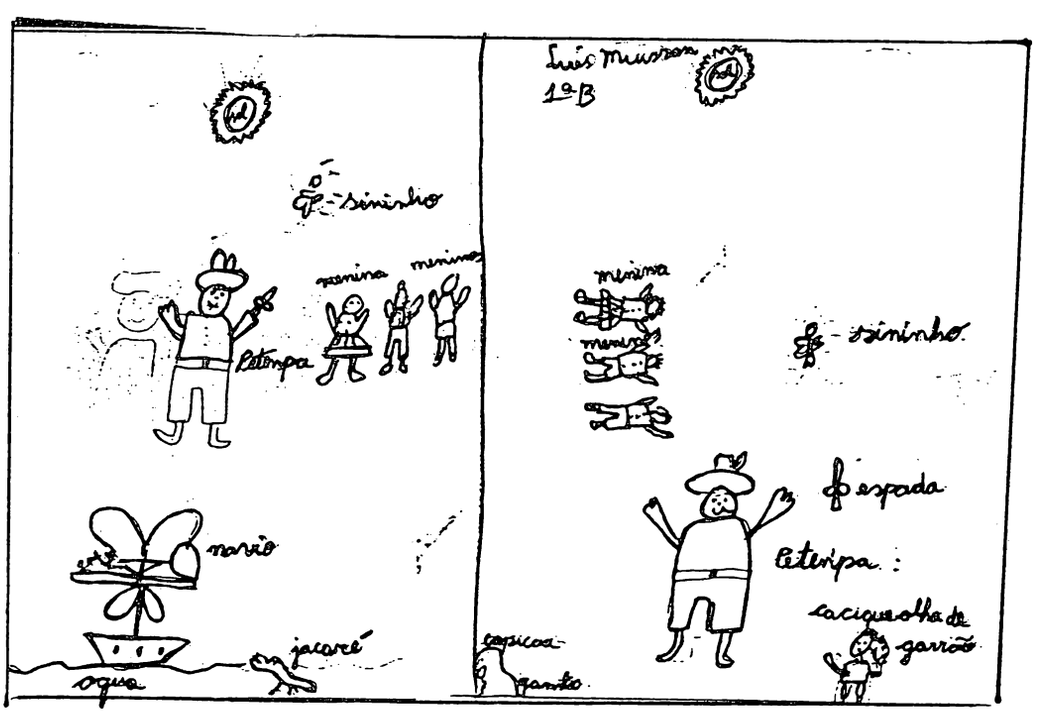


O nível de apropriação em relação a linguagem escrita mantém-se estável em relação as últimas produções.

Observa-se apesar do domínio no estabelecimento de relações fonema/grafema apresentando-se trocas e supressões de letras no interior das palavras;

flor = flor
cavea = caverna
nafe = nave





Ambos os alunos apresentam escritas bastante desenvolvidas , estabelecendo relações biunívocas e cruzadas com poucas dificuldades.

Os maiores conflitos aparecem em contextos onde os grafemas possuem mais de um valor sonoro, o que é perfeitamente normal nesta fase de alfabetização:

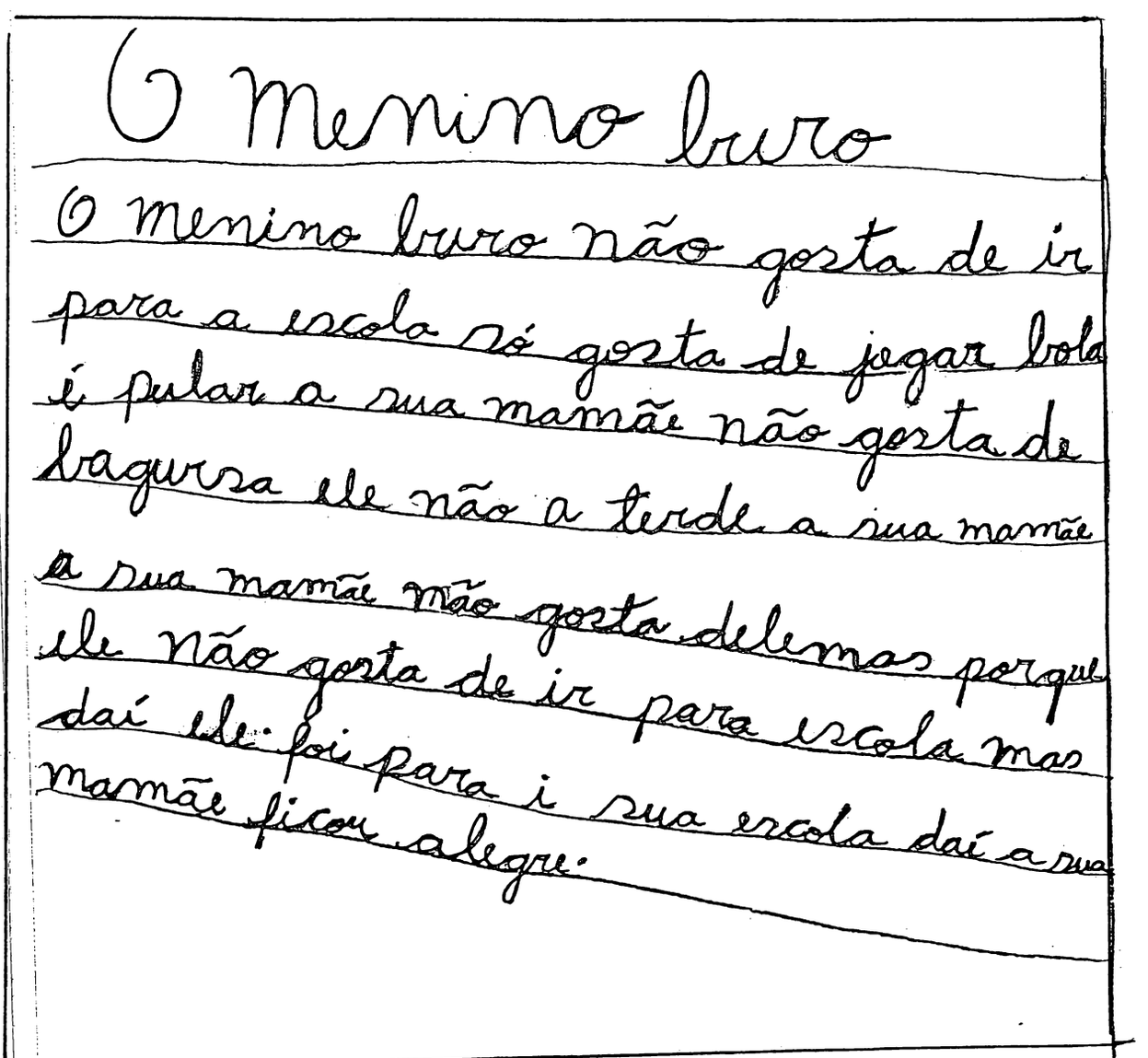
casique = cacique
navil = navio
Petenpa = Peter Pan
caperna = caverna

ATIVIDADE IV
PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL: AS MENTIRAS DE PAULINHO
DATA: maio/93

ANEXO IV - PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL
A partir de uma história: AS MENTIRAS DE PAULINHO

Nesta atividade as crianças teriam duas opções para a produção de texto; ou reproduzir a história com suas próprias palavras ou inventar uma história colocando-se no lugar do protogonista Paulinho .

Luis Miussam



O Menino louro

O menino louro não gosta de ir para a escola só gosta de jogar bola é pular a sua mamãe não gosta de baguncar ele não a tarde a sua mamãe a sua mamãe não gosta delemas porque ele não gosta de ir para escola mas daí ele foi para i sua escola daí a sua mamãe ficou alegre.

Quanto ao aspecto GRÁFICO, sua escrita apresenta aspectos de um desenvolvimento já avançado em relação ao estabelecimento de relações grafema/fonema. Entretanto por estar construindo hipóteses em relação as relações cruzadas e arbitrárias apresenta alguns conflitos tais como: BURO = burro / BAGURSA = bagunça
A TERDE = atende.

Estabelece relações na palavra através de trocas, acréscimos e supressões de letras.

A criança reconhece a necessidade do uso do ESPAÇAMENTO, embora segmente as palavras de forma não convencional.

Acentua corretamente palavras que necessitam o "til" (mamãe, não) e sílabas tônicas com o acento agudo (só, daí).

A questão ESTRUTURAL do texto deve ser revista, trabalhando-se o uso adequado de maiúsculas e minúsculas, paragrafação, bem como de sinais de pontuação.

Quanto ao aspecto do SIGNIFICADO do texto, pode-se perceber a existência de uma UNIDADE TEMÁTICA garantida por uma sequência lógica de idéias dispostas de forma correta.

Para ligar uma idéia a outra faz uso das conjunções "mas" e "porque", embora utilize a palavra "daí" repetitivamente.

Para referir-se ao "menino" utiliza os pronomes possessivos "sua" e "dele", e o pronome reto "ele", evitando assim a repetição desnecessária.

Sustenta ARGUMENTATIVAMENTE a afirmação "sua mamãe não gosta dele" quando justifica "mas porque ele não gosta de ir para a esco - la", onde também percebemos um julgamento de valor moral.

Para a garantia de melhor clareza e riqueza textual, devem -se aprofundar os seguintes conteúdos:

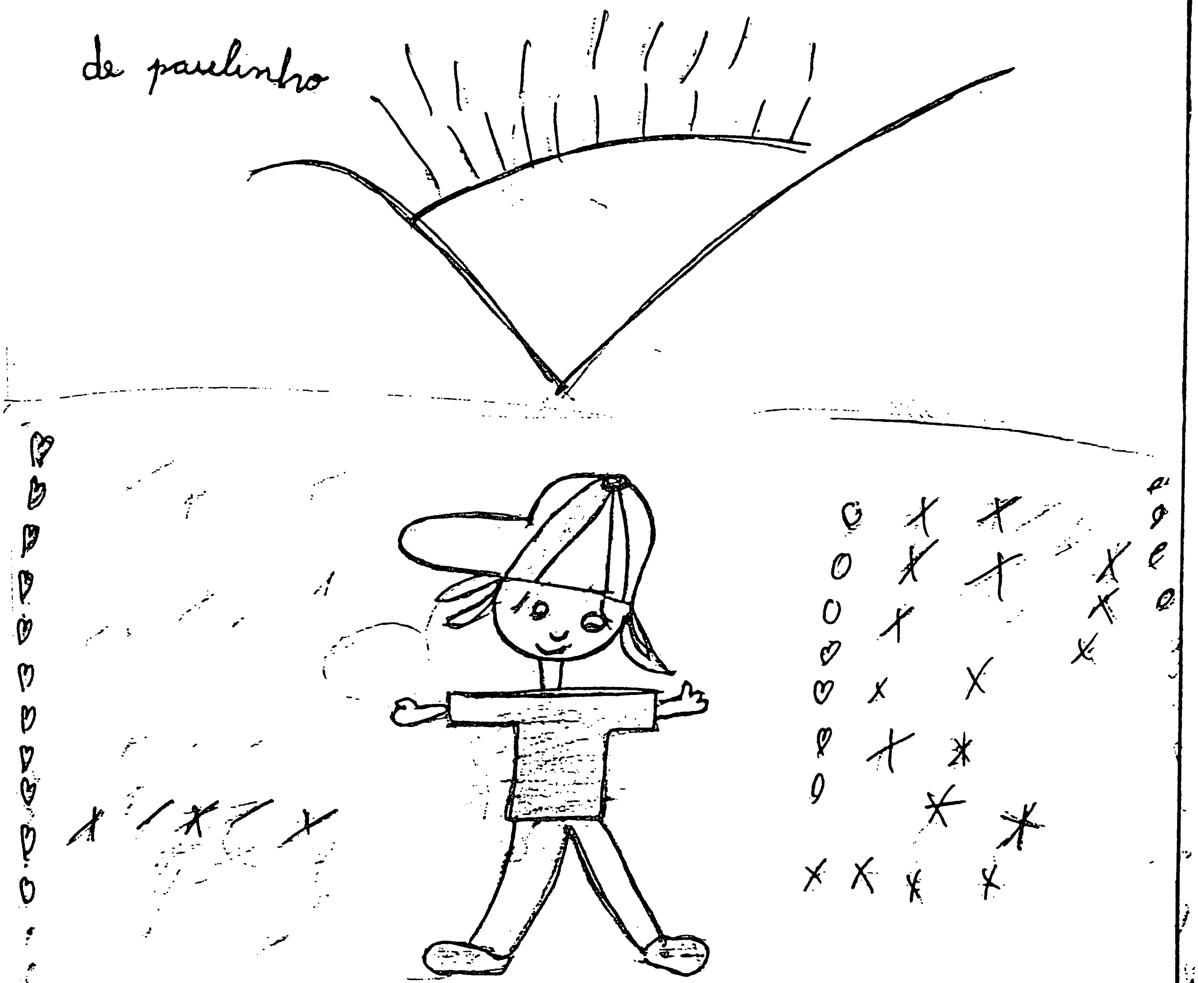
a) expansão de idéias
b) eliminação de repetições
c) espaçamento das palavras
d) pontuação, margens e paragrafação
e) discurso direto e indireto
f) relações cruzadas e arbitrárias

LUCINÉIA

Lucinéia machado 1ªB

Os mentiras

de paulinho



O pallinho mentil que o discorvoador
Vuador tinha estraterestre e
tanbem tinha lobisomem.
e tanbem ele decolal com o avião
fim altora Lucinéia 1ªB

Esta produção escrita demonstra a série de conflitos pelos quais passa a criança ao apropriar-se da língua escrita.

Estabelece com domínio relações biunívocas e cruzadas apresentando dificuldades quanto as relações arbitrárias. Embora a presente conflitos na sistematização da unidade sonora /w/ e sua representação gráfica em final de sílaba (L ou U) e de - monstre também insegurança quanto a escolha correta do elemento nasalizador (m,n ou til), apresenta grande progresso na escrita desde o último registro analisado.

A criança reconhece a necessidade do uso do espaçamento,segmentando as palavras de forma convencional, entretanto não usa adequadamente os elementos que garantiriam uma boa UNIDADE ES - TRUTURAL, tais como o parágrafo, margem e sinais de pontuação.

Quanto a clareza e coesão textual, pode-se dizer que todas as idéias do se reportam a um tema central e obedecem a uma ordem adequada, embora não haja uma expansão das mesmas e um nível de argumentação razoável que garantiriam uma riqueza maior ao texto.

Neste caso seria necessário aprofundar os seguintes conteúdos:

a) argumentação
b) expansão de idéias
c) eliminação de repetições
d) uso adequado de pontuação, margem e parágrafo
e) uso de maiúsculas e minúsculas.

ATIVIDADE V - O SAPO PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL
DATA: junho/92

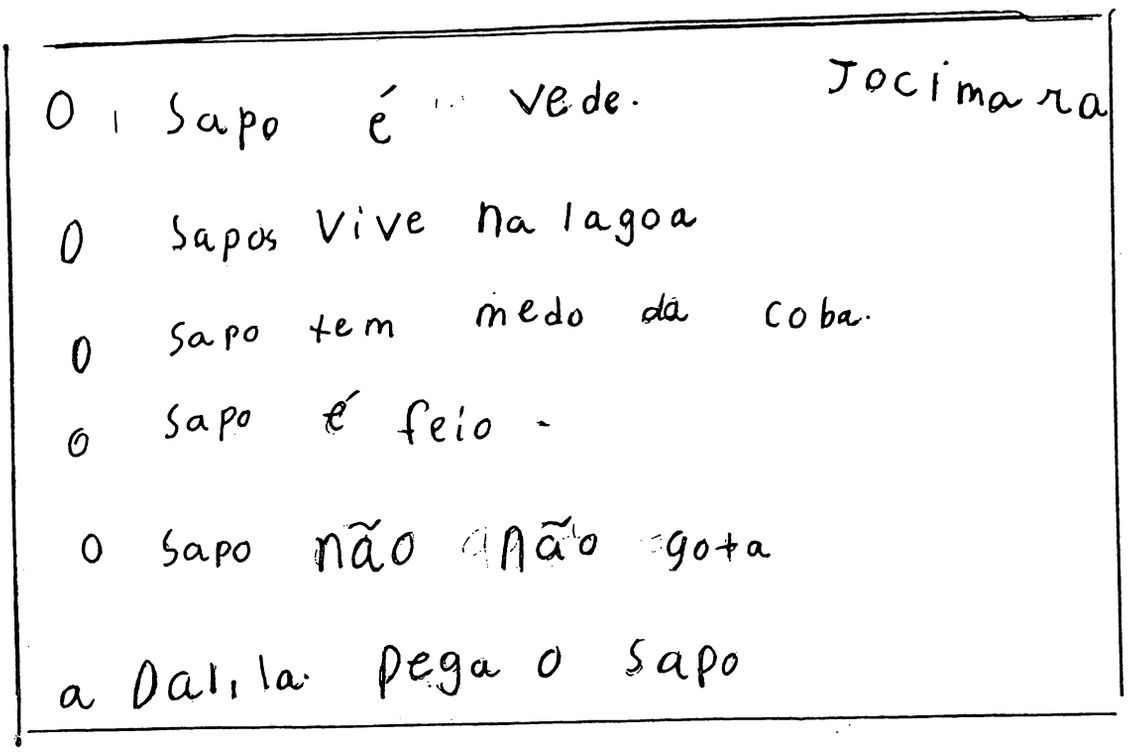
- PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL

Esta produção de texto foi proposta a partir de várias atividades desenvolvidas pela professora:

a) FILME: O SAPO QUE VIROU PRÍNCIPE
b) HISTÓRIA INFANTIL: A BOCA DO SAPO
c) TEXTO POÉTICO: O SAPO BOLÃO
d) TEXTO INFORMATIVO: O GIRINO

Após a participação das crianças discutindo e trocando experiências a respeito dos temas abordados, foram produzidos os seguintes textos:

JOCIMARA



Este texto comprova uma mudança qualitativa na escrita da aluna.

Há o estabelecimento de relações sonoras entre os grafemas, embora com algumas dificuldades.

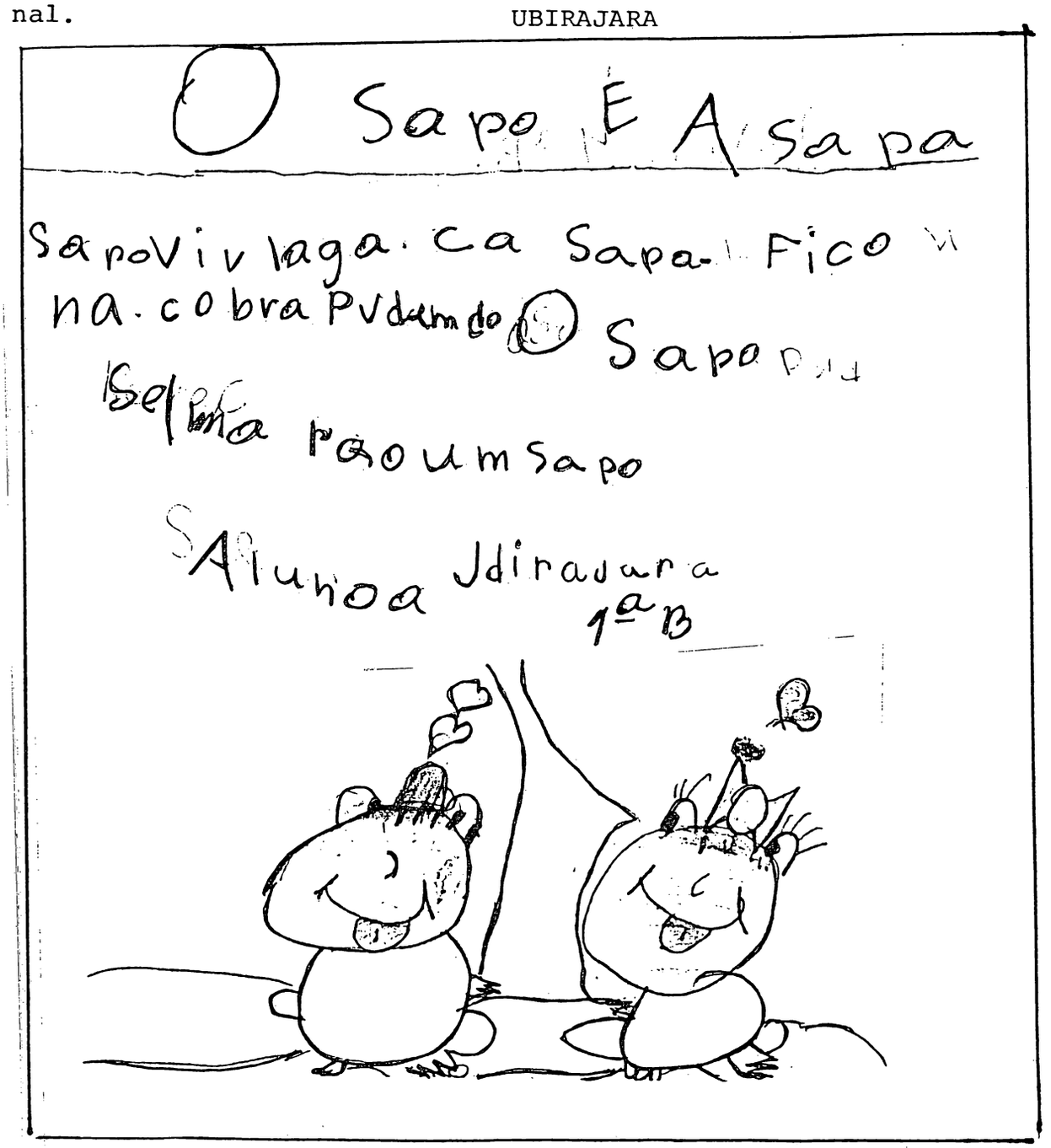
A criança demonstra uma insegurança em relação a expansão de idéias de seu texto, visto que a mesma se prende a modelos estereotipados onde prevalece a pouca margem de "erro".

O trabalho deve ser direcionado no sentido da expansão de idéias, onde a criança utilize o texto como um canal para liberação e organização de seu pensamento.

Esta produção apresenta uma escrita sem qualquer unidade temática ou estrutural. As palavras se dispõem arbitrariamente e demonstram ser apenas fruto de uma memorização por parte da criança.

Comparando-se às produções anteriores notamos pouca mudança qualitativa na escrita, a não ser a utilização neste momento de caracteres próprios da escrita, ainda que de forma não convencional.

UBIRAJARA



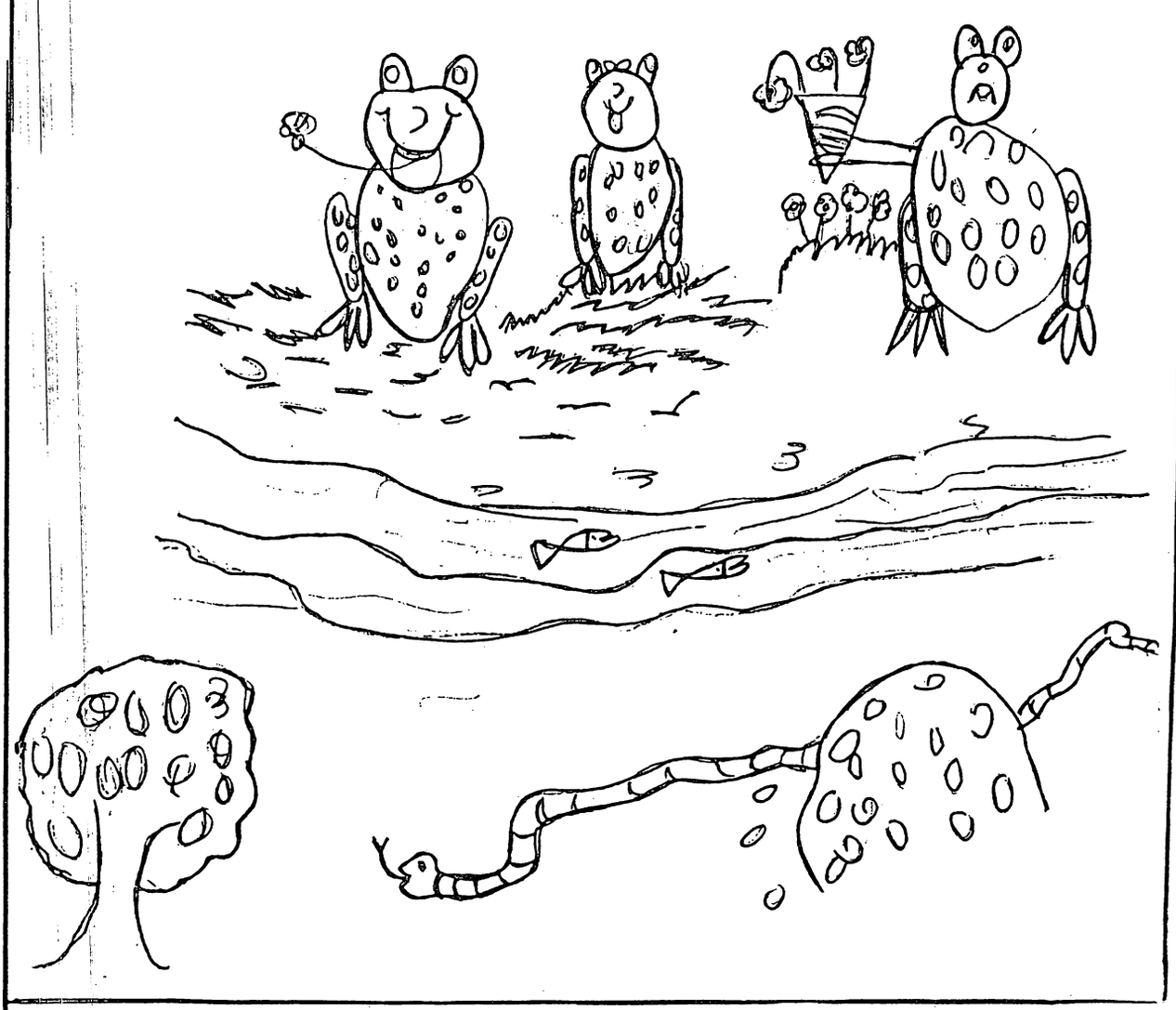
O sapo e a boca

O sapo estava na lagoa e a pareceu o jacaré
o jacaré Falou sapo voce tem uma boca muito
grande e o sapo Falou eu não tenho
e a pareseu o tatu o tatu Falou A mesma coisa
sapo voce tem a boca grande e o coelho chegou

Falando sapo u que boca grande e o sapo Falou Tenho

e isso é muito bom porque se voce apagar a vela
ca tua boca qui nei eu é bom

O sapo = Anselmo



Esta produção demonstra o enorme poder de síntese do aluno ao reproduzir o conteúdo de uma história infantil.

O texto apresenta UNIDADE TEMÁTICA, visto que todas as idéias reportam-se ao mesmo tema central, seguindo uma ordem adequada. Demonstram-se a COESÃO TEXTUAL pelo uso do conectivo e, ainda que de forma repetitiva.

Percebe-se o nível ARGUMENTATIVO do texto através de afirmações sempre justificadas de forma coerente. ("Tenho, e isso é muito bom porque se voce apagar a vela ca tua boca qui nei eu é bom).

Revela na escrita, tentativas de utilizar ESPAÇAMENTO entre palavras, fazendo-o de forma arbitrária.

Utiliza-se do DISCURSO DIRETO, entretanto pela inexistência de pontuação adequada, fica comprometida a CLAREZA das idéias expostas sob esta forma.

São utilizadas as letras do alfabeto tipo script simplificada estabelecendo relações biunívocas, cruzadas e arbitrárias, necessitando as últimas serem melhores trabalhadas e fixadas, visto que o aluno apresenta algumas dificuldades em relação às mesmas. (apareseu = apareceu /coenho = coelho / iso = isso /nei = nem)

Outro aspecto observado diz respeito a influência sistemática da oralidade em sua escrita: "po voce tem a boca grande" "ca tua boca" "qui nei eu".

Conteúdos a serem trabalhados

a) expansão de idéias
b) espaçamento entre palavras
c) unidade estrutural: margem, parágrafos e pontuação
d) uso adequado de maiúsculas e minúsculas
e) eliminação de repetições
f) discurso direto e indireto
g) relações cruzadas e arbitrárias

O sapo — Lucineia

O sapo vive na lagoa e gosta da perereca e
gosta de bebê e tem medo da cóbra
e eles tem medo de fogo
a perereca gosta do sapo e
a jarimara tem medo do sapo
e o sapo come inseto

Este texto demonstra que embora todos os seus elementos reportem-se ao tema central, suas idéias não caracterizam a COESÃO TEXTUAL. Não confere-se às mesmas uma SEQUÊNCIA LÓGICA, visto que são descritos uma série de fatos aparentemente desconexos.

Para ligar uma idéia a outra a aluna utiliza-se do conectivo E, que apresenta-se repetidamente.

Sua escrita apresenta legibilidade, utilizando as letras do alfabeto sob a forma script simplificada, estabelecendo relações biunívocas, cruzadas e arbitrárias ainda que com alguma dificuldade. Revela também ESPAÇAMENTO utilizado de forma convencional.

Faz corretamente a concordância verbal utilizando-se da 3ª pessoa do singular e plural.

Embora o texto demonstre um avanço qualitativo em relação a apropriação da linguagem escrita, deverão ser trabalhados os seguintes conteúdos:

a) argumentação
b) expansão de idéias
c) eliminação de repetições
d) uso adequado de parágrafos, margem e pontuação
e) uso de maiúsculas e minúsculas

ATIVIDADE VI
PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL
A ÁRVORE
DATA: julho/92

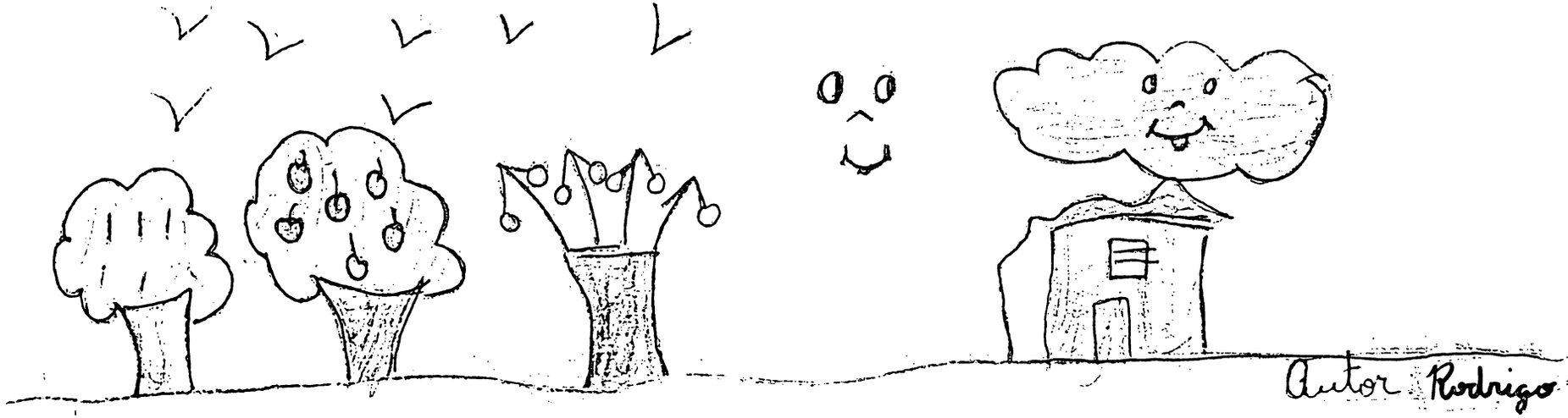
- PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL

Esta atividade foi proposta a partir de uma discussão realizada sobre ECOLOGIA, após assistir a um filme sobre desmatamento.

Nome: Rodrigo

As árvores

As árvores dão frutas para a gente.
Elas dão a sombra, e tambem muitas flores.
Lá na minha casa eu tenho muitas árvores.
Por exemplo: uma macieira, uma ameixeira e uma laranjeira.



RODRIGO

Este texto demonstra um considerável avanço tanto em relação a forma quanto ao conteúdo do mesmo.

Apresenta o título e o autor, faz uso adequado de letras maísculas e segmenta as palavras de forma correta.

Acentua corretamente as palavras e utiliza-se da vírgula e ponto final com domínio.

As idéias estão coesas entre si e obedecem a uma sequência lógica. Faz uso do pronome "elas" em substituição a palavra "árvore", eliminando assim a repetição desnecessária.

Sustenta argumentativamente sua afirmação inicial de que a árvore traz benefícios dizendo ter muitas árvores em sua casa e citando exemplos. A expressão "Por exemplo..." demonstra ter sido sistematizada a partir de leituras anteriores e aparece com constância em seus textos.

Faz uso de letra cursiva, estabelecendo relações biunívocas e cruzadas corretamente e arbitrárias com algumas dificuldades.

São poucos os conteúdos a serem trabalhados a fim do avanço qualitativo do aluno:

a) utilização de parágrafos

b) relações arbitrárias

LUÍS MISSUAN

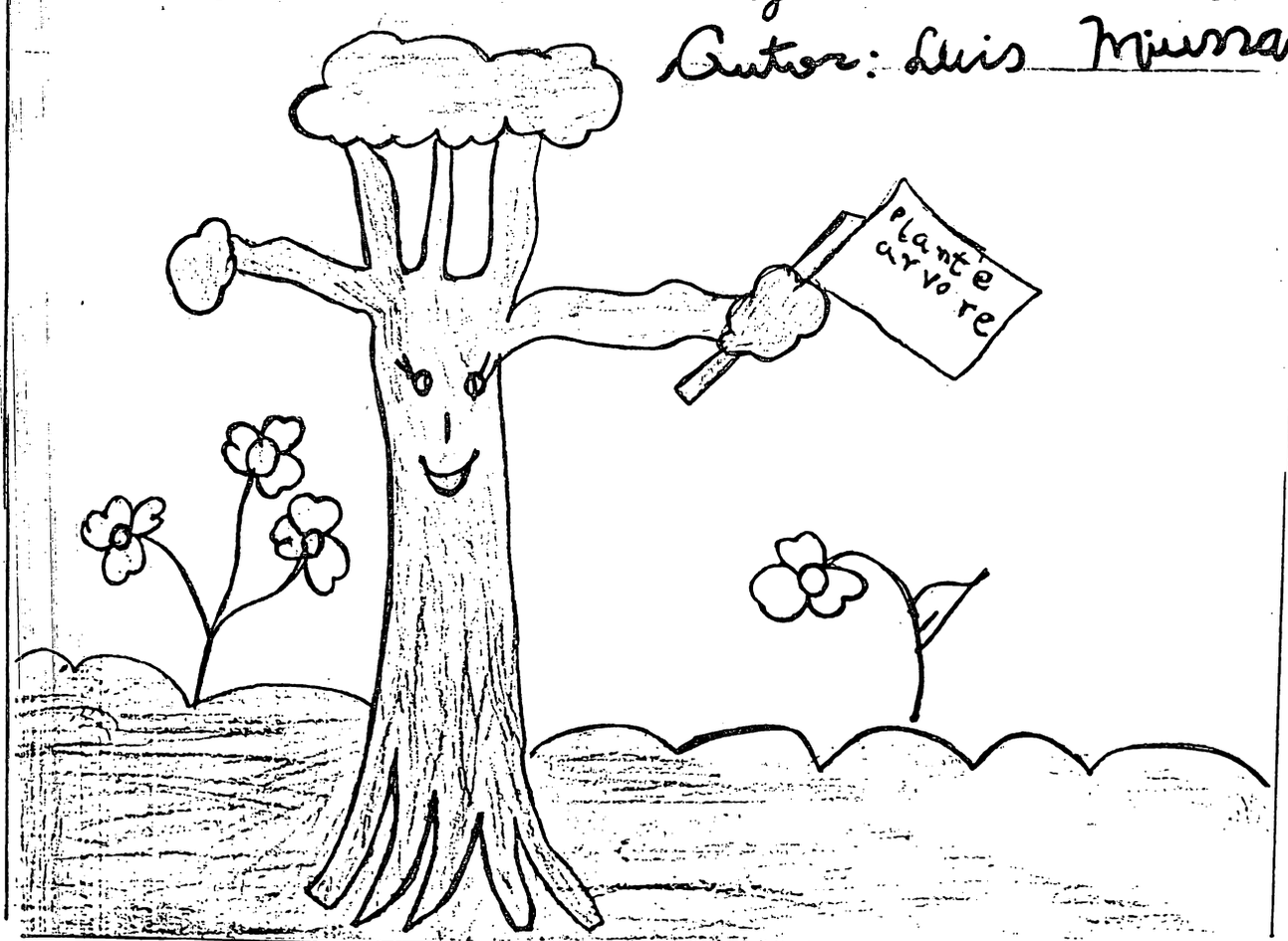
A arrvore

A arrvore é anosa amiga.

Anosa amiga arrvore dá sombra
A arrvore da frutas para nos se
alimenta.

Anosa amiga arrvore é uma amiga
de verdade porque ilá da todo que
a gente preciza para se alimetar
a arrvore é mia amiga de verdade.

Autor: Luis Missuan



Através deste texto observa-se que o aluno já domina com pou - cas dificuldades grande parte dos conteúdos próprios do processo de aquisição da linguagem.

Seu texto possui UNIDADE TEMÁTICA já que todos os elementos se reportam ao tema central e as idéias obedecem a uma ordem adequada.

Sustenta argumentativamente a afirmação: "Anosa amiga árvore é uma amiga de verdade" quando justifica "porque ela dá todo que a gente presiza para se alimetar".

Apresenta algumas dificuldades em relação a concordância ver - bal geradas provavelmente pela influência da oralidade na escrita, tal como: "para nos se alimenta".

Quanto ao aspecto estrutural faz uso de ESPAÇAMENTO entre as palavras, ainda que algumas vezes o faça de forma não convencio - nal. Acentua corretamente as palavras, e utiliza apenas o ponto final.

Faz uso da letra cursiva estabelecendo a correspondência fone- ma/grafema através de relações biunívocas, cruzadas e parcialmente arbitrárias. Apresenta trocas e supressões nas palavras como em: "a nosa = nossa / presiza = precisa / mia = minha

Os conteúdos a serem trabalhados, neste caso são:

a) expansão de idéias
b) uso adequado de parágrafos e pontuação
c) eliminação de redundâncias
d) segmentação das palavras
e) relações cruzadas e arbitrárias

ATIVIDADE VII

PROD.DE TEXTO IND. OS ANIMAIS

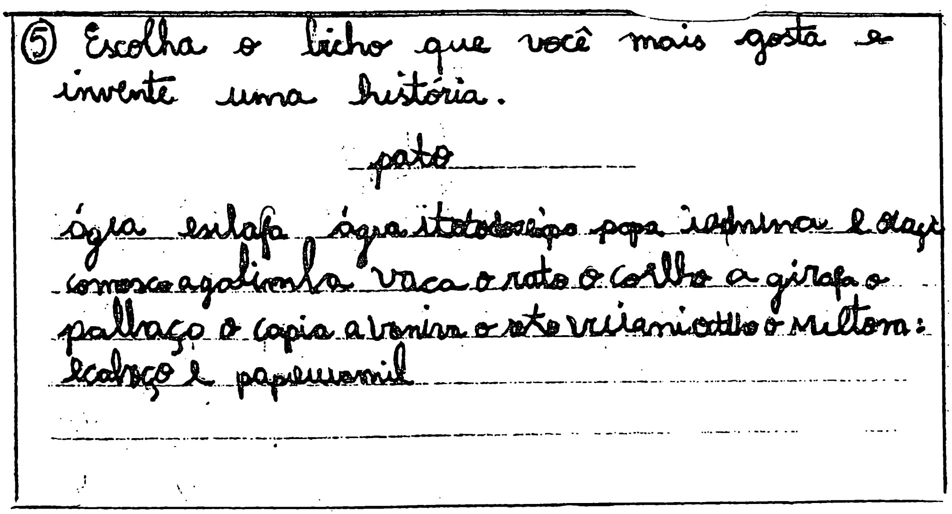
DATA: agosto/92

- PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL

TEMA: ANIMAIS

Esta produção individual foi proposta a partir do trabalho de Leitura e Interpretação do texto poético Sapo Bolão. (em anexo)

DANIELLE


⑤ Escolha o bicho que você mais gosta e invente uma história.

pato

ógua eslafa água [illegible] popa iadmina e [illegible]
[illegible] vaca o rato o coelho a girafa o
palhaço o copia a [illegible] o rato [illegible] o [illegible]:
[illegible] e [illegible]

Danielle

A produção da aluna representa muito pouco em termos de mudança qualitativa na escrita, visto que não há uma tentativa aparente de estabelecer-se algum tipo de relação entre fonema/grafema.

As palavras aparecem arbitrariamente de forma aleatória e quando legíveis as mesmas demonstram serem sido copiadas ou memorizadas de contextos vivenciados anteriormente.

LUÍS MIUSSAN

⑤ Escolha o bicho que você mais gosta e invente uma história.

a lesma lerda

a lesma foi com vidada para um casamento e ela foi condo ela

chegou eles jatinha dois filhos e todo mundo deu risada dela

a tartaruga o coelho a furmiga e o pato e a o passarinho deu

risada e a lesma chorou eles ficaram com dó da lesma cuitadinha dela

É interessante notar que embora produza um texto individual, o aluno faz uso de elementos relacionados a outras experiências vividas em sala de aula (livro: Lúcia-já-vou-indo) demonstrando a EXPANSÃO DE IDÉIAS no texto.

A unidade temática está garantida pelo uso de elementos coesivos para ligar as idéias do texto (e, quando). Quando se refere "a lesma" utiliza-se de pronomes (ela, dela) evitando repetições desnecessárias.

O uso indevido de pronomes isto é, não substituindo nomes, compromete a clareza das idéias por parte de um interlocutor virtual.

Embora a concordância nominal apresente-se adequada, há um comprometimento no que se refere a concordância verbal de pessoa, devido provavelmente a influência da oralidade.

Quanto ao aspecto estrutural do texto observa-se o cuidado com a segmentação de palavras que apresentam-se muitas vezes de forma não convencional devido à influência da oralidade (com vidada = convidada / jatinha = já tinha.

Não há uso adequado de parágrafos, sinais de pontuação e uso de maiúsculas.

A criança estabelece correspondência fonema/grafema em um nível bastante avançado através do domínio de relações biunívocas, cruzadas e parcialmente arbitrárias apresentando trocas e supressões de letras.

Observa-se também uma forte tendência a reprodução da oralidade: condo = quando / jatinha = já tinham / furmiga = formiga / cuitadinha = coitadinha.

Os conteúdos a serem aprofundados são:

a) espaçamento
b) pontuação, margem e parágrafo
c) uso de maiúsculas e minúsculas
d) uso de elementos coesivos
e) discurso direto e indireto
f) relações arbitrárias
g) argumentação

UBIRAJARA

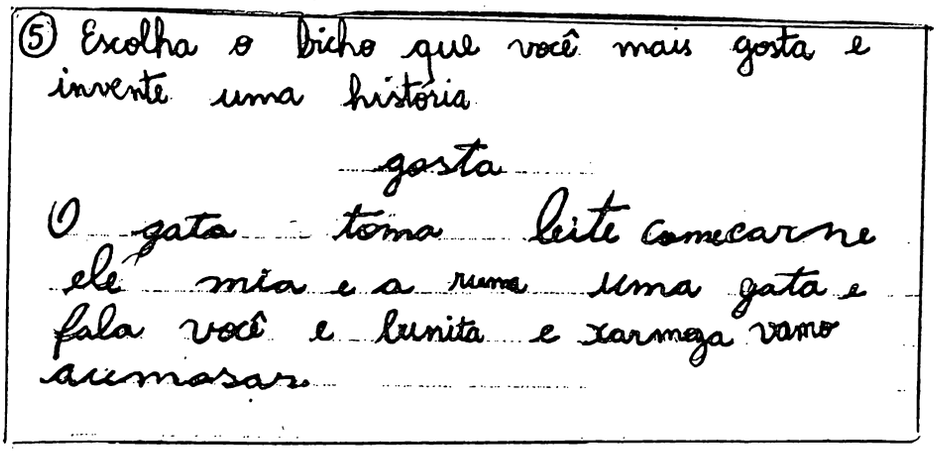
> (5) Escolha o bicho que você mais gosta e invente uma história.
>
> o rapo
>
> Eu Fui la da caza dentilas e vi mu sapo i Eu i di Tila falo FaFaoEusousapo e miTiTi TiTa Falo va va nao aTiTi ve a osopo

Este texto produzido pela criança demonstra que embora haja uma tentativa precária de atribuição de valor sonoro aos grafemas, ainda não há uma relação estável para cada um deles.

A criança ainda não domina ao menos as relações biunívocas o que dificulta a colocação de suas idéias no papel, levando-a a reproduzir palavras ou frases já memorizadas em contextos anteriores.

Deve-se aprimorar os esforços na sistematização destas relações a fim de se conseguir ainda um avanço qualitativo na escrita desta criança.

SIMONE


⑤ Escolha o bicho que você mais gosta e inverte uma história

gosta

O gata toma leite comecarne ele mia e a ruma uma gata e fala você e bunita e xarmoza vamo acumasar

Esta produção apresenta uma considerável criatividade na exposição das idéias, que apresentam UNIDADE TEMÁTICA e SEQUÊNCIA LÓGICA.

Para ligar uma idéia a outra faz uso da conjunção aditiva "e", embora de forma repetitiva. Para se referir ao "gato" utiliza "você" evitando assim a repetição desnecessária.

Apresenta corretamente ambas as concordâncias - verbal e nominal, quanto a tempo e pessoa e número e grau, porém devido provavelmente a influência da oralidade apresenta a supressão do s na palavra VAMOS (vamo).

Quanto a UNIDADE ESTRUTURAL percebe-se o reconhecimento da necessidade do uso do espaçamento, embora as palavras estejam segmentadas de forma não convencional (a ruma = arruma).

Utiliza apenas o ponto final como sinal de pontuação, o que compromete a clareza do texto.

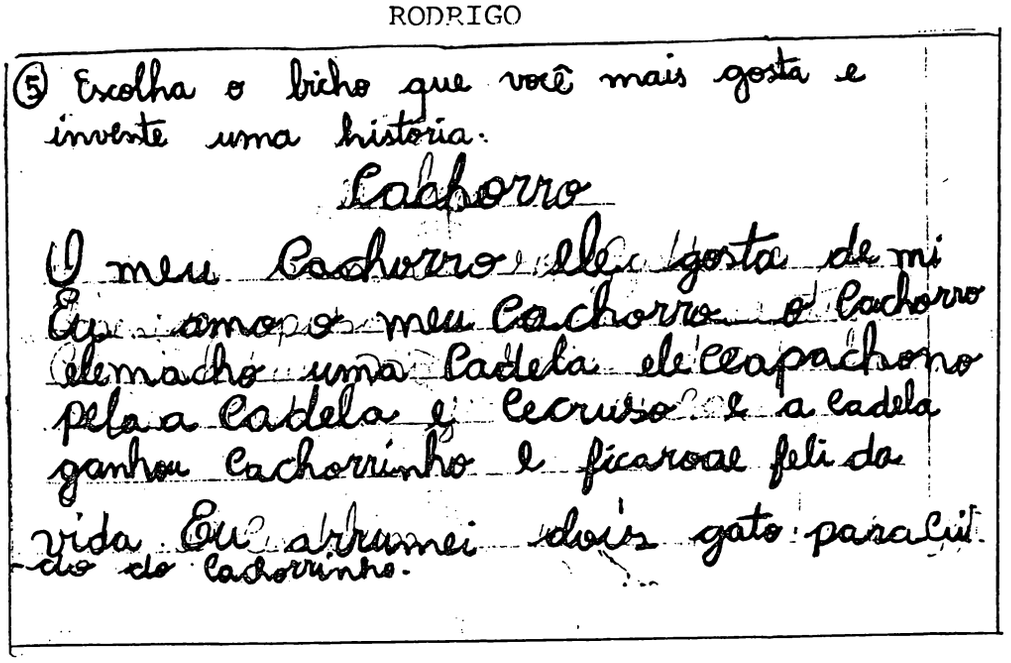
Quanto ao aspecto GRÁFICO, faz uso de letra cursiva do alfabeto, estabelecendo a correspondência parcial fonema/grafema através do domínio de relações biunívocas e de forma parcial cruzadas e arbitrárias (xarmoza = charmosa).

Outro aspecto a ser ressaltado diz respeito às trocas e supressões de letras no interior das palavras, provavelmente por influência da oralidade (bunita = bonita / vamo = vamos).

Faz-se necessário o aprofundamento dos seguintes conteúdos:

a) argumentação
b) expansão deidéias
c) discurso direto e indireto
d) espaçamento
e) uso de elementos coesivos
f) margem, parágrafo, pontuação
g) uso de maiúsculas e minúsculas
h) eliminação de repetições

RODRIGO



(5) Escolha o bicho que você mais gosta e invente uma história.

Cachorro

O meu Cachorro ele gosta de mi
Eu amo o meu Cachorro o Cachorro
ele macho uma Cadela ele ceapachono
pela a Cadela e Cecruso e a Cadela
ganhou Cachorrinho e ficaroae feli da
vida Eu arrumei dois gato para cui-
do do Cachorrinho.

Quanto ao aspecto do conteúdo do texto o mesmo apresenta uma clareza e expansão de idéias veiculadas de forma coesa e obedecendo a uma sequência que permite a compreensão do mesmo.

Quanto a forma do texto observa-se um certo domínio de determinados aspectos e precariedade de outros.

O aluno reconhece a necessidade do uso do ESPAÇAMENTO embora segmente as palavras de forma não convencional :ceapachono = se apaixonou / cecruso = se cruzou. Da mesma forma não são utilizados parágrafos e pontuação adequados o que compromete a clareza do texto.

Embora perceba-se o uso adequado da concordância verbal, a mesma sofre a influência da oralidade havendo supressão das letras finais dos verbos: acho = achou / apachono = apaixonou / cruso = cruzou / ficaro = ficaram / cuida = cuidar.

Quanto a concordância nominal o aluno apresenta dificuldades quanto ao número: ficaro feliz = ficaram felizes / dois gato = dois gatos.

Quanto ao aspecto gráfico observa-se um considerável avanço pelo aluno, que faz uso de letra cursiva estabelecendo a correspondência fonema/grafema através do domínio de relações biunívocas, cruzadas e parcialmente as arbitrárias.

Observa-se também trocas e supressões de letras nas palavras.

Trabalhar-se-ão os seguintes conteúdos:

a) argumentação
b) expansão de idéias
c) uso de sinais gráficos
d) eliminação de repetições
e) uso de elementos coesivos
f) uso adequado de maiúsculas e minúsculas
g) parágrafos, pontuação e margem.

Sapo Bolão

Eu nasci de um ovo.
O meu nome era girino.
Eu vivia na água
e tinha um rabinho.
Minha barriga aumentou.
O meu rabinho? Acabou!
As minhocas, as lesmas
e os pulgões
vão todos para o meu papo.
Agora, eu sou um sapo!
Para mim, a vida é alegria.
Por que você não vai ao lago
para ouvir minha cantoria?
Eu canto para as nuvens
e para as estrelinhas.
Eu canto para a Dona Lua
toda enfeitada de trancinhas!
Os sapinhos fazem coro
ao som do meu violão:
"Foi - não - foi!
Foi - não - foi!
Não - foi - não?
Alegre Sapo Bolão!"[17]

ATIVIDADE VIII

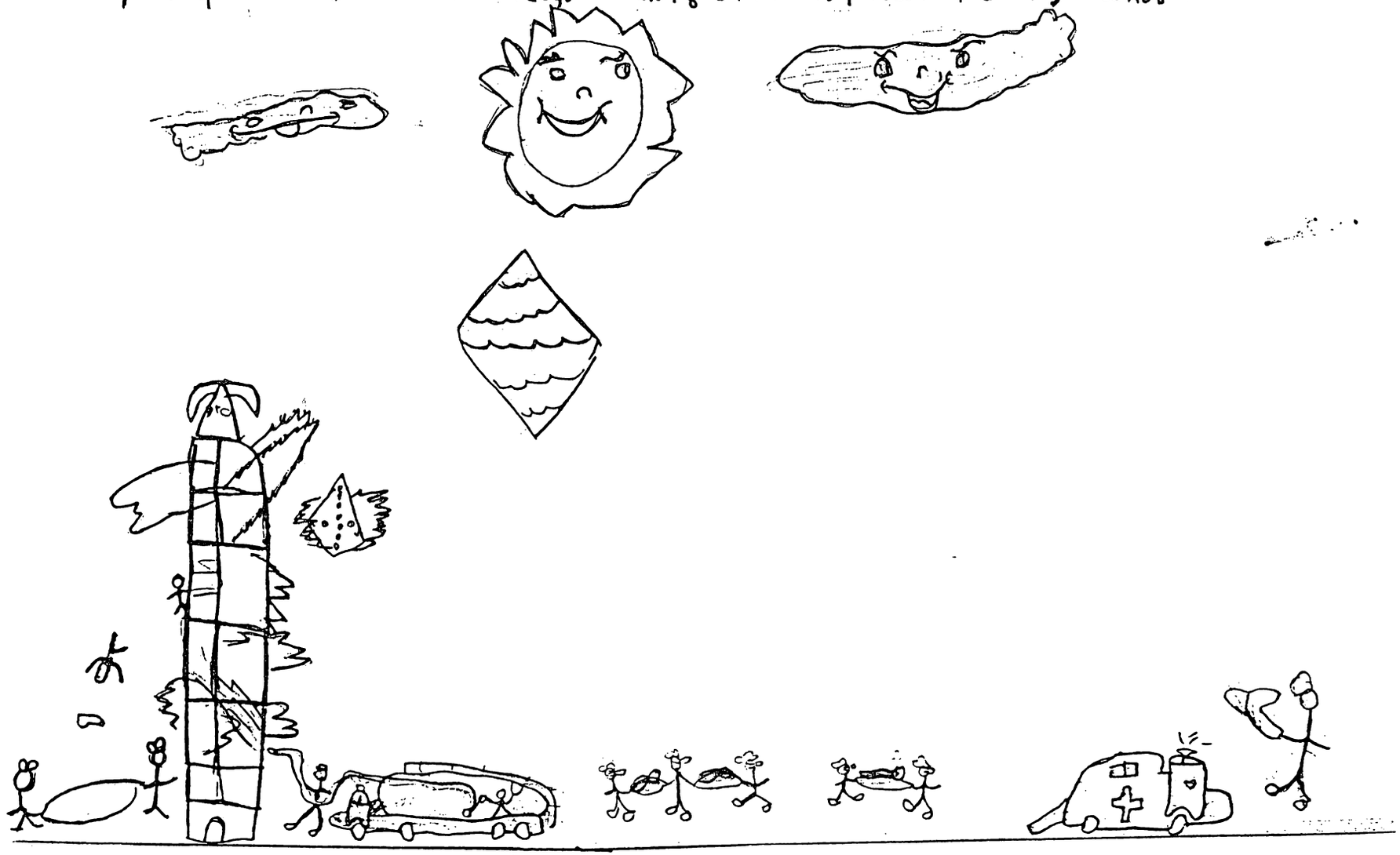
PRODUÇÃO DE TEXTO INDIVIDUAL OS BOMBEIROS

DATA: agosto/92

ANEXO VIII - PRODUÇÃO TEXTO INDIVIDUAL

Este texto foi produzido à partir de uma discussão sobre as profissões indispensáveis à comunidade. O bombeiro foi escolhido e após uma explanação oral de fatos, relatos e opiniões,cada aluno produziu o seu texto.

A minha casa pego Fogo o bonbeiro chegou logo ea pagou a minha casa ele é legal se não Foce ele aminha Familha tava morta e o bonbeiro a paga o Fogo e ele Falou voce não Faz balão eu Falei não Foi um dia voce não Fais nais e ele Falou como é seu nome eu falei é Anselmo ele Falou u maveis tinha una criança a Foga no eu pa lei na aga de 10 nétro Foi aci que eu Fiquei bonbeiro cono que voce conseque e muito difício eu senpre quis se bonbeiro Fico 2 minuto sem respirar tenho 8 anos



Quanto a ESTRUTURA do texto, a mesma fica comprometida devido a alguns aspectos ainda não sistematizadas pelo aluno. Embora reconheça a necessidade do uso de ESPAÇAMENTO, segmenta as palavras muitas vezes de forma não convencional (a pagou = apagou, aminha = a minha, foiaci = foi assim).

Utiliza-se do DISCURSO DIRETO, porém não faz uso adequado da pontuação o que compromete a clareza e a compreensão do texto. Utiliza alguns sinais de pontuação e acentuação de forma arbi - trária como a vírgula, o travessão, o "til" e o acento agudo.

Quanto ao aspecto GRÁFICO, faz uso de letra script simplificada estabelecendo relações biunívocas, cruzadas e parcialmente arbitrárias. Apresenta trocas, acréscimos e supressões de letras pela sistemática influência da oralidade: checou = chegou, bombeiro = bombeiro foce = fosse familha = família veis = vez aga = água aci = assim conseque = consegue difício = difícil.

Outro aspecto interessante está na ilustração, que apresen - tasse como um outro texto, tamanha a sua significação.

Daqui para frente o seu progresso dependerá da fixação de alguns conteúdos pendentes através de muita leitura e escrita.

Através deste texto, último registro analisado observa - se que o aluno está alfabetizado. Apropriou-se de forma gradativa da linguagem escrita apresentando mudanças qualitativas a cada registro.

A criança utiliza-se da escrita de forma natural e fluente para expor seus pensamentos e comunicar suas idéias.

Quanto ao aspecto do CONTEÚDO, seu texto corresponde plena - mente, visto que possui UNIDADE TEMÁTICA e EXPANSÃO DE IDÉIAS ao relatar um fato ocorrido com ele a partir de uma discussão inicial.

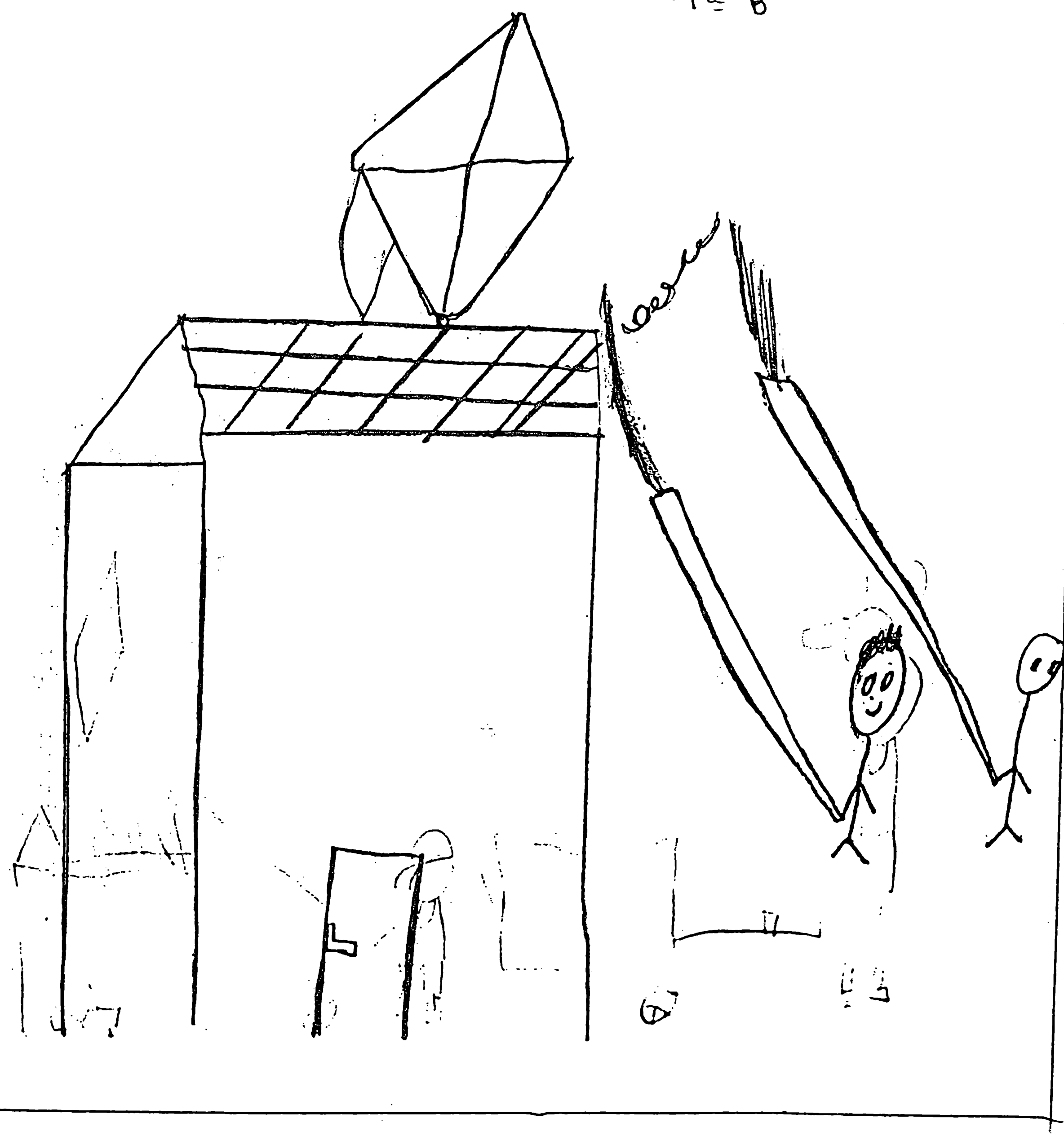
Sustenta com ARGUMENTAÇÃO todas as afirmações realizadas.Utiliza-se do conectivo "e" para ligar uma idéia a outra, porém o faz de forma repetitiva. Para referir-se ao "bombeiro", utiliza se do pronome "ele", evitando a repetição desnecessária.

Embora realiza tanto a CONCORDÂNCIA VERBAL e NOMINAL de forma adequada, a faz com a influência da oralidade, suprimindo ou acrescentando algumas letras: "tava = estava fais = faz afogano = afogando se = ser pego = pegou".

TEXTO 2

O bombeiro é legal.
Ele apaga o fogo
O babero sauva pesoa
do mavo babera elegoiabea paga o fogo
da casa camagera
i ele gota de apaga o bu jou
O balovpeju digaacasa
o babe uza sorva vibà.

Jocimara 1ª B



Através deste último registro observa-se que embora o aluno atribua valores sonoros aos grafemas, esta relação ainda é precária.

A maioria dos conteúdos não foram ainda sistematizadas.

Embora todas as idéias do texto se reportem a um tema central, não caracteriza-se a COESÃO TEXTUAL. Há uma descrição de fatos que não obedecem a uma SEQÜÊNCIA LÓGICA.

Embora haja a ARGUMENTAÇÃO de suas afirmações, a não utilização da conjunção explicativa "porque" como elemento coesivo confere um aspecto descritivo ao texto.

O aluno reconhece a necessidade da segmentação das palavras e muitas vezes o faz de forma arbitrária. Há uma precariedade em termos de uso dos sinais de pontuação e utilização de parágrafos.

O aluno apresenta um progresso gradual em termos de escrita, encontrando-se em um nível intermediário do processo de alfabetização, apresentando dificuldades mesmo nas relações biunívocas:

bobero	=	bombeiro	mau	=	mal
sauva	=	salva	gota	=	gosta
pesoa	=	pessoa	magera	=	mangueira
ca	=	com	bujou	=	botijão(bujão)
pejudica	=	prejudica	uza	=	usa
sava	=	salva	viba	=	vida

Neste caso há ainda que sistematizar-se vários conteúdos, a fim de se garantir a qualificação mínima do aluno no processo de alfabetização até o final do ano:

a) expansão de idéias
b) seqüência lógica
c) uso de elementos coesivos
d) eliminação de repetições
e) espaçamento
f) uso adequado de sinais gráficos
g) uso de maiúsculas e minúsculas
h) relações bunívocas, cruzadas e arbitrárias

CAPÍTULO V
CONCLUSÃO

Após a sistematização de todas as informações e reflexões realizadas durante o desenrolar do processo educativo fica certamente difícil avaliar a experiência vivenciada durante este ano.

Por um lado este trabalho ofereceu a possibilidade de vislumbrar o processo de alfabetização de uma forma muito mais científica do que intuitiva.

Científica no sentido de um fazer pedagógico comprometido com a explicação dos fatos lingüísticos vivenciados pelas crianças.

Uma prática que vai além daquela tradicional - presa aos limites do livro didático em seu planejamento - em busca de realizar-se tendo sempre como elemento norteador as dificuldades apresentadas em relação ao processo de apropriação da escrita no dia a dia, em sala de aula, pelos alunos.

O professor orientará sua prática a partir daqueles conceitos já dominados pelas crianças, criando situações, aguçando a criatividade, extrapolando os limites por elas impostos, tornando-se assim um "criador de andaimes" levando seu aluno a galgar níveis mais avançados de conhecimento.

A síntese teórica explicativa da realidade pedagógica permitiu um avanço extraordinário na compreensão do processo educativo.

A análise sistemática das atividades proporcionou uma reflexão aprofundada e coerente do imenso caminho percorrido pela criança em seu processo de apropriação da linguagem escrita.

O mesmo, embora possua aspectos semelhantes, comuns à maioria das crianças, diferencia-se por ritmos individuais muito próprios que caracterizam trajetórias diferenciadas que devem ser compreendidas pelo professor, que através da sua mediação possibilitará um mesmo ponto de chegada ao final do período: a apropriação da linguagem escrita.

Por outro lado, embora haja o reconhecimento dos vários objetivos alcançados, ficam claras as limitações que implicam a realização de um trabalho como este, tais como a não disponibilidade de tempo que o mesmo exigiria para obtenção de maior qualidade.Ou mesmo a impossibilidade de estender esta experiência a outros colegas ou até discutir com as colegas de curso as dificuldades dúvidas e

impressões enfrentadas na realização deste estudo.

E finalmente, apesar de todo o esforço dedicado, talves a possibilidade de não haver expressado em sua sistematização as idéias com a clareza e objetividade desejadas.

Na verdade, o que ora apresenta-se como o produto de toda um estudo significa na verdade o ponto de partida para reflexões futuras.

De qualquer forma espera-se que este trabalho constitua-se em contribuição teórico-metodológica aos colegas alfabetizadores e que os mesmos possam extrair dele todo o proveito, utilizando - o como mais um instrumento na realização histórica de seu trabalho.

SUELI DE FÁTIMA FERNANDES
Dezembro/92

ANEXOS: ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA DE AULA

1. O NOME PRÓPRIO

1.1. Os alunos sentam-se nas carteiras ou no chão, formando uma roda. Apresente o seu nome (professor) e converse sobre o significado dos nomes para as pessoas. Peça para cada criança falar alto o seu próprio nome e à medida que forem falando, escreva-os em cartões do mesmo tamanho. É importante escrever à vista da criança. Distribua os cartões. Chame duas crianças com seus respectivos cartões, uma das quais tenha o nome mais extenso do que a outra. Leia o nome das duas e pergunte: Qual dos nomes é maior ? Quantas letras tem o nome menor ?

Oriente para que as crianças disponham seus cartões no centro da roda e os separem, colocando de um lado os nomes maiores e do outro os menores. Pergunte se eles sabem por que alguns nomes têm mais letras que outros. Estimule e ajude a organizar a discussão. O importante é que as crianças expressem suas idéias e ouçam as dos outros.

1.2. Chame uma criança à frente da classe e escreva seu nome na lousa, lendo-o em voz alta e perguntando, por exemplo: Quem de vocês tem o nome que começa igual ao nome da Maria ? À medida que as crianças forem se apresentando, chame-as à frente, escrevendo os nomes um abaixo do outro, na lousa. Chame atenção para o mesmo som e a mesma escrita inicial.

Realize esta atividade, trabalhando também, com todos os nomes da classe: as crianças dispõem seus cartões no chão, no centro da roda. Orienta para que separem os nomes que começam igual. É importante que haja uma situação organi-

zada que os desafie a pensar sobre a relação entre a palavra falada e a escrita. Uma situação que favoreça a interação entre os alunos.

Desenvolva este tipo de atividade, trabalhando com os nomes que terminam iguais.

1.3. Coro de nomes:

Os alunos em pé, formam uma roda. Recolha os cartões e mostre um deles, perguntando: Quem é o dono deste nome ? Se a criança identificar, vai ao centro da roda, fala o seu nome em diferentes formas: alto, baixo, grave, agudo, cantando, depressa, devagar, etc. A criança fala e os outros repetem. Porém, se a criança não conseguir identificar o seu nome, deixe que a classe arrisque palpites. Não dê a resposta imediatamente, espere que cheguem a um consenso.

1.4. Identificando o próprio nome:

Coloque todas as fichas com os nomes das crianças em uma caixa. Cada criança que chega pega o seu nome e coloca em outra caixa (dos presentes). Conferir o nome dos ausentes, lendo as fichas que sobrarem.

1.5. Descobrindo a ordem dos nomes:

Escreva o nome de três crianças na lousa. Por exemplo: Maria, José, Carlos. Leia os nomes em voz alta, na ordem em que aparecerem e pergunte à classe: "Qual o nome que eu disse primeiro ? Muito bem. Então, Maria, venha passar o dedo sobre a escrita do seu nome, apagando-o." Repita os três nomes, perguntando qual o último e qual o segundo, procedendo da mesma forma que em relação ao primeiro.

1.6. Rima:

Oriente a atividade dizendo: Prestem atenção nos nomes que eu vou dizer, vocês vão pensar em outras palavras que combinem com eles. Por exemplo: "Quando eu disser João, vocês podem falar: sabão, pão, mamão, mão,etc.

1.7. Desafio dos nomes:

Divida a classe em dois grupos, por exemplo: grupo A e B. Entregue ao grupo A cartões com os nomes dos alunos do gurpo B e vice-versa. Os alunos do grupo B dirão um nome, cujo cartão se encontre com o grupo A. Ex.:Reginaldo. Os alunos deste último grupo deverão tentar descobrir o cartão correspondente. Ajude-os, dando dicas como: começa como o nome do Renato, da Regina. Quando descobrirem, deverão confirmar com o dono do nome e um deles escreverá na lousa. Acertando, a equipe ganha um ponto.

1.8. Descubra o que falta:

Escreva seu nome na lousa várias vezes, faltando sempre uma das letras. Exemplo:

Marisa

Maris...

...arisa

Mar...sa

Ma...isa

Dirija-se aos alunos dizendo:

- Este é o meu nome, Marisa. Eu escrevi várias vezes. Na primeira está escrito inteiro. Nas outras vezes, falta sempre uma letra. Vamos descobrir que letras estão faltando. Aponte linha por linha e analise com os alunos as letras que

estão faltando em cada uma delas.

1.9. Descubra a letra:

Escreva na lousa, os nomes de alguns alunos, faltando sempre a mesma letra, por exemplo: a vogal a. Lance o desafio para que descubram a letra que está faltando em cada um dos nomes.

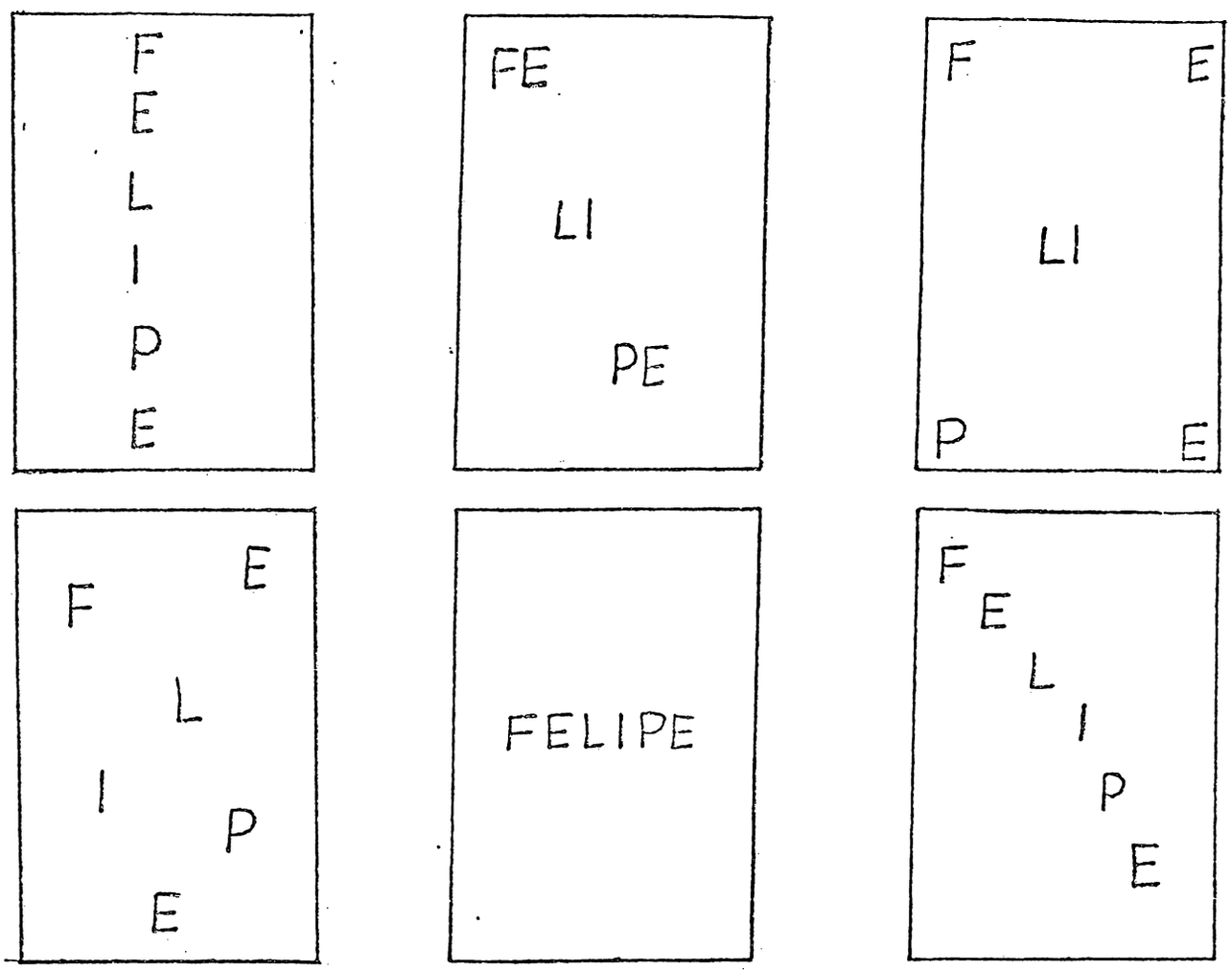
Ex.: Aparecid... F...tima
M...ra C...rlos
M...rio J...ir

Aponte o nome e solicite ao dono de cada um deles que se apresente e venha à lousa para completar o seu nome com a letra que falta. Pergunte a cada um como foi que descobriu a letra que estava faltando.

Confirme com a classe, concluindo com eles que em todos os nomes estava faltando a mesma letra: a. É importante que percebam que, independente do lugar que nos nomes, a letra a tem sempre o mesmo som. Esta atividade pode ser usada em outros momentos, com outras letras.

1.10. Escrever em cartões o nome dos alunos de diversas maneiras:

Exemplo:



Todos os cartões são colocados em uma caixa e a criança procura todos os que têm o seu nome.

1.11. Bingo de letras:

Cada criança marca em seu cartão com nome, as letras que forem sorteadas pela professora, que terá num pacote todas as letras do alfabeto, inclusive K, Y e W.

1.12. Identificar as vogais:

Lista com o nome das crianças da classe (mimeografada), cada aluno identifica e pinta as vogais.

1.13. Loteria das Letras:

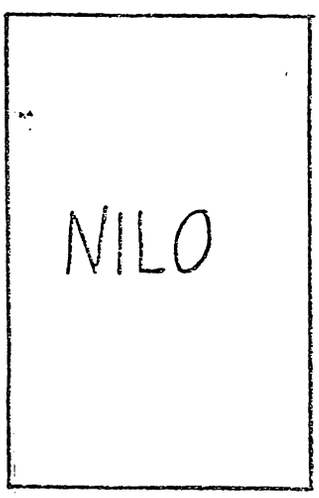
NOMES	S	L	R	E
Cleide		X		X
Ghislaine				
Marina				
Rosane				
Selma				
Silma				
Sonia				
Teresa				
Valmir				

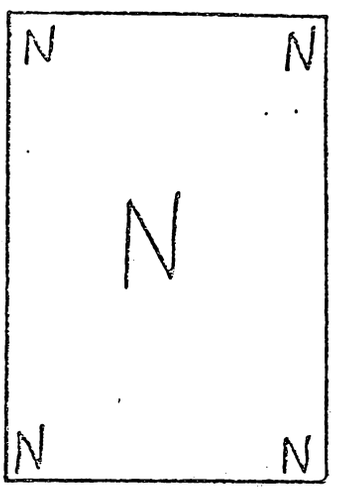
1.14. Quebra-cabeça com nomes:

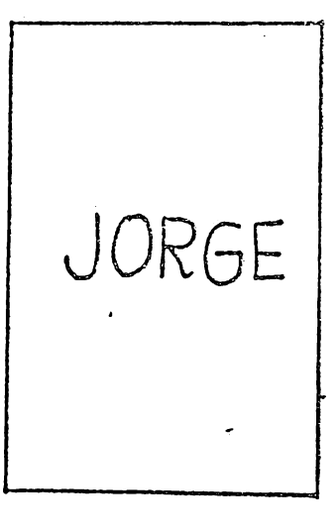
Fichas com os nomes, recortadas de diferentes formas, que serão utilizados como quebra-cabeça, para se chegar ao nome completo.

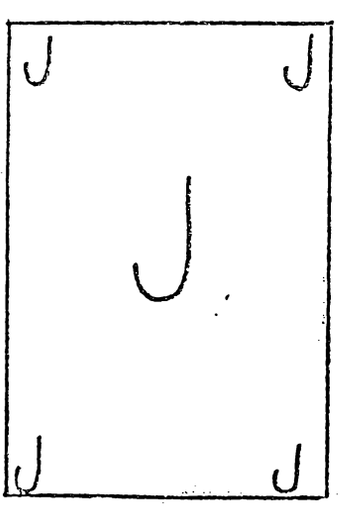
1.15. Baralhos:

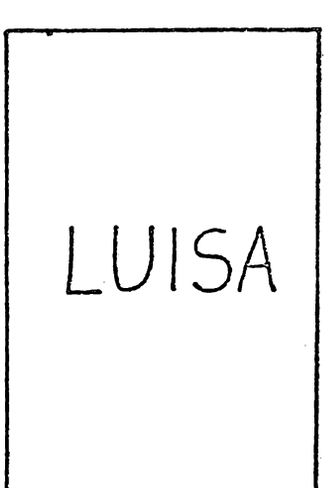
Confeccionar baralhos para jogos diversos:

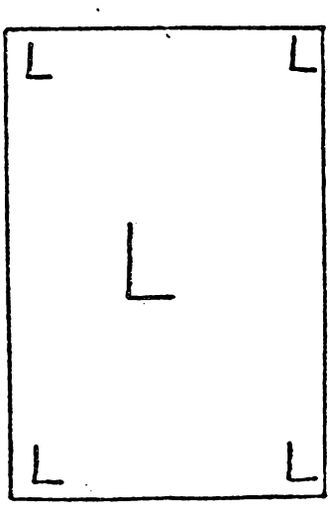












2. JOGOS E MATERIAIS DIVERSOS

2.1. Peixinhos:

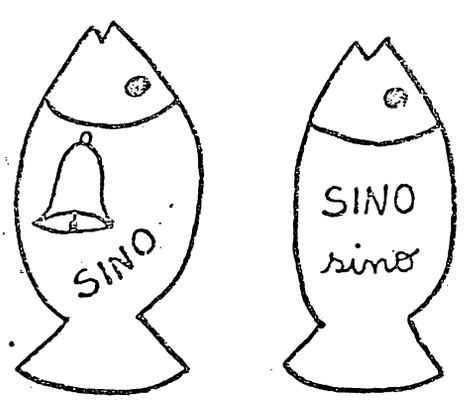
Apresentação: Painel com letras de A a Z, escritas em maiúsculas (de forma) e minúsculas (cursivas). Cada letra terá que ter um ganchinho para ser pendurado o peixinho.

- Uma caixa cheia com serragem
- Uma vara de pescar
- Peixinhos com:

a	b	c	d	e
f	g	h	i	j
l	m	n	o	p
q	r	s	t	u
v	x	z		

a) palavras

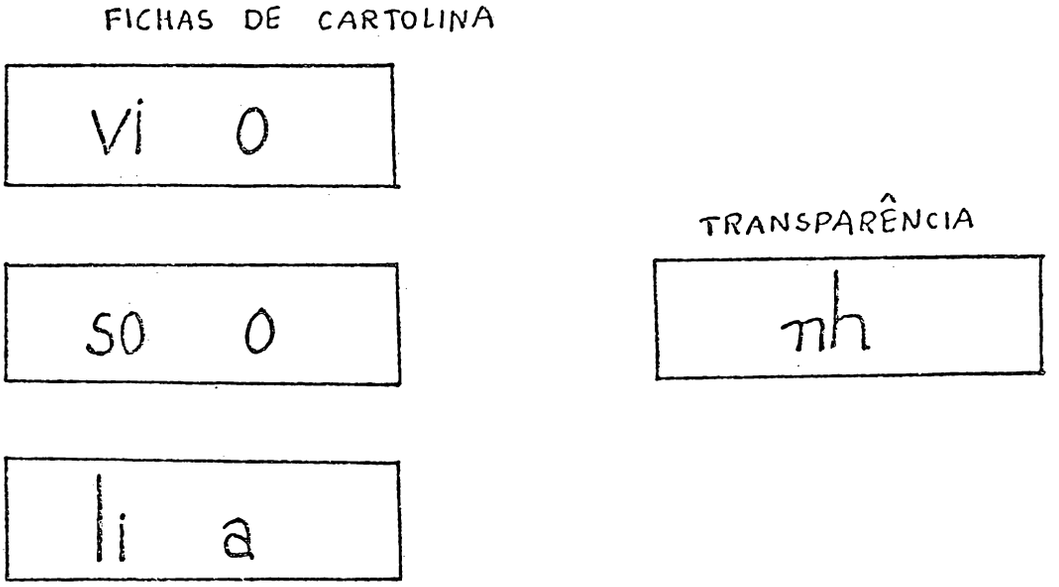
b) desenhos ou figuras coladas



Utilização: A criança pesca o peixinho, observa o desenho/palavra escrita nele e pendura no ganchinho correspondente à letra do peixinho pescado. Ex.: Pesca a CASA e pendura na letra C, do painel.

2.2. Transparências e fichas

Apresentação: Fichas com palavras faltando dígrafos, ou letras, ou sílabas, ou encontros consonantais. Essas fichas são feitas em cartolina. Na transparência faz-se a parte que se completa.



Utilização: As fichas em cartolina são escolhidas pelas crianças que, a seguir, vão encontrar a transparência com a complementação da palavra de sua ficha. A atividade poderá ser complementada pela leitura do grupo das palavras, e a representação através do desenho.

2.3. Avião:

Apresentação: aviãozinho confeccionado pelos alunos.

utilização: Texto escrito no quadro, quando o aviãozinho passar por uma determinada palavra do texto, as crianças terão que ler a palavra.

Ex.: Vamos fazer de conta que o quadro é um gran-

de campo e as palavras (do texto) aqui escritas, cidades. Quando o avião passar pela cidade que vamos escolher, vocês devem ler a palavrinha.

2.4. Jogo de palavras:

Apresentação: palavras recortadas de revistas pelas crianças.

Utilização: colocar em envelopes, guardar, e com estas palavras, poderá mostrar frases, textos, ou até mesmo fazer cópias no caderno.

2.5. Jogos das Caixas de Fósforo:

Apresentação: Caixas de fósforo com figuras coladas na tampa, e o nome da figura escrito dentro da caixa.

Utilização: As crianças poderão ver a figura, abrir a caixinha, ler a palavrinha escrita, e depois copiar no caderno, ou mesmo formar frases, escrever textos etc.

2.6. Alfabeto Concreto (com figuras)

Apresentação: Cartolina contendo letras de A a Z em quadrados regulares. Quadrados de cartolina com figuras coladas ou carimbos.

Utilização: A professora colocará todos os quadrados dentro de uma caixa, ou sacola, a criança irá tirando os quadrados e colocando-os sobre o quadrado da letra inicial.

2.7. Televisão

Apresentação: Uma caixa de papelão transformada em televisão, com espaço vasado no lugar da tela.

Utilização: Poderá ser usada em situações de linguagem oral, simulação de um programa de TV e exposição dos trabalhos feitos. Também para teatro de fantoches, divulgação de avisos da classe, da escola e de mensagens sobre datas expressivas.

2.9. Alfabeto Concreto (com objetos)

Apresentação: Cartolina contendo letras de A a Z em quadrados regulares. Sacolas contendo objetos variados, trazidos de casa pelas crianças.

Utilização: As crianças vão retirando objetos da sacola, uma por vez, e colocando-os sobre o quadrado da letra inicial do objeto.

Por exemplo: Um carrinho de plástico poderá ser colocado sobre o C; um palito de sorvete sobre o P e assim por diante.

2.9. Monóculo

Feche um dos lados do canudo de papel higiênico com um pedaço de papel de seda ou vegetal, onde deve estar desenhada uma figura com a palavra correspondente.

A criança olha e procura identificar a palavra visualizada, numa lista de palavras escritas.

Variação: a criança pode também, depois de olhar, escrever a palavra.

2.10. Boliche

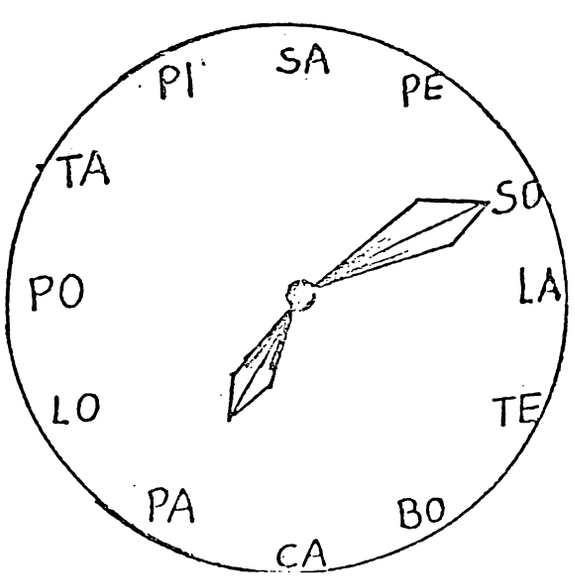
Escreva várias palavras ou vários nomes em frascos plásticos (de álcool, shampoo, detergente, água etc.). A criança recebe um cartão com uma das palavras correspondentes e tentará derrubar, com uma bola (de preferência de meia), o boliche que tem a palavra igual a sua.

2.11. Baralho

Confecção de baralhos para jogos como: memória, mico etc.

2.12. Relógio de sílabas

O aluno poderá formar palavras combinando as sílabas, marcando-as com os ponteiros do relógio.



3. LEITURA E ESCRITA

A partir de temas sugeridos pelo professor ou pelas crianças, pode-se produzir textos que serão registrados em papel e fixados na sala. Durante alguns dias, pode-se retomar a leitura destes textos, fazendo com que os alunos percebam que só foi possível retomar a história por ter sido registrada por escrito.

Assim, as atividades de leitura e escrita se darão sempre em contextos significativos. Mesmo quando se trabalhar apenas com palavras, estas serão retiradas do texto produzido pela classe ou literários.

3.1. Leitura de histórias escritas

Selecione alguns livros de histórias, do interesse das crianças, e leia diariamente capítulos da história ou a história toda quando for pequena.

3.2. Quadro de Novidades

Utilize notícias de jornal ou revistas que tenham imagem e texto para compor um mural. Procure despertar interesse das crianças para tentar ler o que está escrito: final de novela, animal que nasceu no zoológico, notícias relacionadas à comunidade. Registro de lembretes combinados, receitas, regristro de fatos importantes da classe, etc.

3.3. Correio

Proponha que a classe escreva bilhetes ou cartas para outras classes, entre elas, programas de televisão, outra escola, etc.

Mantenha uma comunicação com os pais, através de bilhetes produzidos no quadro junto com as crianças.

Seja redator (a) da classe escrevendo as idéias que as crianças tiverem.

Se você puder usar o mimeógrafo a álcool dentro da classe, elas poderão participar de toda a produção.

Estes bilhetes podem ser os avisos sobre festas, feriados, campanhas de vacinação, etc.

3.5. Cantinho das revistas

Num canto da classe, você poderá, com o auxílio dos alunos, formar "cantinho" de revistas de histórias em quadrinhos, ou jornais que trazem essas histórias, para que fiquem à disposição das crianças.

3.6. "Falar" por escrito

Escreva em tiras ou no quadro, recados, avisos simples, coisas agradáveis e/ou engraçadas e mostre-as às crianças sem falar o que está escrito. Elas levantarão hipóteses, e tentarão lê-las. Use, entre as palavras escritas, algumas que já sejam conhecidas pelas crianças, nomes de alunos da classe, para que sirvam de "pistas" de leitura. Exemplo: "A Fernanda veio de luvas". Como pista, você poderá dizer: "Hoje está frio e alguém está usando algo para aquecer as mãos."

3.9. Ditado com figuras

Arrume duas caixas: uma com figuras, outra com os nomes das figuras. Uma criança vai a caixa de figuras tira uma mostra para a classe e coloca no aparador de giz do quadro (ou flanelógrafo). Todos escrevem o nome daquela figura. Chame uma criança para esrever no quadro e deixe que a classe decida se é assim que se escreve.

Em seguida outra criança vai à outra caixa e procura o nome do desenho.

Coloca ao lado da figura para a classe comparar a escrita.

3.10. Ditado de folha dobrada

Escreve algumas palavras, já conhecidas ou exploradas em textos, no quadro, uma por vez.

As crianças lêem e depois copiam numa parte da folha. Depois de lidas e copiadas todas as palavras, elas dobram a folha,"escondem" as palavras que copiaram, o professor dita uma por uma, para que escrevam. Em seguida, podem abrir a folha e comparar.

Em folha de papel palavras trabalhadas —
P - pata pepino
pena
pipoca

3.11. Palavras escondidas

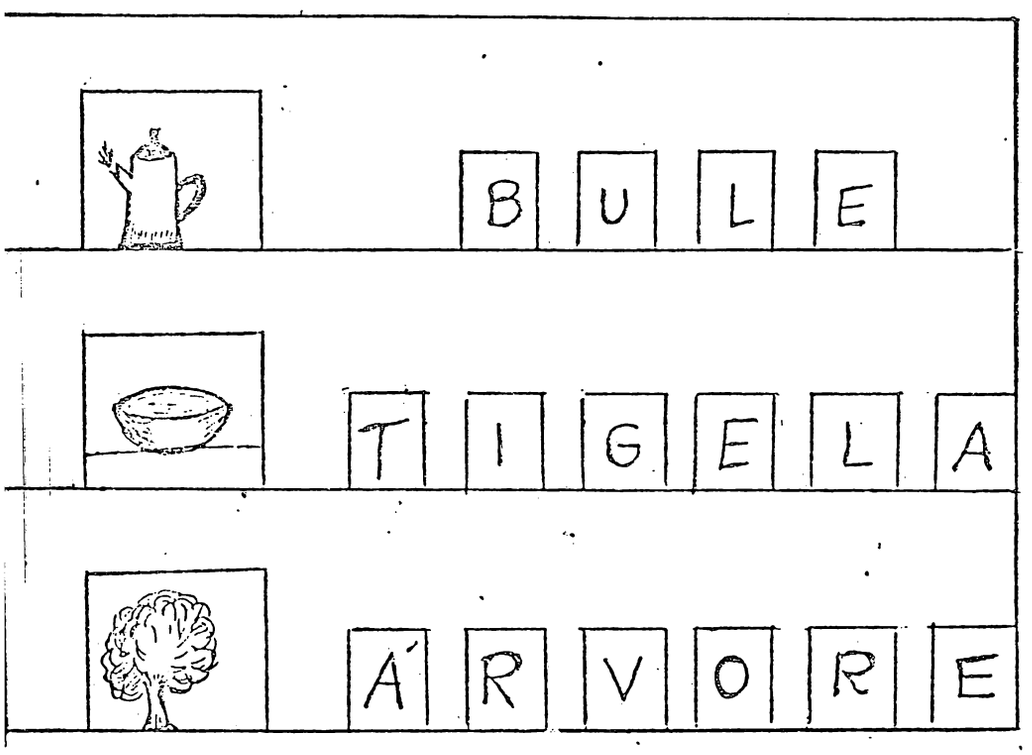
Em folha de papel sulfite, escreva palavras com o lápis branco de cera. Distribua as folhas para que as crianças pintem com tinta gouache.

As palavras escritas com lápis-cera aparecerão imediatamente. As crianças tentarão ler, uma a uma.

Essa atividades poderá ser feita em grupo.

3.12. Ditado de palavras com alfabeto móvel:

Usando o cartaz de pregas e o alfabeto móvel, você pode propor a escrita de palavras. Faça pequenos cartões com as figuras ou desenhos que correspondam às palavras propostas.



O cartaz pode ficar num determinado ponto da classe e os alunos vão se revezando para o seu uso.

Pode-se propor diferentes situações-problemas:

- escolher palavras que iniciem com L
- palavras que iniciem com T
- palavras com a sílaba PI, etc.

Variação: apresente palavras com a ordem trocada, para que o aluno coloque em ordem.

3.13. Mensagem Secreta

Escreva, em tirinhas de papel, palavras conhecidas pelas crianças. Enrole as tirinhas, coloque dentro de tampas de garrafa (plástica). Faça, no quadro, desenhos correspondentes às palavras escritas nas tirinhas. Convide uma criança para vir à frente sortear uma das tampinhas, identificar e escrever, logo abaixo do desenho, a palavra sorteada.

3.14. Chocalho

Oriente as crianças para que confeccionem um chocalho com dois copinhos de iogurte colados com durex, contendo pedrinhas.

Escreva na lousa palavras (destacadas do texto), peça que as crianças leiam e balancem o chocalho, à medida que emitem as sílabas correspondentes.

Em seguida, pergunte às crianças quantas vezes balançaram o chocalho para dizer a palavra.

Variação: pode ser feita, batendo palma.

3.15. Circulando

Desenhe, no chão, círculos grandes e escreva palavras conhecidas dentro dos mesmos.

Distribua, às crianças, cartões com as palavras dos círculos. Algumas crianças receberão cartões com as palavras iguais.

A um sinal dado, as crianças procuram colocar-se dentro dos círculos correspondentes às palavras dos respectivos

cartões.

O representante de cada círculo será encarregado de contar quantas crianças se encontram com ele, escrevendo o número no chão. Os demais grupos conferem a quantidade referida.

3.16. Brincando de Forca

Divida a classe em dois times. Desenhe no quadro a forca com um boneco pendurado. Distribua para cada time um saquinho com cartões de palavras. Um aluno de cada time sorteia uma palavra que deverá ser lida e escrita no quadro. O time poderá ajudar. Caso não haja acerto apague uma parte do boneco. Ganha o time que tiver o boneco mais completo.

3.17. Jogando com palavras

Retire uma palavra de um texto e escreva-a no centro do quadro. Por exemplo: COBRA.

Pergunte às crianças:

— Como começa a palavra COBRA ?

Oriente para que falem outras palavras que comecem igual a COBRA. Escreva-as no quadro (ou papel que será fixado na sala).

Providencie uma bola de jornal e comece o jogo arremessando-a a uma criança, dizendo:

— Fui à rua e encontrei uma COBRA.

A criança que receber a bola, deverá repetir a frase e trocar a palavra COBRA por outra que comece igual.

Ex.:

— Fui à rua e encontrei uma COLA.

O jogo continua até se esgotarem as palavras que comecem com CO.

Variação: a mesma atividade poderá ser feita com palavras que terminem como COBRA.

3.18. Construindo a palavra

Providencie palitos de fósforo usados para cada criança, a fim de que representem uma palavra sugerida por um aluno, sobre a carteira. Por ex.: BATATA

Escreva a palavra BATATA no centro do quadro para que as crianças tenham um referencial. Depois de construirem a palavra com palitos, copiam-na no caderno com letra cursiva e desenham.

3.19. Ditado - adivinhação

Inicie a atividade, descrevendo os objetos correspondentes às palavras. À medida que adivinham qual é o objeto, mostre o desenho e peça que escrevam no caderno, a palavra correspondente. Exemplo:

— O que é, o que é, serve para brincar, é feita de papel fino e precisa de vento para subir ? (PIPA)

— O que é, o que é: é um elemento natural, dá sombra, frutos ... ? (ÁRVORE).

3.20. Caça-palavra

Faça um quadro, na lousa, e escreva dentro as palavras como: PETECA, ÁRVORE, BOLA, CASA, etc., e mais algumas le-

tras isoladas, assim:

S	P	E	T	E	C	A	G	L	A	C	G
T	V	X	E	L	A	R	V	O	R	E	L
P	O	N	I	H	S	C	H	M	P	D	M
Q	R	S	V	U	A	D	I	B	O	L	A
Z	T	A	X	B	F	E	J	N	Q	F	R

Convide alunos para que descubram as palavras "escondidas". Ao descobrirem, apagam com o dedo e escrevem novamente a palavra ao lado do quadro.

3.21. Reestruturação de história

Proponha às crianças a elaboração coletiva de uma história oral. À medida em que as crianças falam, registre no quadro tal e qual. Ao final, faça uma leitura com as crianças para observar repetições: "né", "daí", etc.

Procure mostrar que o que se fala e se pensa pode ser escrito, mas a linguagem escrita é diferente da oral. Partindo desse pressuposto reestruture o texto com os alunos.

3.7. Leitura incidental dos nomes dos objetos

providencie para que todos os objetos da sala de aula contenham cartões afixados com o nome correspondente.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALVES, Gilberto Luiz. Da História à História da Educação, São Carlos, UFSCar, 1981

BACON, Francis. Novum Organum, São Paulo. Abril Cultural,1979 Ver os pensadores

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo, Hucitec - 1986

CHAUÍ, Marilena. O que é Ideologia? 6ª ed.São Paulo, Brasiliense,1981 - Primeiros Passos

ENGELS, Friederich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. São Paulo - Global - 1986

FARACO, Carlos Alberto. Características do Sistema Gráfico - Português. Secretaria Municipal de Curitiba, 1988

FIGUEIRA, Fanny Goldfarb. Cadernos do Arquivo de História Contemporânea. São Carlos nº 2, 1987.

_____ , Crise da Sociedade e Crise da Educação. Curitiba,1990 mimeo

_____ , Reflexões sobre a História, s/d mimeo

KLEIN, Ligia R. Alfabetização: Elementos para uma concepção de Alfabetização. Curitiba SEED-DESU, 1990. texto mimeografado

MARX, Karl. ENGELS F. A Ideologia Alemã. (I.Feuerbach) São Paulo, Ciências Humanas, 1982

MARX, Karl in. Obras Escolhidas vol. I, III. São Paulo, Alfa - Omega, s.d.

NAGEL, Lizia Helena. Avaliando as Avaliações. UEM, mimeo, s.d.

_____. A Psicologia, vista de fora: algumas impertinências. Maringá UEM, mimeo, s.d.

_____. A crise da Sociedade e a Crise da Educação. Curitiba, 1991, mimeo

_____. Quando o conteúdo vai além da frase. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC. s.d.

PEREIRA, Silvina Rosa. Elementos para uma compreensão histórica dos Conteúdos. UEM. Maringá, 1991

TULIO, Guaraciaba. Afinal Proudhon venceu? Dissertação (Mestrado em Educação), Piracicaba, 1989

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes, 1984

_____. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1987

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na Escola. São Paulo Global, 1985